

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

**Contos Machadianos na Formação do Leitor Literário
no Ensino Fundamental: da Leitura à Autoria**

Luciene de Lima Alves

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**CONTOS MACHADIANOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
NO ENSINO FUNDAMENTAL: DA LEITURA À AUTORIA**

LUCIENE DE LIMA ALVES

Sob orientação do professor
Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Curso de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ
2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A472c Alves, Luciene de Lima, 1971-
 Contos machadianos na formação do leitor
 literário no ensino fundamental: da leitura à
 autoria / Luciene de Lima Alves. - 2018.
 192 f.: il.

 Orientador: Marcos Estevão Gomes Pasche.
 Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras
 - PROFLETRAS, 2018.

 1. Leitura literária. 2. Formação do leitor. 3.
 Contos machadianos. 4. Ensino fundamental. I.
 Pasche, Marcos Estevão Gomes, 1981-, orient. II
 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
 Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS III.
 Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

LUCIENE DE LIMA ALVES

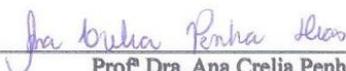
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/02/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche (UFRRJ)
Orientador



Profª Dra. Ana Crelia Penha Dias (UFRJ)
Avaliador externo



Profª. Dra. Luiza Alves de Oliveira (UFRRJ)
Avaliador interno

SEROPÉDICA – 2018

Dedico este estudo aos meus alunos, com quem aprendo tanto a cada dia.

AGRADECIMENTOS

À minha família e, em especial, à minha mãe, Ivonete de Lima Alves, pelo empenho que sempre dispensou à construção do meu conhecimento e à continuidade dos meus estudos.

Ao meu marido, Marcelo Ferreira Santos, pelo incentivo e companheirismo, além da disposição em ouvir minhas conjecturas, ler meus textos e contribuir com observações relevantes.

À minha filha Luiza, pela menina responsável e parceira que é. Também pela preciosa colaboração, digitalizando as redações que compõem os anexos desta dissertação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Pasche, pela leitura atenta dos meus textos e pelas sugestões bibliográficas, com apreciações que nortearam a produção desta pesquisa. E por todo o tempo dispensado, do início do percurso à defesa.

Às professoras da banca examinadora, Prof.^a Dra. Ana Creliá Dias e Prof.^a Dra. Luiza Alves de Oliveira, por disponibilizarem seu tempo e pela leitura cuidadosa, tanto do projeto de qualificação quanto do trabalho final, com orientações e dicas enriquecedoras.

À direção do Centro Educacional Integrado Vieira da Silva, onde apliquei as atividades didáticas do projeto que compõe este trabalho, com especial gratidão à diretora adjunta Sandra Maria Eulália, sempre disposta a me auxiliar em diversos momentos.

À minha amiga Elenice Almeida, que me apontou o caminho do PROFLETRAS.

À minha amiga Roberta Campos de Carvalho, pelas conversas e trocas de experiência, que muitas vezes me ajudaram a elaborar melhor os pensamentos relacionados a este estudo.

À amiga Débora Freitas, que se tornou parceira de trabalhos e conversas desde a aula inaugural do Mestrado.

Às amigas-irmãs Beth e Lea, por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado, incentivando e torcendo, felizes com minhas conquistas.

Aos meus queridos alunos do C.E.I. Vieira da Silva, por aceitarem participar desta pesquisa e por seu carinho no cotidiano da sala de aula e sempre.

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Antonio Candido

Leio por instruir-me; às vezes, por consolar-me. Creio nos livros, e adoro-os.

Machado de Assis

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência; a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me.

Guimarães Rosa

RESUMO

ALVES, Luciene de Lima. **Contos machadianos na formação do leitor literário no Ensino Fundamental: da leitura à autoria**. 2018. 192p. Dissertação (Mestrado profissional em Leitura e Letramentos) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

Esta pesquisa investiga a formação do leitor literário no Ensino Fundamental. Para tanto, foi proposta uma sequência didática envolvendo contos de Machado de Assis em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, nos anos de 2016 e 2017, em uma escola da rede pública no município de Barra Mansa, RJ. Tal sequência didática compreendeu leitura de contos machadianos variados, estudo da estrutura do gênero conto e, ao final, leitura e reescrita do conto machadiano “O caso da vara”. Os alunos deveriam modificar o foco narrativo de narrador-onisciente para narrador-personagem, sob o ponto de vista de Lucrécia, escrava que quase não fala no texto. A ideia fundamental deste trabalho está calcada no pensamento de Antonio Candido, que entende o acesso à literatura como um direito de todos. Além disso, reflete sobre a formação literária como um processo contínuo, subjetivo e que se realiza quando o estudante é exposto a variadas experiências literárias ao longo de sua trajetória escolar. Para iluminar teoricamente essa reflexão, foram discutidos textos de Michèle Petit, Cecília Bajour, Jorge Larrosa, Rildo Cosson, Teresa Colomer, Paul Zumthor, Tzvetan Todorov, entre outros.

Palavras-chave: Leitura literária. Formação do leitor. Contos machadianos. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

ALVES, Luciene de Lima. **Machadian short-stories in the literary reader's formation in elementary school: from reading to authorship.** 2018. 192p. Dissertation (Master's degree in Reading and Literature) - Institute of Human and Social Sciences, Department of Letters and Communication, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

This research investigates the literary reader's formation in Elementary School. For that, a didactic sequence was proposed involving stories by Machado de Assis in two classes of 9th grade of Elementary School, in the years 2016 and 2017, in a public school in the city of Barra Mansa, RJ. This didactic sequence included the reading of varied Machado tales, a study of the structure of the tale genre and, in the end, reading and rewriting of the Machado story "The case of the stick". The students should modify the narrative focus from narrator-omniscient to narrator-character, from the point of view of Lucrecia, a slave who barely speaks in the text. The fundamental idea of this work is based on the thought of Antonio Candido, who understands access to literature as a right of all. Furthermore, it reflects on literary formation as a continuous, subjective process that takes place when the student is exposed to varied literary experiences throughout his or her school career. In order to illuminate this reflection theoretically, texts were discussed by Michèle Petit, Cecilia Bajour, Jorge Larrosa, Rildo Cosson, Teresa Colomer, Paul Zumthor, Tzvetan Todorov, among others.

Keywords: Literary reading. Reader's formation. Machadian tales. Elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	18
2.1 As Atividades Realizadas com as Turmas	19
2.2 As Sequências Didáticas Realizadas em 2016 e 2017	22
2.2.1 Pré-leitura	22
2.2.2 Leitura	22
2.2.3 Pós-leitura	23
2.2.3.1 O questionário proposto em 2017	24
3 FORMAÇÃO DE LEITORES	27
3.1 Letramento	27
3.2 Letramento Literário	29
3.3 A Formação do Leitor Literário	32
4 LITERATURA EM SALA DE AULA	35
4.1 O Conto Literário	37
4.2 O Conto Machadiano	39
4.3 Em Defesa do Cânone	41
4.4 “O Caso da Vara”	43
5 EM PRÁTICA	47
5.1 A Leitura em Voz Alta	47
5.2 A Reescrita dos Contos	50
5.3 Literatura no Ensino Fundamental	54
5.4 Da Leitura à Autoria	56
5.4.1 Situação inicial	57
5.4.2 O enredo	63
5.4.3 O desfecho	71
5.4.4 Os títulos	78
5.4.5 A autoria	79

6 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	87
A - Roteiro do Trabalho de Língua Portuguesa	87
B - Questões sobre o conto “O caso da vara”	88
C - Questionário proposto em 2017	90
ANEXOS	91
A – Termo de consentimento livre e esclarecido (2017)	91
B – Termo de consentimento livre e esclarecido (2016)	92
C – Carta de anuência (2016)	93
D – Carta de. anuência (2017)	94
E – Redação do aluno A01/16	95
F – Redação do aluno A02/16	97
G – Redação do aluno A03/16	100
H – Redação do aluno A04/16	106
I – Redação do aluno A05/16	109
J – Redação do aluno A06/16	113
K – Redação do aluno A07/16	115
L – Redação do aluno A08/16	119
M – Redação do aluno A09/16	122
N – Redação do aluno A10/16	127
O – Redação do aluno A11/16	131
P – Redação do aluno A12/16	135
Q – Redação do aluno A13/16	140
R – Redação do aluno A14/16	144
S – Redação do aluno A01/17	148
T – Redação do aluno A02/17	151
U – Redação do aluno A03/17	154
V – Redação do aluno A04/17	158
W – Redação do aluno A05/17	160
X – Redação do aluno A06/17	162
Y – Redação do aluno A07/17	166

Z – Redação do aluno A08/17	168
AA – Redação do aluno A09/17	174
BB – Redação do aluno A10/17	176
CC – Redação do aluno A11/17	178
DD – Redação do aluno A12/17	180
EE – Redação do aluno A13/17	182
FF – Redação do aluno A14/17	187
GG – Redação do aluno A15/17	190

1 INTRODUÇÃO

Em toda matéria escolar, o ensino é confrontado a uma escolha – tão fundamental que na maior parte do tempo nem é percebida. Poderíamos formulá-la, simplificando um pouco a discussão, da seguinte maneira: ao ensinar uma disciplina, a ênfase deveria recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto? E, portanto, em nosso caso: devemos estudar, em primeiro lugar, os métodos de análise, ilustrados com a ajuda de diversas obras? Ou estudarmos obras consideradas como essenciais, utilizando os mais variados métodos? Qual é o objetivo, e quais são os meios para alcançá-lo?

Tzvetan Todorov

Tanto o trecho acima, como boa parte do conteúdo do livro *A Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov, lido por mim há cerca de três anos, bem antes de iniciar o Mestrado, levaram-me a repensar minha prática docente em Literatura. Apesar de Todorov (2010, p. 27) referir-se ao ensino de Literatura na França, uma vez que participou, de 1994 a 2004, de uma comissão consultiva pluridisciplinar, ligada ao Ministério de Educação daquele país, não pude deixar de relacionar o que ele diz ao ensino de Literatura no Brasil. O autor questiona se deveríamos estudar prioritariamente as obras ou os métodos de análise dessas obras. Em relação ao ensino de Literatura no Brasil, a pergunta seria: no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, devem-se estudar características formais do gênero literário e da história da Literatura, o que normalmente acontece, ou o texto literário?

A partir dessa leitura, passei a repensar minha prática como professora de Literatura no Ensino Médio, ao perceber que, mais importante que ensinar estilos de época e suas características, o aluno deveria estar em contato mais frequente com o próprio texto literário.

Mas e a Literatura no Ensino Fundamental? Ela é ministrada? Se sim, de que modo?

Ainda que a Literatura não conste como disciplina formal no currículo escolar do Ensino Fundamental na maioria das redes, bem como na Prefeitura Municipal de Barra Mansa, da qual faz parte o Centro Educacional Integrado Vieira da Silva, escola onde desenvolvi o projeto que executo nesta pesquisa, a Literatura está presente a partir do momento em que os gêneros textuais, como o conto, são propostos. Trabalhar com esse gênero textual pressupõe leitura e

compreensão de textos literários. Mas de que forma explorar o conto: abordando as características de gênero apenas? Ou proporcionando a leitura de diversos contos, sobretudo de autores canônicos, para que os estudantes tenham – talvez – seus primeiros contatos com o texto literário?

Foi a partir das reflexões acima que procurei pensar as questões que envolvem este estudo: é possível iniciar um trabalho de formação de leitor de literatura no 9º ano do Ensino Fundamental? Como abordar o texto literário na sala de aula desse nível de ensino? Essas questões levaram-me a pensar estratégias e a elaborar um projeto de mediação didática, inicialmente para uma turma do 9º ano, na qual lecionei no ano de 2016. Posteriormente, o trabalho foi realizado também com a turma de 9º ano de 2017.

O artigo “O direito à literatura”, de Antonio Candido fundamenta esta pesquisa. Nesse texto, o autor estabelece uma relação entre literatura e direitos humanos. Candido observa que, embora o mundo atual já apresente condições materiais que poderiam possibilitar a dignidade de todos, isso não vem acontecendo. Em relação àquele momento brasileiro (o artigo foi publicado pela primeira vez em 1988), o autor afirma que o discurso dos políticos e empresários sobre os problemas sociais demonstra que

[...] não é mais possível tolerar as grandes diferenças econômicas, sendo necessário promover uma distribuição equitativa. É claro que ninguém se empenha de fato para que isso aconteça, mas tais atitudes e pronunciamentos parecem mostrar que agora a imagem da injustiça social constrange, e que a insensibilidade em face da miséria deve ser pelo menos disfarçada, porque pode comprometer a imagem dos dirigentes. (CANDIDO, 2012, p. 19-20).

Prosseguindo, Candido procura compreender se arte e literatura correspondem a necessidades profundas do ser humano, a ponto de serem consideradas um direito. O crítico discorre sobre a necessidade de fabulação de todos os povos e culturas, demonstrando que desde as estruturas mais simples até as mais complexas, “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 2012, p. 23). Além disso, defende o papel humanizador da literatura, agindo sobre nós pelo efeito simultâneo de três aspectos: por sua estrutura, ou seja, o modo como está materialmente organizada como forma literária; por ser uma forma de expressão; e por ser uma forma de conhecimento, “inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (CANDIDO, 2012, p.25). Segundo Candido, quando elaboram uma estrutura, poeta/narrador nos propõem um modelo de coerência e, devido à coerência da forma que se propõe a articular, humaniza, permite que os sentimentos passem do estado de mera emoção para o da forma construída.

O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem por isso o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe essa superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido. (CANDIDO, 2012, p. 27).

Cosson (2016) levanta alguns pressupostos, que considera equivocados, sobre a leitura de textos literários, mas que a escola acaba reproduzindo: os livros “falam” por si mesmos; ler é um ato solitário; a leitura literária é uma experiência mística, intransferível; a análise literária destruiria a beleza e a magia da obra. O teórico pontua que o letramento literário vai além da simples leitura e propõe algumas estratégias. Segundo o autor, para formar leitores, é necessário “ir além da simples leitura do texto literário”, explorando a obra de maneiras diversas, para que se estabeleça entre ela e o aluno um intenso processo de interação (COSSON, 2016, p. 26-9).

Já a antropóloga francesa Michèle Petit, cujas pesquisas são dedicadas ao tema da formação de leitores, na obra *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, rejeita a ideia de que seja possível “construir leitores”, uma vez que a leitura é um processo subjetivo, intimamente relacionado ao “desejo” que cada um traz consigo. No entanto, a autora observa que “quando uma pessoa tem oportunidade de ter acesso a ela, a leitura sempre faz sentido, inclusive para os jovens, mesmo em meios afastados *a priori* da cultura escrita” (PETIT, 2013, p. 31-2).

Em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, Petit (2008), pontua que há muitos elementos em jogo para que a formação do leitor aconteça. “A verdadeira democratização da leitura é poder ter acesso, se desejarmos, à totalidade da experiência da leitura, em seus diferentes registros” (PETIT, 2008, p. 61). Nesta obra, a autora aponta aspectos com que a leitura contribui, demonstrando assim o quanto a sua difusão é necessária.

Uma cidadania ativa – não devemos esquecer isso – não é algo que cai do céu, é algo que se constrói. A leitura pode contribuir em todos os aspectos que mencionei: acesso ao conhecimento, apropriação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade... e em outros que com certeza estou esquecendo. Por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania. (PETIT, 2008, p. 101).

Em seguida, na mesma obra, a autora aponta aquele que considera o grande obstáculo à formação de leitores: o medo do livro e suas implicações. Ao final do capítulo, procura compreender como nos tornamos “leitores”, ainda que os interditos e obstáculos possam ser numerosos, sobretudo para os que provêm de um meio pobre. Um dos elementos que

contribuem grandemente a essa formação seria “o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real” (PETIT, 2008, p. 141). Adiante, entretanto, afirma que “embora a leitura seja com frequência uma história de família, é também uma história de encontros” (PETIT, 2008, p. 144). Outras pessoas, além do núcleo familiar, tais como professores, bibliotecários, agentes comunitários, entre outros, podem cumprir esse papel de “iniciadores” ao livro.

O trabalho de Jorge Larossa trouxe uma grande contribuição para esta pesquisa, à medida que me ajudou a pensar a atividade proposta aos alunos como uma *experiência*. O texto literário acontece aos alunos quando a proposta didática, que descreverei com maiores detalhes no capítulo referente à metodologia, é efetivada. Larossa (2016), no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, propõe que se pense a educação a partir do par *experiência/sentido*, possibilidade que foge às tendências exploradas no campo pedagógico nas últimas décadas, que segundo o autor, dividiu-se ora entre o ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica, ora entre a perspectiva política e crítica.

Assim como Larossa, citado no parágrafo anterior, a pesquisadora argentina Cecília Bajour ajudou-me a pensar e repensar minha prática pedagógica, sobretudo no momento de interagir com os estudantes, colocando em prática este projeto. Seu livro *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de escrita* (BAJOUR, 2012) de fato foi valioso para que eu refletisse sobre a importância da escuta para o trabalho com a leitura. Destaco o seguinte trecho:

[...] a escuta é, antes de tudo, uma prática que se aprende, que se constrói, que se conquista, que demanda tempo. Não é um dom ou talento, tampouco uma técnica que se resume a seguir certos procedimentos para escutar com eficácia. É fundamentalmente uma atitude ideológica que parte do compromisso com os leitores e com os textos e do lugar conferido a todos aqueles que participam da experiência de ler. Por isso, a escuta como prática pedagógica e cultural, que combina a exigência com a confiança na capacidade de todos os leitores, pode ter resultados transformadores em contextos marcados por processos de exclusão econômica e social e por diversas formas de autoritarismo. (BAJOUR, 2012, p. 45).

Levando em consideração os pontos de vista desses autores, voltamos à esfera escolar. O “direito à literatura”, como já nos ensinou Antonio Candido, não deve ser negligenciado pelas instituições de ensino (CANDIDO, 2012). A análise literária pode até ser um importante instrumento para a compreensão mais aprofundada dos textos, mas antes de analisar, o aluno precisa ter acesso a eles. E, sobretudo, precisa ler o texto literário. Refletindo sobre essas

questões, elaborei, para minhas turmas de 9º ano, uma sequência didática que priorizou o contato dos alunos com contos literários.

Escolhi trabalhar com contos por serem textos de menor extensão que os romances, podendo ser reproduzidos com maior facilidade e em quantidade suficiente, além de acessados via internet. Além disso, a leitura poderia ser realizada na sala de aula.

O conto escolhido para a análise final desta pesquisa foi “O caso da vara”, de Machado de Assis. Esse conto apresenta, como pano de fundo, a escravidão no Brasil durante o século XIX. Nele, o leitor depara-se com uma situação de injustiça, que é relativizada com fina ironia pelo narrador-onisciente engendrado pelo autor. Tal situação – a de injustiça – funcionou como um elemento “provocador”, despertando no aluno o interesse em reescrever a história, modificando o foco narrativo de terceira para primeira pessoa. Uma personagem secundária passou então a ser a protagonista.

A escolha de Machado de Assis também não foi aleatória. Trata-se de um autor canônico, cujas obras serão certamente estudadas nas séries posteriores, frequente em provas e vestibulares, e ao qual, ainda assim, muitos alunos resistem, por sentirem dificuldade com a linguagem e com a estrutura de suas narrativas.

A resistência e a rejeição aos autores clássicos e, em especial, aos da literatura brasileira, ainda são grandes. Muitos alunos, mesmo já sendo leitores, podem estranhar o texto literário nos primeiros contatos. Caso não haja um trabalho sistemático com esse tipo de produção, a maioria continuará a estranhar e passará a vida sendo leitor apenas de livros de apelo comercial ou religioso. É comum os alunos caracterizarem a linguagem das obras literárias como “chata” ou “difícil”. Mas, exatamente por haver essa rejeição, acredito que é necessário iniciar os alunos na leitura da obra desses autores considerados difíceis. Conforme diz Ana Maria Machado,

É claro que hoje em dia o ensino é diferente e o mundo é outro. Não se concebe que as crianças [e adolescentes] sejam postas a estudar latim e grego, ou ler pesadas versões completas e originais de livros antigos – como já foi praxe em várias famílias de algumas sociedades há um século. Apenas não precisamos cair no extremo oposto. Ou seja, o de achar que qualquer leitura de clássico pelos jovens perdeu o sentido e, portanto, deve ser abandonada nestes tempos de primazia da imagem e domínio das telas sobre a palavra impressa em papel. (MACHADO, 2002, p. 11-2).

Como sugere a autora, é possível introduzir o aluno no universo literário, desde que se saiba selecionar as obras que serão trabalhadas. Talvez essa seja uma forma de driblar a resistência e a rejeição que eles demonstram em relação ao texto literário. Todorov diz:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2010, p. 76).

Se a literatura pode tanto, se ela é tão importante na revelação do mundo e na formação humana, o que seria possível fazer para aproximar o estudante, principalmente o da escola pública em geral, dos textos literários? Certamente não há respostas prontas e definitivas para esta questão. No entanto, é possível pensar em estratégias que apontem caminhos para um contato prazeroso com a linguagem literária e, especificamente, com a do universo machadiano, de ironias e denúncias sutis da realidade social brasileira, já no Ensino Fundamental.

Espero que este estudo possa contribuir, ainda que com uma pequena parcela, na construção da estrada rumo ao direito do cidadão à literatura. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”, é o que nos diz Candido (2012, p. 40).

2 METODOLOGIA

Levando-se em consideração as reflexões de Antonio Candido no artigo “O direito à literatura” (CANDIDO, 2012) e dos autores citados na introdução, criei uma sequência didática envolvendo contos machadianos a ser realizada ao longo do ano letivo de 2016 em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em que trabalho. Optei por repetir tal sequência no ano posterior, 2017, a fim de aprimorar alguns de seus elementos.

A pesquisa aqui adotada é uma pesquisa-ação, uma vez que o professor é o pesquisador envolvido em sua própria prática de sala de aula. O público escolhido são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional Integrado Vieira da Silva, no município de Barra Mansa.

Tal município está localizado no Sudeste do Brasil, na região Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Fica a 110 Km da capital do Estado. Segundo estatísticas do Censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população estimada para 2017 era de 179.451 habitantes, para uma área total de 547.194 km² (IBGE, 2016).

O Centro Educacional Integrado Vieira da Silva está situado à rua Christóvão Leal, 255 - Centro. Funcionando em três turnos, a unidade escolar atende turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e EJA. Tais alunos são oriundos do centro da cidade, onde a escola se localiza, mas também dos diversos bairros periféricos do município.

Nas transcrições das redações dos alunos, mantive o modo como escreveram, sem alterar desvios ortográficos, de pontuação, regência, concordância, entre outros. Todas as redações transcritas encontram-se digitalizadas e em anexo.

Na identificação das redações, utilizei como critério a letra “A” inicial de “aluno”, em maiúscula, o número correspondente ao seu nome na ordem alfabética e o ano letivo, 16 ou 17. Assim, A01/16 refere-se a “aluno 01 de 2016”.

Todas as produções textuais, questionários, enquetes e depoimentos citados neste trabalho pertencem a alunos das turmas 901 de 2016 e de 2017 que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, cujo modelo consta nos ANEXOS A e B. Nos anexos C e D, estão modelos das cartas de anuência da escola para a realização da pesquisa.

2.1 As Atividades Realizadas com as Turmas

Para essa pesquisa, realizei uma série de atividades com a turma 901 na qual lecionei no ano de 2016. No ano posterior, reformulei algumas dessas atividades, que foram aplicadas também na turma 901, do ano letivo de 2017. A proposta final da sequência compreende a leitura e a reescrita do conto “O caso da vara”, de Machado de Assis.

A sequência didática foi realizada na turma 901, do Centro Educacional Integrado Vieira da Silva, escola da Prefeitura Municipal de Barra Mansa, ao longo do ano letivo de 2016. A turma, ao início do ano, era composta de vinte e cinco alunos e ao final, vinte e sete.

Procedi da seguinte maneira: no primeiro bimestre, distribuí para os grupos formados na turma os seguintes contos: “A Cartomante”, “Uns Braços”, “A Causa Secreta”, “A Igreja do Diabo”, “Noite de Almirante”, “Conto de Escola”, “O Enfermeiro”. Esses contos foram retirados de duas seleções de contos machadianos (ASSIS, 1983, 1997).

Levei também para a turma o conto “Missa do Galo” (ASSIS, 1983), que explorei da seguinte maneira: primeiramente, leitura silenciosa; em seguida, leitura em voz alta, orientada por mim, quando chamei a atenção para aspectos do texto, como foco narrativo e desmascaramento das instituições e relações sociais através da análise psicológica das personagens e das ironias; finalmente, solicitei que trouxessem para aula posterior os contos selecionados para cada grupo.

No encontro seguinte, com os grupos reunidos e os contos em mãos, distribuí o roteiro do trabalho que deveriam realizar a partir da leitura (APÊNDICE A), disponibilizando duas aulas para que organizassem o trabalho em sala e tirassem dúvidas. O restante deveria ser feito em casa.

A apresentação do trabalho foi realizada no auditório, com os alunos em círculo. Iniciamos com uma conversa sobre a vida e obra Machado de Assis e os dados de sua biografia que mais chamaram a atenção dos alunos. Cada grupo selecionou um aluno para resumir seu conto para a turma e fazer sua apreciação de acordo com o roteiro combinado.

Posteriormente, pedi aos alunos uma avaliação pessoal sobre a leitura do conto, quando então deveriam relatar sua opinião sobre o texto. A maioria dos alunos realizou essa tarefa e, em geral, avaliou de forma parecida com a aluna (A14/16), que será mencionada na seção 3.2 deste estudo.

Passei ainda para a turma um vídeo sobre Machado de Assis (BRASIL, 2007) e o curta-metragem *Uns braços* (ROSENTHAL, 2009). A turma assistiu ao filme com aparente interesse

e, espontaneamente, aplaudiu no final. Esse evento deixou-me bastante animada, pois tive a sensação, naquele momento, de que eles estavam ficando familiarizados com a linguagem de Machado de Assis.

Com a totalidade desse primeiro trabalho, observei a necessidade de trabalhar a estrutura do conto, sobretudo o foco narrativo.

Na sequência, apresentei uma nova proposta: cada integrante do grupo escolheria uma das personagens do conto e deveria recontar a história do ponto de vista dessa personagem. Inicialmente, fariam por escrito, para que eu pudesse orientar. Mas, em seguida, deveriam apresentar para a turma oralmente, de preferência criando um figurino e trejeitos típicos para a personagem escolhida. Essa atividade, realizada em sala, foi relevante na compreensão de foco narrativo.

No segundo bimestre, trabalhei o gênero textual *conto* pelo livro didático da turma (CEREJA; MAGALHÃES, 2012). Este livro apresenta, na Unidade 2, o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, explorando a compreensão do enredo, a linguagem do texto e os elementos narrativos que estruturam o gênero. O conto possui narrador-personagem. A narradora, já adulta, relembra um episódio de sua infância, em que uma menina, filha de dono de livraria, prometia emprestar-lhe *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Diariamente, a narradora dirigia-se à casa da menina, mas o livro nunca estava lá e era prometido para o dia seguinte. A garota exercia assim uma espécie de tortura psicológica sobre a narradora. Ao final da unidade, pedi um novo trabalho, que deveria ser realizado individualmente. Cada aluno deveria reescrever o conto do ponto de vista da filha do dono da livraria. E levantei algumas hipóteses com a turma: será que a filha do dono da livraria era realmente sádica e má como sugeria a narradora? Ela poderia ter seus motivos para não emprestar o livro? Ou ela de fato não queria emprestar? O que diria essa personagem, caso pudesse falar por si mesma?

O trabalho foi feito e entregue naquele bimestre. Percebi que a maioria dos alunos conseguiu narrar sob o ponto de vista proposto. Apenas dois não entenderam a proposta e narraram em terceira pessoa.

O terceiro bimestre, além de curto, foi marcado por paralisações e greves na rede municipal. Portanto, a mediação final ficou para o quarto bimestre.

O quarto bimestre também foi marcado por paralisações, além de diversas atividades na escola, como o Bonde Literário, um evento em que todas as turmas da escola realizam apresentações artísticas diversas relacionadas às suas produções nas aulas de Língua Portuguesa. Trata-se, portanto, de um evento que toma tempo de preparação nas aulas, o que

dificulta a realização de outras atividades. Além disso, no quarto bimestre, muitos alunos já estavam aprovados por nota, ou reprovados, o que os levou a um desinteresse em participar do trabalho com maior empenho. Posto isto, admito que essas questões deveriam ter sido previstas, para evitar que houvesse dispersão justamente no momento final do projeto. Mesmo assim, ele foi realizado.

Como preparação para o trabalho final, a reescrita de “O caso da Vara”, de Machado de Assis (ASSIS, 2008), realizei com a turma, como uma espécie de ensaio, a leitura orientada de outro conto machadiano: “Pai contra Mãe”. Explorei inicialmente o título, levantando possibilidades sobre o enredo. Conversamos sobre os aparelhos da época da escravidão que são mencionados no texto. Observamos passagens em que o autor faz uso da ironia. E levantamos os elementos narrativos: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo; bem como sua estrutura: situação inicial, complicação, clímax e desfecho. Na aula seguinte, propus que a turma reescrevesse o conto, sob o ponto de vista de Arminda, a escrava perseguida, capturada e subjugada por Cândido Neves. Essa atividade foi realizada em sala de aula. Dei sugestões sobre como iniciar a narração, acompanhei a escrita individualmente, indo de carteira em carteira. A ideia, a princípio, era realizar uma reescrita coletiva do conto. Mas, nesse período, a turma encontrava-se bastante agitada com a aproximação do final do ano, preparativos para formatura e passeio, entre outros apelos, e concluí que seria menos eficiente a realização coletiva do que a individual dessa atividade. Deixei que levassem o texto para casa, para que passassem a limpo e entregassem na aula seguinte. Quanto ao trabalho final da proposta, a reescrita de “O caso da vara”, realizou-se e concluiu-se em sala de aula no mês de novembro de 2016.

No ano de 2017, refiz parte das atividades realizadas no ano anterior. As etapas foram as seguintes: estudo da estrutura do gênero *conto*, como no ano anterior, pelo livro didático da turma (CEREJA; MAGALHÃES, 2012); leitura de contos variados de Machado de Assis (“Uns braços”, “Conto de Escola”, “A Cartomante”, “Noite de Almirante”, “O Enfermeiro”, “A causa secreta”), bem como breve pesquisa sobre vida e obra do autor, com apresentação oral de cada grupo para a turma; leitura e reescrita do conto “O caso da vara”. Neste ano, 2017, não foi realizada a leitura do conto “Pai contra Mãe” anteriormente a “O caso da vara”, conforme no ano de 2016. A produção final, a reescrita do conto, foi realizada no mês de setembro (2017).

2.2 As Sequências Didáticas Realizadas em 2016 e 2017

Nas subdivisões desta seção, descrevo o trabalho final de reescrita de “O caso da vara” na perspectiva de Lucrecia, em três momentos: antes, durante e após sua leitura. Comentarei também as respostas mais recorrentes ou relevantes ao questionário proposto à turma de 2017.

2.2.1 Pré-leitura

2016: Mostrei aos alunos o livro de onde foi retirado o conto e perguntei a eles se ainda se lembravam de alguns fatos da vida de Machado de Assis. Apenas um aluno respondeu que ele era um escritor do século XIX. Em seguida, informei que leríamos um novo conto, o último desse trabalho realizado nesse ano. E, no quadro branco, relembrei com a turma os elementos do gênero. Distribuí cópias de “O Caso da Vara” e pedi que levantassem hipóteses a respeito do título. Não houve respostas.

2017: Assim como na turma do ano anterior, mostrei à turma o livro de onde o conto foi retirado e sondei sobre o que ainda se lembravam a respeito de Machado de Assis. Distribuí cópias do conto à turma e iniciei uma conversa sobre “apanhar de vara”, se alguém já tinha apanhado dessa forma e se sabiam de que se tratava. Muitos estranharam a pergunta. Em seguida, perguntei a respeito do título e sobre o tipo de expectativa que ele levantava. Um aluno respondeu que poderia tratar-se de uma história em que uma criança apanha de vara até morrer. Outro, que poderia referir-se a um conto de mistério, envolvendo o desaparecimento de uma vara. A maioria que se manifestou tendeu a concordar com a primeira hipótese levantada. Depois disso, iniciamos a leitura. Essa atividade durou cerca de 10 minutos.

2.2.2 Leitura

Em 2016, a leitura foi feita por mim, em sala, ao longo de uma aula de cinquenta minutos. Optei por ler, eu mesma, acreditando que dispersaria menos a atenção daqueles que sentem dificuldade de ler sozinhos. Embora alguns alunos dessa turma demonstrassem interesse por ler em voz alta em sala, o texto em questão é longo e complexo para essa forma de leitura. Caso eu a delegasse aos alunos, essa poderia perder o ritmo e causar dispersão. Assim, eu li e a turma acompanhou por suas cópias impressas. Eu já havia pedido que lessem em casa, via internet ou outros meios, mas apenas três alunos disseram que “leram um pouco”. A maioria

não leu anteriormente. Essas atividades de pré-leitura e leitura ocuparam o espaço de duas aulas. A continuação se daria na aula seguinte.

Em 2017: Como no ano anterior, realizei a leitura em voz alta, pelo mesmo motivo já mencionado: tentativa de evitar dispersão. Os alunos acompanharam a leitura por suas cópias impressas. A leitura oral teve uma duração de cerca de 40 minutos. Na seção 4.7 desenvolverei mais esse aspecto da leitura em voz alta.

2.2.3 Pós-leitura

2016: Na aula seguinte, revisei com os alunos o enredo do conto lido na aula anterior, explorando-o oralmente, com o objetivo de organizar e aprofundar o conteúdo. Assim, realizei, coletivamente, uma interpretação oral, com uma série de perguntas previamente elaboradas (APÊNDICE B). Inicialmente, eu pretendia realizar um questionário escrito, mas com o desenvolvimento da atividade, percebi que poderia tornar-se desnecessariamente cansativa a realização de tantas tarefas escritas de um mesmo texto. Essa atividade durou cerca de trinta minutos. Nessa turma, sempre havia duas aulas seguidas de cinquenta minutos cada.

Encerrada a interpretação, os alunos partiram para a produção textual: reescrever o conto sob a perspectiva da personagem solicitada. Essa etapa também foi realizada em sala. Com menor interferência de minha parte, no entanto. Os alunos iniciaram no mesmo dia, gastando assim o tempo restante com o início da produção textual. Ao final da aula, recolhi os rascunhos, pois queria evitar que eles delegassem a tarefa a terceiros. No encontro seguinte, os alunos tiveram mais duas aulas para que pudessem terminar de redigir suas redações. Ao final desse dia, observando que quase todos já tinham a produção bem adiantada, deixei que levassem para finalizar em casa e que trouxessem os textos passados a limpo na aula seguinte, para entrega final.

2017: Logo após a leitura do conto em voz alta para a turma, entreguei aos alunos, no mesmo dia, um questionário sobre o conto (APÊNDICE C). De forma diferente do questionário do ano anterior, este novo questionário proposto foi feito com questões mais abertas, ou seja, que permitiam maior liberdade de interpretação por parte dos estudantes. Assim, foram apresentadas perguntas do tipo “Você acha?...”, “Na sua opinião...”, “Qual foi a sua impressão sobre?...”, entre outras. Além disso, este questionário foi preenchido pelos alunos, ao contrário do ano anterior, quando, pelo motivo já mencionado no parágrafo anterior, o questionário foi realizado oral e coletivamente. Na seção 2.2.3.1, reproduzirei as questões e algumas respostas

dadas pelos alunos. O preenchimento do questionário ocorreu durante o tempo restante da aula desse dia, em torno de 30 minutos. Ao todo, as atividades de pré-leitura, leitura e o questionário foram realizadas em duas aulas seguidas de 50 minutos cada. Na aula seguinte, sugeri a produção textual, a reescrita do conto sob o ponto de vista da escrava. Procedi como no ano anterior: ao final da aula recolhi os rascunhos e os estudantes ainda tiveram mais duas aulas, num total de uma hora e quarenta minutos para passar o texto a limpo.

Para análise, selecionei quatorze produções textuais da turma de 2016 e quinze da turma de 2017. O principal critério para essa seleção foi a entrega da autorização (ANEXOS A e B) assinada pelo responsável e a correspondente concordância do aluno em participar desta pesquisa. Outro critério foi a realização de todas as etapas do trabalho, à exceção de A13/16, cuja matrícula só foi realizada em novembro daquele ano.

2.2.3.1 O questionário proposto em 2017

Pergunta 1: Você acha que compreendeu o conto? Justifique.

A maioria respondeu que sim, que compreendeu o conto, referindo-se ao enredo. Porém muitos não justificaram. Alguns responderam que compreenderam “mais ou menos” e apenas um aluno respondeu que não compreendeu.

Algumas respostas:

“Pois naquela época negras realmente não tinham voz” (A05/17).

“Pois no século em que retrata a história, como ela era uma pequena escrava, não tinha esse ‘poder’ de opinar e enfrentar nada e ninguém” (A11/17).

“Porque no século 19, era praticamente impossível um(a) escravo(a) enfrentar sua senhora” (A14/17).

Pergunta 2: Na sua opinião, por que Lucrecia praticamente não fala no texto?

Entre as respostas mais correntes estavam o fato de que, por ser uma escrava, teria medo de apanhar e não teria o direito de falar, de se expressar.

Pergunta 3: Qual foi a sua impressão da relação entre senhora Rita e João Carneiro?

Todas as respostas denotaram a mesma observação: da sugestão de um relacionamento “íntimo” entre senhora Rita e João Carneiro.

Pergunta 4: Qual é a relação entre o título do conto e o conflito do protagonista?

As respostas variaram entre a escolha de Damião de entregar ou não a vara a sinhá Rita no final e a ameaça de sinhá Rita a Lucrecia. Quatro alunos responderam que não viam nenhuma relação.

Pergunta 5: Lucrecia não fala no conto. Se você pudesse dar voz a ela, o que ela diria? Como ela contaria essa história?

Algumas respostas:

“Ela contaria de uma maneira mais triste” (A04/17).

“Senhora, não precisa me tratar mal assim, eu sei o que eu tenho que devo fazer e sei também o que eu não devo fazer, mas não precisa gritar comigo” (A06/17).

“Não fale desse jeito comigo, estou cansada de tanta crueldade. [...] Talvez ela contaria de um jeito mais simples, e um pouco mais sobre a sua vida naquela casa” (A11/17).

“Eu faria com que ela dissesse me larga sua branquela azeda”. Na hora que sinhá Rita segurou na orelha dela, e logo após ela fugiria e se casaria com o Damião, e ele compraria a liberdade dela” (A14/17).

“pediria ajuda para talvez fugir da casa de Sinhá Rita a Seu Daminhão” (A15/17).

Pergunta 6: Você gostou do desfecho do conto? Qual foi a sua impressão sobre ele?

Oito alunos responderam que não gostaram, alegando dois motivos: insatisfação pela atitude de Damião em relação a Lucrecia e sensação de incompletude, uma vez que o narrador não revela se Damião conseguiu ou não se livrar do seminário. No momento do término da leitura do conto em sala, a reação dos alunos (olhares, comentários, etc.) foi de sensação de final incompleto, como se me perguntassem: “Acabou?”.

Um aluno deu a seguinte resposta:

“Achei que poderia conter mais detalhes e o desfecho da história de Damião. Por outro lado, foi interessante, pois o autor cria a possibilidade de criarmos teorias sobre o desfecho” (A02/17).

Outra resposta verificada nesse grupo:

“Eu gostei sim, fiquei curiosa pra saber o que aconteceu com o Damião, e isso meio que dá uma impressão de incompleto, mas acredito que esse final foi proposital pra nós mesmos pensarmos e refletir sobre isso” (A12/17).

Pergunta 7: Qual a sua impressão da linguagem do conto?

A maioria respondeu que era uma linguagem formal e antiga, “com vocabulário do século XIX”. Um aluno admitiu ter encontrado dificuldade em entender certas palavras. Uma aluna destacou:

“Muitas palavras eu desconheço o significado de primeira, mas quando colocado nas frases, eu consigo compreender” (A12/17).

Pergunta 8: Você consegue perceber se o autor faz uso da ironia em algumas partes do conto? Em que momentos?

A maioria respondeu que não conseguiu identificar ou simplesmente não respondeu a essa questão. Apenas quatro responderam que sim. Entre as respostas positivas, dois alunos justificaram da seguinte maneira:

“Sim, quando Sinhá Rita e João Carneiro ficavam conversando” (A11/17).

“Sim, acredito que o final mesmo foi uma completa ironia, ainda mais se pensarmos no ano em que essa história se passa, o autor usou da ironia para fazer uma crítica escondida” (A12/17).

3 FORMAÇÃO DE LEITORES

- *Eis aqui, meus filhos, outra fábula bem boa – disse Dona Benta. O mundo está cheio de orgulhosos deste naipe...*
- *Que é naipe? – quis saber Narizinho.*
- *É um termo usado para as cartas de jogar. Há quatro naipes – ouro, espadas, copas e paus.*
- *Então naipe quer dizer “qualidade”, “tipo”? Do mesmo naipe quer dizer do mesmo tipo?*
- *Exatamente.*
- *E igualha, vovó?*
- *É sinônimo de naipe.*
- *Então por que a senhora não diz logo “qualidade” em vez de “naipe” e “igualha”?*
- *Para variar, minha filha. Estou contando estas fábulas em estilo literário, e uma das qualidades do estilo literário é a variedade.*

Monteiro Lobato

Dona Benta, célebre personagem de Monteiro Lobato, popularizada pelo programa televisivo *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, não só levava o conhecimento aos netos Narizinho e Pedrinho, como aos outros personagens do sítio. Além disso, como podemos observar pelo trecho acima (LOBATO, 1962), sua postura nos serões de leitura que realizava era não só de contadora e detentora do saber, já que “Nos seus serões, permitia que os ouvintes tivessem uma participação ativa, deixando que escolhessem suas preferências, que opinassem, que tecessem críticas [...]” (SILVA, 2009. p. 31), ou que tivessem liberdade para tirar suas dúvidas. Essa postura de Dona Benta pode nos servir de exemplo na formação de novos leitores? Seria esse um evento de letramento?

3.1 Letramento

Não existem analfabetos de significação: somos todos construtores de sentido.

Graciela Montes

Segundo a literatura relativa ao tema (MORTATI, 2004; SOARES, 2009), o termo “letramento” parece ter sido usado pela primeira vez por Mary Kato, em 1886, relacionado à função da escola de formar cidadãos que atendam às demandas de uma sociedade que prestigia a língua padrão.

Em 1988, Leda Tfouni “estabelece um sentido para o termo ‘letramento’ centrado nas práticas sociais da leitura e da escrita e nas mudanças por elas geradas em uma sociedade, quando esta se torna letrada” (MORTATI, 2004, p. 88).

Em 1995, Tfouni retoma o neologismo, pela “falta, em nossa língua, de uma palavra que pudesse ser usada para designar esse processo de estar exposto aos usos sociais da escrita [...]” (TFOUNI, 2017, p. 10).

Nesse mesmo ano (1995), Angela Kleiman publica um livro em que diferentes aspectos do letramento são abordados, familiarizando o leitor com as concepções de letramento dos modelos autônomo e ideológico, propostos por Street (MORTATI, 2004, p. 90)

Soares afirmava, em 1995, que a palavra “letramento” parecia-lhe um “neologismo desnecessário”. “É importante observar que, aqui, opta-se pelo termo alfabetismo, preferido a letramento, na época da elaboração deste texto”, esclarece Soares (2014, p. 27) em reedição de seu texto de 1995.

Em 1998, Soares publica *Letramento: um tema em três gêneros*, em que realiza vigorosa reflexão sobre o tema, uma proposta de definição do termo e uma síntese em que sistematiza o conceito (MORTATI, 2004, p. 90-3).

Maria do Rosário Longo Mortati, após realizar um histórico do termo “letramento” na produção acadêmica brasileira, conclui que se deve

considerar a pluralidade do conceito de letramento, a fim de evitar a diluição das diferenças por meio de fórmulas simplificadoras que visem a fixidez e homogeneização do que é ainda provisório e heterogêneo, como fenômeno e como conhecimento em construção neste momento histórico. (MORTATI, 2004, p. 95-6).

Ainda assim, a pesquisadora propõe uma tentativa de síntese, com finalidades didáticas, levantando os principais aspectos comuns às diversas definições e considerações. Segundo essa autora,

Não existe [...] um único tipo de letramento. Além de ser um *continuum*, em sua dimensão social, letramento é, sobretudo, um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as

demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem. (MORTATI, 2004, p. 105).

Roxane Rojo também menciona a pluralidade do conceito (ROJO, 2009). Após citar Street e sua afirmação sobre o reconhecimento dos “múltiplos letramentos” (STREET, 2003 *apud* ROJO, 2009, p. 102), diz-nos que “nesse movimento, o conceito de letramento passa a ser plural: letramentoS” (grifo da autora). Diz ainda que “É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira” (ROJO, 2009, p. 98).

Vivemos em uma sociedade letrada e, mesmo pessoas que nunca frequentaram escola, sejam elas adultos ou crianças, participam de várias situações, no dia a dia, em que os textos escritos estão presentes. Letramento, pois, não se refere apenas à capacidade de ler e escrever, mas à “apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (COSSON, 2016, p. 11).

Partindo dessas definições, podemos considerar, sim, os serões de Dona Benta como eventos de letramento, uma vez que, embora as histórias fossem contadas oralmente, num ambiente informal, as personagens que as ouviam desenvolviam a capacidade de elaborar estratégias letradas, interrogando sobre o vocabulário empregado no texto, suas metáforas, o gênero textual, entre tantos outros aspectos explorados pela célebre avó paralelamente à leitura das histórias. Mas, e quanto ao letramento literário? Ele também ocorre na sociedade? Pode-se dizer que sim, quando o indivíduo participa de situações em que a literatura canônica está presente, ainda que transfigurada em outra linguagem, como a do cinema ou das séries de televisão.

3.2 Letramento Literário

Filmes, novelas e minisséries de TV vêm adaptando obras canônicas da literatura há algumas décadas. Atualmente, as redes sociais divulgam e propagam cenas desses filmes, novelas e minisséries, bem como trechos e reproduções de poemas, crônicas, frases, peças teatrais, músicas, paródias. Os gêneros literários estão presentes no cotidiano, bem como toda uma diversidade de gêneros textuais de cunho prático. E é possível que muitos, incluindo os jovens estudantes das escolas públicas, participem desse contato. Este, no entanto, não parece suficiente para promover o letramento literário, uma vez que a literatura, por sua característica centrada na estética, na função não apenas comunicativa, mas poética da linguagem, pode ser

empecilho a essa aproximação espontânea. Desse modo, cabe à escola oferecer o texto literário ao aluno, com vistas a promover esse tipo específico de letramento. Para Cosson,

O letramento literário [...] possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2016, p. 12).

O processo de letramento difuso na sociedade pode assemelhar-se àquele modelo adotado por Dona Benta, que estimulava, nos netos e nos demais ouvintes, o prazer de ouvir diversos tipos de histórias, desde fábulas até histórias da Mitologia Clássica, passando por lendas folclóricas e clássicos da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Podemos até arriscar dizer que a personagem ia um pouco além, realizando algo que, ainda hoje, as instituições responsáveis pela formação de jovens, principalmente a escola, nem sempre são capazes de colocar em prática de forma eficiente: promover o letramento literário, facilitando assim a formação de leitores. Além do interesse pelas aventuras, Lobato cria personagens interessados em investigar a linguagem e a forma dos textos, ao que a avó e todos os envolvidos se esmeram em interrogar e explicar.

Na ficção de Lobato, encontramos essa avó, mas, na vida real, podemos encontrar madrinhas, tias, pais, irmãos mais velhos e mesmo avós desempenhando esse papel de agente de letramento. E, sobretudo, mães, que contam histórias aos pequenos, seja para distraí-los, educá-los ou niná-los. Diz Michèle Petit:

É nessas interações, e depois nessas intersubjetividades primárias [entre mãe e filho], nesse diálogo das atenções, nesses ajustes mútuos, que se encontra o cerne de nossa experiência, de nossa vida psíquica, de nosso pensamento. [...] O gosto pela leitura deriva, em grande medida, dessas intersubjetividades e deve muito à voz. Se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva. (PETIT, 2012, p. 57-8).

Ou seja, o gosto pela leitura, segundo a antropóloga francesa, começa pela oralidade, e guarda forte relação com esse primeiro contato afetivo e sensorial com as narrativas, na voz de adultos próximos que ensinaram a criança a olhar e a narrar o mundo.

Segundo a autora, no entanto, muitos fatores, como o trabalho ou a luta pela sobrevivência, podem impedir a mãe de exercer esse papel, e mesmo de haver outra pessoa que possa desempenhá-lo em seu lugar: “Então, faltará às crianças uma etapa para que assimilem os diferentes registros da língua e se apropriem um dia da cultura escrita” (PETIT, 2012, p. 58). Embora essa etapa inicial, em que a criança ouve histórias contadas por pessoas próximas, possa decidir uma relação futura da criança com a leitura, a autora acredita que “mediadores culturais podem recriar situações de oralidade bem-sucedidas” (PETIT, 2012, p. 59). E uma mediação bem-sucedida pode ajudar a revelar um desejo, “porque alguém soube tocar essa sensibilidade primitiva” (PETIT, 2012, p. 61).

Se a alguns, ou a muitos, estudantes do Ensino Fundamental faltou essa etapa de iniciação à leitura, cabe à escola compensar tal defasagem, criando estratégias para realizar uma mediação eficiente. Mas não se deve esquecer também de que os alunos, que já são considerados leitores, sempre podem aprimorar sua qualidade de textos e linguagens.

Na realidade em que trabalho, encontro desde alunos que já possuem o hábito de leitura de romances ou outros gêneros de textos, até alunos que nunca conseguiram estabelecer, pelos mais diversos motivos, uma proximidade com os livros e, menos ainda, com a literatura. Mesmo entre os que se consideram leitores, o texto literário ainda assusta. Uma aluna assim avaliou um primeiro pedido de leitura que fiz em sala (do conto “Missa do Galo”):

No começo, antes de pegar o conto pra ler eu achava que ia ser totalmente legal e interessante, e que eu iria ler bem rápido, já que estou acostumada a ler livros bem maiores, porém quando eu comecei a ler achei extremamente chato e desinteressante, por conta das palavras diferentes que eu nunca tinha visto. Depois que a professora explicou como ler e disse também pra procurar o significado das palavras no dicionário ficou bem mais fácil, eu comecei a achar interessante o conto, embora sejam poucas páginas eu demorei um pouquinho pra terminar de ler, mais apesar das palavras difíceis eu descobri que o conto é bem legal e interessante. (A14/16).

Analisando as colocações da aluna, percebem-se alguns aspectos reveladores da relação com o texto literário: ela declara que achou que seria fácil ler o conto, pois está “acostumada a ler livros bem maiores”; o início da leitura decepcionou, uma vez que achou o texto “extremamente chato e desinteressante” por conta das “palavras diferentes que nunca tinha visto”; uma pequena orientação foi capaz de promover uma mudança; mesmo com a orientação, a aluna anuncia que demorou a concluir a leitura; finalmente, reconhece que “descobriu que o conto era legal e interessante”.

Esse movimento relatado pela aluna corrobora a ideia de que a mediação é necessária. Não basta ao aluno ser leitor para que automaticamente se torne um leitor de literatura. E não é também uma questão de quantidade de páginas. A orientação e, sobretudo, a execução constante de atividades que propiciem uma interação entre leitor e texto são essenciais para que os estudantes, de fato, se apropriem da leitura de textos literários. Não há fórmulas para isso, nem soluções rápidas. Mas é possível criar estratégias para que se dê prosseguimento à formação do leitor.

O estímulo resultante das aulas de língua e literatura deve propiciar a constituição de um leitor consciente de seu papel cooperativo (na interação autor-leitor) e produtivo (não há leitor passivo, uma vez que são necessárias operações de reconstrução de sentidos), de fato, um sujeito do ato de ler [...]. (GUIMARÃES; BATISTA, 2012, p. 18).

Portanto, se não há leitor passivo, se o leitor deve tornar-se consciente de seu papel cooperativo e produtivo, tornando-se um sujeito do ato de ler, o professor precisa criar meios para que isso ocorra. Um resultado bem-sucedido passa por estratégias planejadas com antecedência e pela realização constante de atividades.

3.3 A Formação do Leitor Literário

Teresa Colomer expõe, no primeiro capítulo da obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, um itinerário do ensino de literatura através dos tempos (COLOMER, 2007). Esse itinerário compreende a literatura como eixo do ensino linguístico, desde o século XIX, quando as “belas páginas” prestavam-se a moldar o gosto, a educar em relação a valores e comportamentos e a imitar nos exercícios de redação, passando pelo século XX, até nossos dias.

A autora destaca com especial atenção o período após a Segunda Guerra Mundial, quando a explosão demográfica modificou o perfil dos estudantes e “o modelo educativo que havia sido concebido para os setores minoritários da população, resultava inoperante e ineficaz para enfrentar uma escola de massas” (COLOMER, 2007, p. 21). Petit (2008, p. 9-10) corrobora essa observação, ao falar da democratização do ensino em seu país (França): “A massificação do ensino foi [...] conduzida a passo forçado, sem oferecer os meios pedagógicos para acolher esses novos estudantes”.

A cultura do audiovisual e a difusão dos livros pelo mercado editorial interferiram na antiga função escolar de apresentar a literatura aos estudantes. A escola encontra-se, então, diante da necessidade de modificar seus objetivos, incorporando a leitura de diversos gêneros textuais, bem como a ampliação do *corpus* literário com obras não canônicas.

A partir da segunda metade do século XX, mudam as concepções sobre os processos de ensinar e aprender, e as teorias linguísticas e literárias em voga nos anos sessenta reivindicam o acesso direto à leitura das obras e sua análise enquanto construção textual. Há um deslocamento da ênfase no autor para o texto como objeto de estudo. Aproximando-se o final do século XX, ocorre uma ampliação em duas direções: das teorias pragmáticas e das teorias da recepção. Além disso, começam a desenvolver-se e avançam os estudos nas áreas da psicolinguística e da cognição. Essas diversas linhas de pesquisa levaram à noção de que a formação literária na escola se presta a promover o debate sobre a cultura, tornando-se mais clara a necessidade de desenvolver, no aluno, uma capacidade interpretativa, centrada na leitura das obras.

Assim, a busca de um novo modelo de ensino literário se inicia com um certo consenso na reflexão educativa das últimas décadas: o objetivo é desenvolver a competência interpretativa e é necessário fazê-lo através da leitura. [...] O debate sobre o ensino da literatura se superpõe, assim, ao da leitura, já que a escola deve ensinar, mais do que a “literatura”, é “ler literatura”. [...] Mas o que significa ser um leitor competente em nossa sociedade? (COLOMER, 2007, p. 30-1).

Segundo a autora, entre os objetivos da educação literária estão o de contribuir para a formação da pessoa e o de fazer o aluno enfrentar a diversidade social e cultural no confronto entre textos literários distintos. Entre os problemas relacionados à leitura literária, a pesquisadora aponta algumas dicotomias: ler ou ler literatura; ler ou saber literatura; ler por gosto ou ler por obrigação; ler na escola ou ler socialmente. Essas dicotomias resumem as diversas questões que atravessam o enfoque do ensino de literatura nas escolas e o quanto o tema da formação do leitor literário está afastado da possibilidade de respostas definitivas.

Michèle Petit confessa-nos, em seu livro *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, algum constrangimento diante de certo tema de uma conferência que estava a apresentar: “Estratégias para a construção de leitores”. Petit esclarece que suas pesquisas não seriam tanto sobre como *construir leitores*, mas sobre

como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos,

mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos”. (PETIT, 2013, p. 31).

Para que o leitor se forme, há um percurso contínuo, cujos resultados, a longo prazo, não são previsíveis, até porque todo leitor está em permanente processo de formação a cada nova obra que lê. O que se pode perceber, pelo ponto de vista das autoras citadas, é que a formação do leitor literário compreende uma ampla reflexão. Neste trabalho, essa reflexão recai especificamente sobre a necessidade de escolarização adequada da leitura literária e a formação do leitor adolescente que frequenta hoje o Ensino Fundamental da escola pública brasileira.

Mas “como pensar uma escolarização considerada adequada da literatura nas escolas?”, pergunta Coenga. Seguem algumas de suas respostas:

Creio ser necessário aos professores que atuam nas escolas de ensino fundamental e médio buscar, na esteira de alguns estudos de teoria literária, letramento literário, e mediante algumas escolhas delinear esboços para sua prática. Trata-se muito mais de uma tentativa de despertar em nós, professores de literatura, alguns pressupostos teóricos para mediação do saber literário. (COENGA, 2010, p. 76).

Sobre transmitir a paixão de ler aos alunos, o autor pontua que

[...] para que o leitor possa interagir com o universo dos textos literários, é fundamental ser competente em leitura. Essa competência é aprendida na escola, através da orientação de um leitor experiente, no caso, o professor. (COENGA, 2010, p. 77).

Coenga destaca ainda “o poder da leitura em voz alta amorosamente compartilhada” e adiante, de acordo com o pensamento de alguns autores citados (Alberto Manguel, Daniel Pennac, entre outros), diz “[...] ‘mandar’ ler não funciona. [...] O verbo ler não suporta imperativo, mas combina com alguns outros verbos: amar, sonhar” (COENGA, 2010, p. 78-9).

Diante das colocações desses autores, penso que formar o leitor é tarefa que passa por um processo contínuo de escolarização, pela atuação dos professores e por uma delicada relação com a subjetividade do aluno em se dispor ou não a tal formação. A presente pesquisa, bem como a realização da atividade didática com a turma, procura levar esses pontos em consideração.

4 LITERATURA EM SALA DE AULA

É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável.

Paulo Freire

O trabalho com o gênero narrativo *conto* já é previsto no planejamento do 9º ano do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Barra Mansa, onde este projeto foi desenvolvido. Trabalhar com esse gênero pressupõe leitura e compreensão de textos literários. Muitos alunos, no entanto, consideram o texto literário de difícil compreensão, sobretudo pela linguagem geralmente distanciada do uso cotidiano e pela complexidade de forma e sentido.

Nos conteúdos propostos para Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de Barra Mansa, o estudo desse gênero narrativo consta no 7º, 8º e 9º anos. No entanto, é possível observar que, chegando ao último ano do Ensino Fundamental, poucos alunos dominam sua estrutura, elementos e características. Além disso, a maioria possui um repertório de leituras ainda bastante reduzido.

Ao longo do ano letivo de 2016, trabalhei com a turma 901, 9º ano do Ensino Fundamental, variados contos de Machado de Assis, bem como de outros autores. Além da leitura e exploração do estilo dos autores, os alunos estudaram, via livro didático, a estrutura e as características do gênero *conto*, uma vez que é conteúdo deste ano de escolaridade.

Como proposta final, sugeri aos alunos que reescrevessem “O caso da vara”, publicado originalmente em *Páginas recolhidas*, de Machado de Assis (ASSIS, 2008). A atividade principal consistiria na transformação da perspectiva de terceira para primeira pessoa. O novo narrador proposto foi Lucrecia, a mocinha escrava, praticamente sem voz no texto machadiano, que passava seus dias a fazer renda na sala de sua senhora. Ao manipular esse elemento específico do texto, ou seja, o foco narrativo, o aluno pôde demonstrar se desenvolveu familiaridade com o gênero, pois precisou reelaborar, além do narrador, todos os outros elementos narrativos envolvidos, como a organização do enredo, a construção das características das personagens, tipos de discurso, entre outros, pois o enfoque de Lucrecia não seria o mesmo do narrador-onisciente, que tem Damião como protagonista. Convém observar

que o olhar dessa personagem, embora calada no texto, é privilegiado: a menina era uma das escravas rendeiras de sinhá Rita e passava seus dias na sala da casa meneando os bilros. Assistia, pois, a tudo o que acontecia no entra-e-sai da casa de sua ama.

No ano de 2017, realizei novamente as atividades com outra turma de 9º ano, também 901. A partir de uma observação feita pela professora Luiza Alves de Oliveira, durante a qualificação deste trabalho em março de 2017, percebi que o modo como formulei o questionário pós-leitura para a turma poderia interferir em sua produção textual, uma vez que o primeiro questionário, o de 2016 (APÊNDICE B) era constituído, sobretudo, de questões fechadas, ou seja, que levavam a respostas objetivas, muitas vezes de mera localização no conto. O novo questionário proposto em 2017 (APÊNDICE C) foi reelaborado com questões abertas, ou seja, que permitem maior liberdade de interpretação pelos alunos.

A ideia de produção de uma nova versão do conto surgiu a partir de *Missã do Galo: variações sobre o mesmo tema*, organizado por Osman Lins (LINS, 1977). Nesse projeto, o escritor convidou mais cinco colegas escritores, a saber: Néliða Piñon, Julieta de Godoy Ladeira, Antonio Callado, Autran Dourado e Lygia Fagundes Telles, para o desafio de escrever novas versões do famoso conto machadiano. Lins justifica no prefácio:

Imaginava um certo número de ficcionistas, cada um deles aceitando o desafio de refazer, com maior ou menor aproximação, o texto machadiano, que sabíamos insuperável. Este fator, aliás, se era próprio a fazer-nos perder o ânimo, também aliviava-nos: partiríamos para uma aposta antecipadamente perdida. (LINS, 1977, p. 7).

O fato de se tratar de um desafio para autores experientes demonstra que ele é ainda maior quando proposta semelhante é direcionada a alunos do Ensino Fundamental. Mas assim como esses autores venceram o desafio e escreveram suas versões, os discentes foram desafiados, ainda que com objetivos diferentes.

Portanto, no trabalho com o conto, ao modificar o aspecto sugerido, os alunos precisaram lidar não só com a complexidade formal do gênero textual, como também com as mudanças de sentido, com os valores sociais e relações de poder que essa modificação acarretou.

4.1 O Conto Literário

Muitas tentativas de delimitar uma teoria do conto vêm sendo realizadas do século XIX até nossos dias. Nádya Battella Gotlib, em *Teoria do conto*, faz um levantamento dos estudos teóricos relacionados ao gênero, mas a conclusão é “cada conto, um caso... teórico” (GOTLIB, 2001, p. 83). A autora inicia mencionando as narrativas orais, em seguida destacando os estudos de Vladimir Propp e Edgar Allan Poe, entre outros teóricos.

Propp, em *Morfologia do Conto*, de 1928, propõe um estudo aprofundado das formas para determinar os valores constantes e os valores variáveis do conto, analisando a estrutura dos contos maravilhosos. Bem de acordo com os moldes do formalismo russo, Propp, preocupado com os métodos de estudo que não permitiam resolver o problema da definição do gênero com nitidez e precisão, afirma que

Como os contos são extremamente variados e como, manifestamente, não podem ser estudados imediatamente em toda a sua diversidade, é necessário dividir o *corpus* em várias partes, isto é, classificá-lo. Uma classificação exacta é um dos primeiros passos para a descrição científica. (PROPP, 2000, p. 40).

Segundo Gotlib (2001, p. 22), “Propp não se preocupa com o problema de extensão. Está apenas interessado em determinar as ações e personagens constantes nos contos maravilhosos que examina”. A autora cita ainda duas outras obras de Propp em que o autor russo examina, coerentemente com seu programa inicial sobre a estrutura: as transformações dos contos fantásticos e suas origens. As contribuições de Propp, ainda que voltadas especificamente ao *conto maravilhoso*, constituem referência aos estudos sobre o gênero.

Prosseguindo em suas investigações, Gotlib (2001, p. 32) menciona Edgar Allan Poe, primeiro autor de destaque a tecer reflexões acerca do conto “no prefácio à reedição da obra *Twice-told tales*, de 1842”. Poe propõe nesse trabalho uma teoria da *unidade de efeito*, em que há uma relação entre a extensão do conto e a reação que provoca no leitor. “Torna-se imprescindível, então, a leitura *de uma só assentada*, para se conseguir esta unidade de efeito” (GOTLIB, 2001, p. 32, grifo da autora).

A dificuldade de uma definição persiste. A característica que parece não se modificar, no entanto, em relação à definição inicial de Poe é a da brevidade da narrativa. No capítulo sobre gêneros literários do manual de teoria literária de Hênio Tavares, o conto aparece como uma das espécies do gênero narrativo em prosa, definido como “CONTO – É a espécie narrativa

de maior brevidade” (TAVARES, 1991, p. 123), seguido de algumas citações que demonstram não haver uma definição precisa além da referência à extensão do texto, sobretudo se comparado à novela ou ao romance.

Mario de Andrade, no artigo intitulado “Contos e contistas”, publicado na *Revista Acadêmica*, em 1938, e posteriormente em *O empalhador de passarinho*, de 1946, pergunta a certa altura: “O que é conto?”. Tal texto tem como mote um inquérito realizado por aquela revista na tentativa de selecionar os dez melhores contos brasileiros. Andrade, incomodado, tanto com a indefinição do gênero, quanto com a dificuldade de tal seleção, procede a essa reflexão. Sobre o gênero, diz o seguinte:

O que é conto? Alguns dos escritores do inquérito se têm preocupado com este inábil problema de estética literária. Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou de conto. (ANDRADE, 1972, p. 5).

No mesmo artigo, Andrade (1972, p. 6) diz que “poder-se-ia definir o conto como ‘um romance pra revista’”, referindo-se à extensão (bem) mais curta que a do romance.

Machado de Assis também procedeu, em sua época, às reflexões sobre o gênero. No prefácio de *Várias histórias*, refere-se ironicamente à superioridade do conto sobre o romance: a grande qualidade daquele seria justamente a brevidade:

O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos. (ASSIS, 1959, p. 5).

Nesse prefácio, Machado faz referência explícita a Edgar Allan Poe, reconhecendo sua grandeza e as vantagens da curta extensão do gênero em que este autor se tornou célebre. Os próprios contos machadianos como “Missa do Galo”, “A cartomante” ou “O Caso da vara”, entre tantos outros que poderiam servir de exemplo, destacam-se pelo impacto que causam no leitor, alcançando a tal “unidade de efeito” proposta pelo contista e crítico estadunidense.

Em seu artigo “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, de 1873, Machado de Assis analisa, entre outros fatos literários, os gêneros cultivados no país naquele momento (ASSIS, 2016). Destacando o romance, a poesia e o teatro, reserva apenas um parágrafo, em meio à seção em que trata do romance, ao gênero *conto*. A respeito desse gênero, ele declara:

É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (ASSIS, 2016, n.p.).

Aproximadamente um século depois, Bosi (1981, p. 7) afirma que “se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção”. E continua dizendo que “se o romance é um trançado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e ações e um discurso que os amarra” (BOSI, 1981, p. 8), ou seja, o que o conto “perde” em quantidade de eventos narrativos, ele ganha em intensidade. E sobre o contista:

[...] é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção. (BOSI, 1981, p. 9).

4.2 O Conto Machadiano

A perspectiva de Machado é a da contradição que se despista, o terrorista que se finge de diplomata.

Alfredo Bosi

Neste trabalho, estamos tratando sobre um autor considerado contista de excelência. Com sutileza e fina ironia, Machado de Assis aborda temas universais e questões relevantes de seu tempo em seus vários contos. Analisando o caráter de seus personagens, o autor denuncia não só o comportamento humano, mas, sutilmente, as instituições e estruturas sociais que estão por trás desse comportamento e lhe dão sustentação. Nem tudo é dito. Gotlib, complementando uma observação sobre “Missa do galo”, pondera que

Porque os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções... (GOTLIB, 2001, p. 77).

Este comentário da pesquisadora, ainda que relacionado a outro conto, ajusta-se perfeitamente à situação de Damião em “O caso da vara”. As “compreensões da natureza

humana [...] aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável”: no desfecho, quando Damião precisa decidir entre salvar a escrava ou a própria pele, é possível perceber esse aspecto “entre o sórdido e o desculpável”. Na reescrita do conto pelos alunos, tal aspecto foi intuído pelos jovens leitores/autores que, na voz de Lucrecia, ora desculparam, ora não, a decisão final de Damião, alguns seduzidos por suas boas intenções, outros indignados pelo seu egoísmo. No capítulo em que são feitas as análises dos textos dos alunos, esses desfechos serão vistos com maiores detalhes. Ainda segundo Gotlib:

O modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não-dito, que abre para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, paralelamente ao que *acontece*, há sempre o que *parece estar acontecendo*. E disto nunca chegamos a ter certeza. Afinal, o que acontece mesmo? qual é a estória? e como acontece? ou qual é o enredo? Isto tudo é montado a partir dos gestos, olhares, cochichos e entrelinhas. (GOTLIB, 2001, p. 78, grifos da autora).

Os comentários acima vêm ao encontro do estranhamento que a maioria dos alunos demonstrou no momento do desfecho do conto lido em sala, quando talvez alguns tenham intuído esse modo pelo qual Machado representa a realidade, deixando ao leitor, além do enunciado, um rastro de ambiguidades e dúvidas. Determinada aluna, ao responder às questões: “Você gostou do desfecho do conto? Qual foi sua impressão sobre ele?”, respondeu:

Eu gostei sim, fiquei curiosa para saber o que aconteceu com o Damião, e isso meio que dá uma impressão de incompleto, mas acredito que esse final foi proposital para nós mesmos pensarmos e refletir sobre isso. (A12/17).

A resposta da aluna menciona a “impressão de incompleto”, corroborando os questionamentos feitos por Gotlib na citação logo acima. E a aluna “acredita que esse final foi proposital”, percebendo que o narrador não diz tudo, que há significado também no *não-dito*.

Mario de Andrade, em “Contos e contistas”, considera que Machado é um dos *descobridores da forma do conto*. E o artigo que inicialmente questiona “o que é conto?” retoma a “pergunta angustiada” no final, concluindo que os bons autores, como Machado (e Maupassant, também citado e elogiado), descobriram a forma do conto, sem, no entanto, defini-lo, uma vez que o conto, em sua concepção, é “indefinível, insondável, irreduzível a receitas” (ANDRADE, 1972, p. 8).

Oferecer aos alunos a leitura e a possibilidade de reescrita de contos de um autor consagrado de nossa literatura, portanto, é aproximá-los de textos de indiscutível qualidade no

trato com a linguagem e com a abordagem de temas humanos em alto grau de dramaticidade. Poderia constituir-se como uma maneira de iniciar sua formação de leitor literário?

4.3 Em Defesa do Cânone

Um clássico é um livro que nunca termina de dizer aquilo que tinha para dizer.

Ítalo Calvino

Há sempre um risco ao se optar por um trabalho de iniciação à leitura literária com um autor como Machado de Assis, distanciado no tempo e na linguagem em relação aos estudantes de escola pública do século XXI, enquanto há tantas obras mais atuais e de qualidade para serem escolhidas. Optei, entretanto, por esse autor canônico por acreditar que ao longo da vida – fora da escola – a possibilidade de encontro com autores dessa categoria não será frequente para a maioria das pessoas, entre as quais incluo meus alunos.

O significado e a etimologia da palavra “cânone” em Cunha (1998, p. 148) é “regra geral de onde se inferem regras especiais, com origem no latim *canōn-onis*, derivado do grego *Kanon-ónos*: “regra”. Já em Houaiss (2009, p.388), cânone é, entre outros sentidos ligados à esfera da música e da religião, “norma, princípio geral do qual se inferem regras particulares; maneira de agir, modelo, padrão; lista, catálogo, coletânea”. Portanto, as ideias de regulamento, de sagrado e de arte, percorrem as definições de cânone ao longo de sua história.

Esse sentido foi-se modificando a partir noção de textos-modelo até chegarmos ao conjunto de autores literários consagrados pela tradição. Há uma longa discussão em torno dessa “consagração”, em que, na maioria das vezes, as universidades e o mercado editorial determinam quem entra ou não para a “lista consagrada”. Mas é necessário observar que, se por um lado a lista canônica não comporta toda a obra de qualidade produzida, podendo ser considerada injusta por deixar no esquecimento e no anonimato muitos autores que poderiam se tornar tão importantes quanto aqueles cuja obra foi lançada à luz, por outro, a obra dos autores já consagrados carrega valor estético que não sofreu desgaste com o passar do tempo, provocando reações e resistindo às análises feitas ao longo de sua existência.

Harold Bloom, no “Prefácio e Prelúdio” de *O Cânone Ocidental*, explica que se perguntou, ao selecionar os vinte e seis escritores analisados nesse livro, o que os tornaria, juntamente com suas obras, canônicos: “A resposta, na maioria das vezes, provou ser a

estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (BLOOM, 1995, p. 12). Ainda segundo Bloom: “Quando se lê pela primeira vez uma obra canônica, encontra-se mais um estranho, uma surpresa misteriosa, do que uma realização de expectativas” (BLOOM, 1995, p. 13).

Já Ítalo Calvino afirma que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos”, para logo em seguida “desconstruir” essa noção de “utilidade”: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (CALVINO, 2007, p. 16).

Se entre os grandes teóricos que se dedicam ao estudo do cânone não há consenso, as discordâncias se acentuam quando vamos tratar da adoção do cânone na esfera escolar. Cosson (2016), por exemplo, menciona alguns fatores que influenciam a seleção das obras pela escola, como os ditames dos programas educacionais, a legibilidade dos textos de acordo com a faixa etária ou a série escolar, as condições oferecidas pela escola e, o mais determinante segundo o autor: o cabedal de leituras do professor.

Segundo Cosson (2016, p. 32), “até pouco tempo atrás o professor precisava apenas seguir o cânone”. Esse mecanismo se modifica quando o cânone passa a ser questionado nas universidades e a seleção das obras literárias segue variadas direções: a que se mantém fiel ao cânone; a que defende a contemporaneidade dos textos como critério mais adequado; a que defende a pluralidade de autores, obras e gêneros; entre outras. Diante dessa variedade de direções, esse autor diz

Têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. (COSSON, 2016, p. 34).

Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, após explicar sobre sua seleção de cânones ao longo do livro, afirma, reconhecendo a polêmica da posição que assume:

Reconheço todos os limites de um cânone e reconheço muita pertinência nas objeções políticas que se fazem a uma lista dessas. Mas [...] não consigo deixar de ver no cânone também uma extensão da alfabetização [...]. Do mesmo jeito que a gente tem de saber ler para não ficar à margem da civilização, tem de conhecer minimamente o cânone. (MACHADO, 2002, p. 133).

Parece importante destacar que, ao se optar pela adoção de obra(s) canônica(s) na escola, esta(s) não deve(m) ser impostas e valorizadas pela suposta superioridade cultural ou pelo puro elogio das *belas letras*, mas para proporcionar aos estudantes a possibilidade de encontro com obras que ajudam “a entender quem somos e aonde chegamos”, como quer Calvino (2007, p. 16). Ou que vão transformar o jovem leitor num “sujeito da experiência”, segundo Larossa (2016, p. 28). Que “terão os efeitos de um relâmpago, subitamente iluminando tudo”, possibilidade levantada por Ana Maria Machado (2002, p. 135). Mas, conforme pondera essa última autora: “Difícil medir como e quanto [determinada leitura transformou o leitor]. É uma navegação imprecisa. Mas uma experiência inigualável” (MACHADO, 2002, p. 135).

Além disso, há outro fator a se considerar, levando-se em conta a seguinte afirmação de Bloom (1995, p. 23): “Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso”. Assim, ao optar pela adoção de um cânone na escola, oferecemos ao aluno um tesouro cultural de que talvez ele se privasse caso essa oferta não fosse feita aí, exatamente no ambiente escolar. Não há tempo suficiente para que se leia todo o patrimônio literário, mas ler nem que seja uma ínfima parte dele já acrescenta bastante à nossa humanidade. Se a escola não assume a responsabilidade de apresentar aos alunos ao menos parte desse patrimônio, talvez a “vida”, espontaneamente, não proporcione esse encontro. A escola precisa assumir essa tarefa, sem, contudo, sacralizar determinados autores em detrimento de outros: não se trata de limitar as possibilidades de leitura, com preconceitos linguísticos e culturais, mas de ampliá-las.

4.4 “O Caso da Vara”

Damião sentia-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário!

Machado de Assis

“O caso da vara” foi publicado pela primeira vez no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 01/01/1891; e, posteriormente, 1899, no livro *Páginas recolhidas*, organizado pelo próprio autor (SENNA, 2008, p. 9-10). Trata-se, portanto, de um texto que, embora suscite uma reflexão sobre a escravidão no Brasil no século XIX (como pano de fundo), foi publicado cerca de três anos após a abolição da escravatura.

O conto possui um narrador classificado, segundo a tipologia de Friedman (LEITE, 1985), como narrador onisciente intruso. “Esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade” (LEITE, 1985, p. 26), podendo posicionar-se livremente na narrativa, sendo que “seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.” (LEITE, 1985, p. 27). No trecho “Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. *Não sei bem o ano*” (ASSIS, 2008. p. 3, grifo nosso), percebemos, já no início da narrativa, a intromissão desse narrador, que orquestrará uma trama em que diz mais do que conta.

Damião foge do seminário em que fora internado pelo pai, por acreditar não ter vocação para a carreira religiosa. Desorientado após a fuga, não sabe para onde ir – já que, se voltasse para casa, o pai o devolveria ao seminário. Pensa primeiro em pedir ajuda a seu padrinho, João Carneiro, mas sabendo que seria inútil, pois este era “um moleirão sem vontade”, lembra-se de sinhá Rita, uma viúva, “querida” do padrinho. E corre para a casa da mulher com urgência, uma vez que se encontrava na rua vestido com a batina de seminarista.

Embora o enredo se construa em torno dos apuros de Damião, impera, ao longo de toda a narrativa, a ironia.

A palavra grega “ironia” quer dizer “dissimulação”. Segundo os historiadores da filosofia e da literatura, é registrada pela primeira vez na *República* de Platão e significa um modo ardiloso de conduzir o pensamento das pessoas. (SENNA, 2008. p. XIII).

A dissimulação se dá no conto à medida que Machado nos conta o drama de Damião e, silenciosamente, denuncia a hipocrisia da sociedade escravocrata e cristã em que encontramos “personagens” como sinhá Rita e João Carneiro, além de, mais silenciosamente ainda, a tragédia da escravidão, na figura muda de Lucrecia, escrava de onze anos, tísica, que, por distrair-se com uma anedota contada por Damião na sala onde passava os dias a fazer renda de bilro, é ameaçada pela ama. “Se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo do costume”: apanhar de vara (ASSIS, 2008, p. 7). Vemo-nos, assim, diante de, no mínimo, três “histórias”: a que é narrada explicitamente, centrada na necessidade de Damião de se livrar do seminário com a ajuda da viúva; e as duas que ele não conta, mas insinua: a do envolvimento de sinhá Rita com João Carneiro; e a da injustiça e naturalidade da presença de seres humanos escravizados no cotidiano das “boas” famílias cristãs do século XIX.

Quanto à intimidade da viúva com João Carneiro, o narrador deixa várias pistas ao longo do conto:

Sinhá Rita era uma viúva, *querida* de João Carneiro. Damião tinha umas ideias vagas *dessa situação* e tratou de a aproveitar. (ASSIS, 2008, p. 4, grifo nosso).

– Meu padrinho? [...] duvido que atenda a ninguém.
– [...] Ora, eu lhe mostro se atende ou não. (ASSIS, 2008, p. 6).

Ela, para *mascarar* a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que [...]. (ASSIS, 2008, p. 6, grifo nosso).

Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

– Tenho um rodaque do meu defunto, disse ela, rindo [...]. (ASSIS, 2008, p. 11).

[...] e na meia folha da própria carta escreveu esta resposta: “*Joãozinho*, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos”. (ASSIS, 2008, p. 12, grifo nosso).

Além dessas pistas de que haveria uma intimidade entre as duas personagens, há o tom imperativo com que a mulher se dirige reiteradamente a Carneiro (ASSIS, 2008, p. 8): “Vá, vá falar a seu compadre.”; “Ande, Senhor João Carneiro.”; “Vá, vá”.

Já quanto à presença de escravos no cotidiano das famílias “de bem” do século XIX, encontramos Lucrecia:

Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente [...]. (ASSIS, 2008, p. 7).

A escrava que, apesar de ser “um frangalho de nada” e tísica, era esperta e atenta, e não conteve o riso à anedota contada pelo rapaz. Ela quase não fala – apenas no final, quando pede ajuda a Damião. Mas é elemento central na narrativa, uma vez que “protagoniza” o episódio da vara, a que faz referência o título do conto. Além disso, Lucrecia possui um olhar privilegiado pela localização que ocupa na sala de Rita: vê quem entra e quem sai, incluindo aí Damião, com seu conflito e suas anedotas, naquele dia em especial; e João Carneiro, no cotidiano da casa.

Não nos é narrado o desfecho do dilema de Damião. A narração se encerra no justo momento em que ele se esquiva de ajudar a menina, conforme prometera a si mesmo

anteriormente. Não sabemos se ele se livrou ou não do seminário, como foi seu encontro com o pai e se sinhá Rita obteve êxito em sua resolução de ajudá-lo. Mas sabemos que, no momento crucial do caso da vara, Damião posicionou-se passivamente diante da situação da menina que tossia sem parar e foi castigada por divertir-se com a anedota que havia contado. Entre salvar a própria pele ou a da menina, escolheu a primeira opção.

Este conto machadiano pode comparar-se, pois, a uma sinfonia, em que há uma harmonia de vozes e de silêncios, dissimulações, ironias, o dito e o não dito, formando, todos esses elementos unidos, uma unidade coesa e altamente significativa.

5 EM PRÁTICA

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar...

Jorge Larrosa

Não se constitui tarefa das mais simples ao aluno de Ensino Fundamental captar todas as nuances que compõem um conto como “O caso da vara”, devido à já mencionada pouca ou nenhuma familiaridade do estudante com o texto literário. Nesse conto, há todo um mecanismo de desmascaramento das relações sociais pela ironia, construído magistralmente por Machado. No entanto, acredito que, ao proporcionar aos alunos a oportunidade de repensar a narrativa sob a ótica da personagem em maior desvantagem social naquele contexto, existe a possibilidade de que eles percebam, mesmo que intuitivamente, muitos dos recursos construídos pelo autor.

5.1 A Leitura em Voz Alta

Paul Zumthor, em *Performance, recepção, leitura*, evoca certa lembrança que afirma não apenas lhe ser cara, mas que estaria profundamente inscrita nele. Quando jovem, o autor fazia seus estudos secundários na Paris dos anos 1930 (ZUMTHOR, 2016). Nessa época, as ruas daquela cidade eram animadas por numerosos cantores. O jovem Paul costumava parar, com seu grupo, ao redor de um cantor, para ouvi-lo.

Ouvia-se uma ária, melodia muito simples, para que na última copla pudéssemos retomá-la em coro. Havia um texto, em geral muito fácil, que se podia comprar por alguns trocados, impresso grosseiramente em folhas volantes. Além disso, havia o jogo. O que nos havia atraído era o espetáculo. [...] Havia o homem, o camelô, sua parlapatice, porque ele vendia as canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas volantes em bagunça num guarda-chuva emborcado na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam de suas lojas, a rua em volta, os barulhos do mundo e, por cima, o céu de Paris que, no inverno, sob as nuvens de neve, se tornava violeta. Mais ou menos tudo isto (*sic*) fazia parte da canção. *Era a canção.* (ZUMTHOR, 2016, p. 32).

Com essa história de sua juventude, o autor nos diz que todo aquele conjunto de elementos tornava cada canção única e que a beleza de sua forma estava relacionada àquela performance que incluía o cantor, o folheto, os passantes, o céu violeta de Paris. Na continuação de sua narração, diz que, ao ler posteriormente o texto, isoladamente, percebia que o dinamismo não era o mesmo, ainda que na ocasião ainda não tivesse instrumentos para fazer uma reflexão teórica a respeito.

A narração dessa experiência de Paul Zumthor leva-me a lembrar que, como professora do Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas, ouvi, muitas vezes, ao longo da carreira, alunos dizerem que, ao me ouvir ler em voz alta o texto literário, este lhes parecia mais interessante, mas que, ao lerem sozinhos, em casa ou mesmo na escola, em forma de leitura silenciosa, o interesse seria menor ou nulo. Em boa medida, isso ocorre pela inexperiência de muitos desses estudantes como leitores. No entanto, a leitura em voz alta, com a entonação adequada, em grupo, constitui um elemento que agrega valor ao texto literário. Sobretudo quando estamos tratando de leitores jovens ainda iniciando a construção de suas habilidades de leitura literária.

A proposta de leitura do conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, foi realizada em sala, em voz alta, por mim. Essa escolha deveu-se ao fato de que, se delegasse essa tarefa aos alunos, a dispersão poderia ser maior, já que a linguagem machadiana não seria familiar à maioria e a recepção poderia ser dificultada.

A recepção [...] se produz em circunstância psíquica privilegiada: performance ou leitura. É então e tão somente que o sujeito, ouvinte ou leitor, encontra a obra; e a encontra de maneira indizivelmente pessoal. (ZUMTHOR, 2016, p. 53).

O momento de leitura em voz alta em sala foi o primeiro contato daqueles estudantes com o texto literário proposto. Um momento único, numa situação de leitura que se desenvolvia num ambiente bastante barulhento, mas que precisava realizar-se. Se por um lado, esse era um risco de não obter a atenção de todos ou da maioria, delegar a tarefa a uma situação de leitura solitária e silenciosa, seria ainda mais arriscado. Segundo Cecília Bajour,

A preparação do encontro de leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta. Por isso, não existe uma forma única de penetrar nos textos (BAJOUR, 2012, p. 63).

Assim, para penetrar no texto proposto, o conto machadiano, optei pela leitura em voz alta em sala de aula e acredito que essa foi uma escolha acertada, devido às respostas que obtive dos alunos numa pequena pesquisa de opinião que realizei na turma 901 de 2017, posteriormente à aplicação da sequência didática, interrogando o seguinte: “Você prefere realizar a leitura de textos literários propostos pela escola, sozinho, em leitura silenciosa, ou que a leitura seja realizada pela professora, em sala, em grupo e em voz alta? Por quê?” As respostas variaram entre as duas opções, uma vez que há, nessa turma, alguns alunos leitores, não necessariamente de literatura canônica, mas acostumados à leitura solitária. A maioria, porém, demonstrou preferência pela segunda opção (em sala, em grupo e em voz alta). Eis algumas justificativas para essa alternativa:

“Porque tendo outra visão você pode aprender mais e questionar diversas ideias diferentes” (A01/17).

“Porque eu entendo melhor quando uma pessoa lê em voz alta” (A04/17).

“Eu prefiro que a leitura seja feita pela professora, porque quando eu pego para lê, eu não entendo nada, e leio muito lento... ou às vezes rápido demais. E na escola eu não presto muita atenção e entendo mais ou menos [ao ler silenciosamente]” (A06/17).

“[...] porque quando a professora ler, a gente consegue entender tudo o que ela fala como também ela pode explicar o significado das palavras na qual os alunos não conseguem entender” (A07/17).

“Realizada pela professora, porque eu não gosto de lê, então lendo com as pessoas eu sinto mais vontade e interesse na leitura” (A08/17).

“Eu gosto de leitura em sala, pra mim tanto faz uma ou outra, mas é bem mais legal e divertido os alunos lerem do que em silêncio” (A10/17).

“[...] existem livros com a escrita difícil e palavras que não são usadas em nosso cotidiano e ler com os professores ajuda na interpretação. Eu particularmente prefiro na escola [...]” (A12/17).

“Eu prefiro quando a professora lê em sala de aula, além de eu entender melhor, fico concentrada. Pois o modo que ela explica é mais interessante! Já tira as minhas dúvidas e a história fica mais clara” (A13/17).

“[...] pois lido por ela fica mais fácil a realização dos deveres e a interpretação” (A14/17).

“Professora [...] porque dá pra entender o texto” (A15/17).

Dos quinze alunos que responderam a essa enquete, os dez acima preferiram a leitura em voz alta. Entre os outros cinco, três deram respostas que contemplavam as duas possibilidades e apenas dois defenderam exclusivamente a leitura silenciosa. Ao menos no universo investigado por mim, penso que acertei ao ler para os alunos o texto canônico. E acredito que essa prática pode ser constante no ambiente escolar, facilitando o interesse pelos textos literários.

5.2 A Reescrita dos Contos

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

Jorge Larrosa

A proposta de reescrever contos sob novo ponto de vista não é nova. Contudo, constitui um artifício que induz o aluno a repensar o enredo e suas implicações. Observei durante a realização da atividade em sala que o momento da reescrita foi o verdadeiro momento da leitura pelos estudantes, pois foi quando, para criar suas estratégias textuais, precisaram debruçar-se sobre o texto. Quando realizei a leitura em voz alta, procuraram ficar atentos, com sincero esforço.

Mas o conto é longo em relação aos textos normalmente lidos em sala, sua linguagem não é coloquial, além de possuir vocabulário e imagens sofisticadas. Isso pode levar à dispersão dos ouvintes em alguns pontos do texto. A minha percepção, porém, foi a de que a maioria se esforçou por prestar atenção, embora a dispersão não possa ser mensurada.

No entanto, quando se encontraram na necessidade de reescrever o texto, dando voz a Lucrecia, os alunos foram convidados a mergulhar no enredo: não só no enunciado, mas também na enunciação, pois passam a ser enunciadores, no papel da escrava. Além disso, precisam ler nas entrelinhas, por vezes fazendo inferências sobre o conteúdo não expresso verbalmente, mas apenas sugerido, como a condição de objeto da menina, a relação estreita entre Rita e Carneiro, a autenticidade (ou não) do sentimento de compaixão de Damião, entre outros.

Um dos alunos assim escreveu em sua redação sobre a intimidade entre Rita e Carneiro:

João Carneiro, seu padrinho, homem que Sinhá Rita tinha “uma certa intimidade” (A04/16). Menciona também a vaidade, sugerida, mas não nominada no texto: “Ele conseguiu usando o ponto fraco de Sinhá Rita que era também seu ponto forte, sua vaidade” (A04/16). E conferindo legitimidade ao papel de observadora que Lucrécia poderia exercer: “Mas continuei a ouvir enquanto tecia” (A04/16).

Outro aluno narrou na voz de Lucrécia: “Nisso chegou um senhor chamado João Carneiro, mais aquele já vi mais vezes na casa de Sinhá Rita. Ele parecia que gostava dela vivia a visitar ela” (A12/16).

Segundo Bajour (2012, p. 62), “as práticas de leitura literária, mais habituais na escola, ainda são bastante ‘monológicas’”, uma vez que a leitura realizada pelos professores reduz a participação dos alunos “a uma escuta muitas vezes passiva ou excessivamente pautada por sentidos sugeridos de antemão”. No entanto, nesse ponto do trabalho, a reescrita, dar voz à Lucrécia é dar voz ao discente, que empresta sua própria voz à personagem, com maior liberdade de colocar-se com sua subjetividade no texto lido.

Foi no momento da reescrita que os alunos, tanto de 2016 quanto de 2017, dirigiram-se a mim com perguntas que variavam desde o conteúdo do conto até questões gramaticais, como o uso do pronome oblíquo em início de frase; pontuação, sobretudo em relação ao uso do travessão quando estava em jogo o discurso direto ou o indireto da narradora-personagem que estavam construindo; o uso do pretérito mais-que-perfeito; etc.

A atividade de reescrita do conto ajudou o aluno a buscar referências em seu próprio repertório cultural que lhe permitissem estabelecer relações com o texto lido, facilitando assim a compreensão. Segundo Marcuschi,

Compreendendo a compreensão como processo, fica evidente que ela não é uma atividade de cálculo com regras precisas e exatas. Contudo, se compreender não é uma atividade de precisão, isto também não quer dizer que seja uma atividade imprecisa e de pura adivinhação. Ela é uma atividade de seleção, reordenação e reconstrução, em que certa margem de criatividade é permitida. De resto, a compreensão é uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro. (MARCUSCHI, 2008, p. 256).

Com essa atividade de reescrita como um processo de compreensão do conto, em que há “seleção, reordenação e reconstrução, em que certa margem de criatividade é permitida”, considero que o que proponho aos meus leitores das duas turmas é uma *experiência*.

Walter Benjamin, em seu conhecido artigo “Experiência e pobreza”, assevera que a pobreza da experiência no mundo moderno, dominado pela técnica, é a nova forma de miséria

(BENJAMIN, 1987). Quando a técnica se sobrepõe ao humano, a experiência é desvalorizada, desvalorizando, conseqüentemente, o patrimônio cultural. Segundo o autor, a pobreza da experiência impele “o bárbaro”, ou seja, o homem da modernidade, a contentar-se com pouco.

Jorge Larossa, no artigo “Notas sobre experiência e o saber da experiência”, que constitui o primeiro capítulo de seu livro *Tremores: escritos sobre experiência*, tece algumas considerações sobre o termo, que de acordo com o pensamento de Walter Benjamin sobre “a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo”, pondera que “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (LAROSSA, 2016, p. 18) por diversos fatores da modernidade, como excesso de informação, de opinião e de trabalho e falta de tempo. Segundo o autor,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LAROSSA, 2016, p. 18).

Assim, quando o estudante reescreve o conto, o mesmo conto, ainda que apenas parafraseie todo o conteúdo para alcançar o objetivo proposto que é reescrever o texto sob outro ponto de vista, o conto *lhe* acontece, finalmente. Ele pode vir a se tornar o “sujeito da experiência”.

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LAROSSA, 2016, p. 25).

Não há como assegurar que esses jovens envolvidos no projeto voltarão a ler Machado de Assis. É possível até que eles esqueçam o enredo do conto “O caso da vara” e seus detalhes. Contudo, a experiência desse conto lhes aconteceu e poderá tê-los afetado, acrescentando-lhes algo de que talvez nem eles se deem conta. Para se tornarem futuros leitores de textos literários, precisariam ser expostos a outras tantas experiências com esse tipo de leitura, o que não seria garantia de sua formação em leitor de literatura canônica ou mesmo de ficção em geral. Coenga (2010, p. 22) menciona que “Kleiman (1989) defende que o leitor deve ser exposto aos mais diversos tipos de textos para ampliar o seu conhecimento textual, pois isso facilitará a sua compreensão”. Ouso acrescentar que o leitor (os alunos, neste caso) deve ser exposto aos mais diversos tipos de experiências com os textos literários para ampliar não só seu conhecimento

textual, mas, sobretudo, a sua experiência do humano. Ao reescrever o conto, este, na verdade, está sendo lido.

Nas produções finais, identifiquei que alguns alunos apenas repetiram o enredo e/ou o parafrasearam com poucas modificações; outros fizeram uma leitura que foi além do enunciado explícito, conseguindo inferir informações que estavam nas entrelinhas; um terceiro grupo conseguiu acrescentar informações novas àquelas dadas pelo autor original; houve ainda uma aluna que fez uso da metalinguagem, ao procurar esclarecer o caráter ficcional de sua versão, uma vez que Lucrecia, sendo escrava, tinha uma grande chance de não ser alfabetizada e, assim, não poderia escrever sua própria história. Houve ainda alguns alunos que alteraram a organização temporal da narrativa, que no conto machadiano ocorre em um único dia. Esses alunos estenderam o tempo da narrativa, utilizando expressões como “no dia seguinte”, modificando, portanto, o enredo. Outro aspecto observado nas produções foi o cuidado que alguns alunos tiveram em construir seu discurso conferindo legitimidade à narradora Lucrecia, como nesse trecho “Mas continuei a ouvir enquanto tecia” (A04/16). O que se percebe aqui é uma preocupação com a verossimilhança, conceito que, provavelmente, não conhecem teoricamente, mas que, por suas experiências com narrativas diversas (em histórias, filmes, séries, etc.) são capazes de reproduzir empiricamente.

Cecília Bajour, na obra *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, procura nos mostrar a importância da escuta para o sucesso no trabalho com a leitura. Segundo a autora, a escuta é iniciada pelo mediador já no momento da seleção do texto a ser lido e explorado (BAJOUR, 2012). Mas no caso da execução prática de meu projeto com os alunos em sala de aula, percebo que essa escuta se deu de forma mais efetiva nesse momento em que os alunos reescreviam suas versões, pois foi quando, de fato, buscaram a interação comigo ou com os colegas.

Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras dos outros leitores. Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com ecos às vezes inesperados pelos intérpretes. (BAJOUR, 2012, p. 25-6).

Esse momento de troca, uma vez que os estudantes estavam diante de um desafio real, o de reescrever a história, fez com que *colocassem para fora a música de sua leitura*. E o encontro com os outros leitores/escritores enriqueceu sua experiência. Petit alerta-nos que

Tudo o que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças – e os adultos – a uma maior familiaridade e uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. [...] No entanto, devemos deixar claro que se trata apenas de fatores propícios ao desenvolvimento da leitura, e que nenhuma receita poderá nos garantir a conversão das pessoas a essa atividade. (PETIT, 2013, p. 37).

Com a simples proposta de leitura de contos que apresentei às duas turmas aqui pesquisadas, não pode existir a pretensão de formar o leitor. Essa visão inaugural do texto literário, porém, chega a esses alunos como mais uma pequena peça, talvez a primeira, na complexa engrenagem que poderá vir a construir sua memória afetiva do texto de Literatura. Como disse acima Petit, “nenhuma receita poderá nos garantir a conversão das pessoas a essa atividade”. Entretanto, é possível trabalhar o texto literário em sala de aula como uma experiência prazerosa, contribuindo com a construção daquela memória afetiva. A reescrita é apenas uma entre as inúmeras estratégias possíveis.

5.3 Literatura no Ensino Fundamental

A leitura nas séries iniciais é bem recebida pelas crianças. É possível encontrar, nas escolas brasileiras, mesmo nas públicas, um grande número de experiências bem-sucedidas. Muitos professores das séries iniciais não se acanham em enfatizar o aspecto lúdico que os próprios textos sugerem: sonoridade, ilustrações, etc. E é comum as crianças gostarem de ouvir, contar e criar histórias. Nas séries posteriores, no entanto, muito alunos afirmam não gostar de ler. Diz Teresa Colomer:

[...] situação geral é que se está conseguindo uma certa vivacidade na oferta do mundo escrito na escola infantil e primária (bibliotecas, narração de contos, exposição de trabalhos sobre os livros lidos, instalação de grupos de teatro amador, etc.), enquanto sua presença nas aulas do secundário continua sendo uma disciplina pendente. Lamentavelmente, nessas aulas para adolescentes o ambiente continua desoladoramente despovoado. (COLOMER, 2007, p. 117-8).

A situação nas escolas brasileiras é semelhante a essa descrição feita pela educadora espanhola. Conforme os alunos vão avançando nos anos de escolaridade, sobretudo a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, o texto literário, geralmente, deixa de ser apresentado com todos os artifícios empregados na Educação Infantil e nos primeiros anos de escolaridade. A leitura, anteriormente uma experiência lúdica e prazerosa, torna-se uma atividade enfadonha,

envolvendo textos longos, seguidos de extensas questões de interpretação, sem que haja, muitas vezes, uma leitura atraente em voz alta feita pelo professor ou pela professora, como ocorria nos anos iniciais. Ou o compartilhamento de impressões sobre o texto com a turma, com uma predisposição do professor a ouvir variadas respostas, que muitas vezes fugirão de sua própria interpretação e concepção de mundo. Ou ainda a exploração do texto de outras formas que não sejam o mero questionário do livro didático. Conforme apontou Colomer (2007) no trecho citado, “nessas aulas para adolescentes o ambiente continua desoladoramente despovoado”. Enquanto nos anos escolares iniciais, a professora frequenta diariamente o espaço de sala de aula, a partir do 6º ano geralmente há uma rotatividade maior de professores no ambiente, o que dificulta sua organização de forma atraente e pessoal. Sem contar o modo de atuação de cada docente, que tende a ser menos lúdico do que era nas séries iniciais.

Entre os motivos para que tudo isso ocorra, pode estar a crença de que os alunos dessa faixa etária não se interessarão por essas estratégias consideradas “infantis”, ou seja, lúdicas, associadas a “atividades de criança”. Além disso, os professores que lecionam para séries a partir do 6º ano encontram, muitas vezes, turmas lotadas, onde não há espaço físico para a realização de atividades que movimentem os estudantes; classes heterogêneas no que diz respeito à aprendizagem; possuem uma carga horária semanal em cada turma bem menor do que a dos professores das séries iniciais, que estão com seus alunos diariamente; necessitam cumprir um currículo que valoriza conteúdos e nem sempre sobra tempo para a realização de atividades que constituam uma experiência didática enriquecedora e que realmente faça sentido para o educando. Tudo isso sem nos aprofundarmos na discussão sobre os inúmeros obstáculos ao exercício do magistério, dos baixos salários ao excesso de trabalho, este consequência direta daqueles.

Desde que houve a massificação do ensino público no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, passou-se a crer que os alunos, sobretudo das classes menos favorecidas, não liam porque não tinham acesso aos livros. Hipoteticamente, bastaria abastecer a biblioteca da escola com livros de qualidade que os alunos passariam automaticamente a ler. Na atualidade, porém, muitas escolas possuem bibliotecas razoáveis e lá estão esses livros tão bem considerados. Mas a maioria dos alunos continua demonstrando pouco apreço ao texto literário. O acesso aos livros nem sempre pressupõe acesso à linguagem literária. O que é capaz de conferir sentido ao texto literário na escola ainda é, em boa medida, a intervenção do professor. E para que essa leitura literária bem-sucedida forme, de fato, o futuro leitor, é preciso que haja continuidade nesse trabalho. É importante que um trabalho sistematizado e constante com a

literatura aconteça na escola, fomentando ainda mais as experiências realizadas na primeira etapa do Ensino Fundamental e proporcionando a continuidade a partir da segunda etapa. Essa sistematização poderá, substancialmente, contribuir com maior número de leitores futuros. E isso não depende apenas da boa vontade dos docentes, mas de projetos educacionais sérios e isentos de preconceitos. Em tempos de ideologias conservadoras, especialmente no Brasil, com a existência de defensores de uma “escola sem partido”¹, o trabalho pedagógico precisa estar embasado por projetos bem construídos pelos sistemas escolares, tendo em vista que a seleção das obras literárias não pode estar condicionada a preconceitos deste ou daquele grupo ideológico. Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) preveem a necessidade da formação de leitores:

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 1998, p. 70).

Não basta, porém, o documento. É necessário que cada sistema escolar crie projetos e espaço (temporal) para que sejam colocados em prática. Além disso, os PCN falam na formação de leitores de maneira genérica e, ainda que mencionem o texto literário, muitas vezes a ênfase dos projetos recai sobre a formação de leitores de textos diversos e a leitura específica de textos literários acaba sendo colocada em plano secundário ou sendo trabalhada como o estudo de um gênero textual entre tantos, e não do texto literário em si.

5.4 Da Leitura à Autoria

Nesta seção, finalmente analiso as produções textuais dos alunos, observando alguns aspectos bem pontuais: primeiro, as soluções que criaram para a situação inicial do conto, uma vez que a perspectiva foi modificada; em seguida, faço o levantamento dos alunos que 1) apenas repetiram o enredo e/ou parafrasearam, com poucas modificações; 2) inferiram informações não explícitas; 3) criaram informações novas, não constantes do conto original; 4) fizeram uso de metalinguagem ou modificaram o enredo; logo depois, o desfecho que deram à sua versão, investigando se houve ou não modificação em relação ao desfecho original e quais as soluções

¹ Movimento conservador que propõe projetos de lei à Constituição Federal Brasileira e que, a pretexto de impor neutralidade ideológica aos professores do Ensino Básico do país, cerceiam sua liberdade de expressão.

encontradas. Comento também os novos títulos que alguns alunos criaram. E, finalmente, a autoria dos novos contos.

5.4.1 Situação inicial

O conto “O caso da vara” se inicia com a fuga do protagonista do seminário: “Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano, mas foi antes de 1850.” (ASSIS, 2008, p. 3). Logo em seguida, o rapaz se vê nas ruas que mal conhecia, de batina, sem saber para onde iria. Lembra-se do padrinho João Carneiro, mas logo chega à conclusão de que o padrinho não o acobertaria, mas sucumbiria às determinações do compadre, pai de Damião. Percorrendo “de memória as casas de parentes e amigos, sem fixar em nenhuma” (ASSIS, 2008, p. 4), ocorre-lhe, de repente, pedir ajuda a sinhá Rita, viúva, “querida de João Carneiro”. Após a lembrança, o narrador já nos mostra a entrada espavorida de Damião na casa da viúva, que se assusta com o inesperado e só momentos depois reconhece o rapaz. Tal entrada abrupta deu-se porque, ainda na rua, Damião avistou um padre. Como estava com a batina de seminarista, precisou entrar rápido, com um empurrão à porta “que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho” (ASSIS, 2008, p. 4). Não só sinhá Rita testemunhou essa ação, como “todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante de suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos” (ASSIS, 2008, p. 5). Apenas a partir desse momento, Lucrécia testemunha o que havia acontecido a Damião naquele dia. Quanto a tudo que se passa antes dessa entrada, ela só pode saber o que ouviu Damião contar. Dessa maneira, transcrevo agora os trechos em que os alunos construíram a situação inicial de sua versão:

Olá, meu nome é Lucrécia, tenho 22 anos, sou uma das crias de Sinhá Rita, faço toda renda, crivo e bordado.

Dá época de criança lembro de uma de quando tinha 11 anos, todas as criadas da casa estavam sentadas em volta da sala quando de repente ouviu um empurrão na porta, que por descuido não estava fechada. Sinhá Rita foi até a sala para ver o que tinha acontecido e quem estava lá, pois era Damião, um menino que tinha fugido do seminário. (A01/16).

Meu nome é Lucrécia, quando eu tinha onze anos eu morava com Sinhá Rita, eu era uma escrava, só ficava na sala vendo e ouvindo tudo o que acontecia por lá, como o romance de Sinhá Rita e João Carneiro, quando um moço chamado Damião entrou apavorado na casa de Sinhá, essa foi uma das história por volta de acho que 1850 ou antes, numa sexta-feira de agosto um moço chegou batendo a porta com medo de alguma coisa ou de alguém, ele estava

vestido com uma roupa de padre quer dizer batina, parecia estar muito cansado. (A02/16).

Meu nome é Lucrecia. Quando eu era criança, contava onze anos, já era escrava. Fui uma das crias de Sinhá Rita, ela ensinava a mim e as outras crias a fazer renda, crivo e bordado. Não era uma vida fácil, de jeito nenhum! Mas vou contar sobre um momento que vivi lá, quando ainda tinha onze anos. Presenciei a chegada do moço na casa de Sinhá Rita, ele havia fugido do seminário. Damião era o nome que ouvi Sinhá Rita o chamar. O moço estava tão desesperado, coitado! (A03/16).

Era onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto, no ano 1850, quando entrou um rapaz chamado Damião espavorido estava trêmulo, mal podendo falar descansou e começou a se explicar enquanto eu e as outras escravas diante as almofadas de renda, mas paramos para ouvir, mas sinhá Rita ordenou que voltássemos a trabalhar, mas eu continuei a ouvir atentamente enquanto trabalhava. (A04/16).

Olá, me chamo Lucreia na época tinha onze anos de idade e já era escrava desde antes de nascer. Sempre sofri muito, não mas do que os outros escravos mas também não menos. Graças a Deus eu sou escrava de Sinhá Rita, todas nos eramos escravas como outro qualquer, mas Sinhá Rita nos ensinou a ler, a escrever, não podíamos anda sujos e nos ensinou a bordar, alias isso era só o que fazíamos.

Sinhá rita além de escravos, tinha também muitas aprendizes, elas sim eu invejava. Não por serem livres, ricas e belas mas por não conhecerem a vara! Certo dia chega um homem vestido de padre, chega correndo, esbaforido entrando sem pedir licença sinhá Rita até se assus, e todas nos paramos de trabalhar, pensamos que era algum ladrao ou algo do tipo. Mas logo ele pede que não nos assustasemos logo ia explicar tudo e sinhá Rita nos mandou a voltar a trabalhar. (A05/16).

Me chamo Lucrecia, vou contar um fato que aconteceu quando eu tinha 11 anos. Nessa época eu cozinha (sic) junto de outras escravas na casa de sinhá Rita, nesse dia entrou um rapaz que quase derrubou a porta, estava apavorado, veio pedir a dona Rita que intercedesse por ele, e o livrasse do seminário. (A06/16).

Meu nome é Lucrecia, tenho 20 anos, eu era uma das criadas de Sinhá Rita, ela nos ensinava para trabalhar-mos para ela renda, crivo e renda. Sinhá Rita era muito brava nós cobrava muito de todas nois. Damião era um homem que tinha sumido do seminário, pois sabia que vida de padre não era pra ele. Damião chegou empurrando a porta e lá estava Sinhá Rita, e todas as escravas que estavam sentadas em volta da sala. Enquanto o rapaz tomava folego, ordenou às pequenas que trabalhassem. (A07/16).

Era um dia de agosto de 1949, estava sentada na sala bordando e derrepente a porta abriu com muita força. Era Damião que estava todo apavorado com roupa de um padre. (A08/16).

Olá meu nome é Lucrecia tenho 11 anos e sou escrava deis de pequena, meus pais também são escravos, meu pai morreu quando eu tinha 5 anos de idade, e aos 7 fui separada de minha mãe, fui trabalhar na casa de uma senhora muito brava, chamada Rita na casa dela trabalhava eu e umas outras escravas. Agente trabalhava o dia todo com renda, crivo e bordado e de noite quem não tivesse acabado recebia chicotada.

Em um certo dia um moço invadiu a casa de sinhá rita, levamos um susto. Sinhá rita o conhecia, parecia que ele estava a fugir de alguém ou de algum lugar. (A09/16).

Meu nome é Lucrécia e, antes da época da abolição dos escravos eu era uma escrava de uma senhora, que nos ensinava a fazer renda em almofadas e outros tecidos.

Eu hoje, sou livre e, mesmo estando velha, irei contar sobre a época em que eu trabalhava para a senhora Sinhá Rita e sobre um dia em que mais uma cicatriz veio a mim.

Aos meus onze anos de idade, trabalhando para Sinhá em sua casa, além de mim haviam mais escravas e fazíamos trabalhos de renda e, se não acabassemos de fazê-los até o anoitecer, ela pegava a vara e nos batia. Eu era magrinha , tinha cicatrizes inclusive em minha testa, por causa das pancadas da vara, que já havia levado, e tossia muito devido a uma alergia.

Dia após dia, trabalhando nas costuras, vendo visitas vindo e indo de sua casa, como suas vizinhas que iam lá toda tarde para tomar café e só iam embora à noite. Também haviam visitas de um homem chamado João Carneiro, com quem Sinhá Rita tinha um certo romance.

Em um dia normal, devia ser no mês de agosto de 1848, ocorreu algo inesperado: de repente entrou um homem com roupa de padre, empurrando a porta desesperado. Sinhá deu um grito assustado enquanto o homem caía no chão no mesmo instante. (A10/16).

Me chamo Lucrécia, quando tinha 11 anos trabalhava como escrava na casa de sinhá Rita. Me lembro como se fosse hoje que em uma sexta-feira de agosto de 1846 adentrou pela porta um homem apressado e assustado, ele estava com roupas de padre, seu nome era Damião, tive vontade de levantar e lhe oferecer um copo de água com açúcar para se acalmar mas se fizesse isso apanharia então continuei sentada no meu lugar à costurar, como estava na sala acabei ouvindo toda a conversa. (A11/16).

Meu nome é Lucrécia, eu era uma escrava de apenas onze anos que bordava na casa de Rita. [...]

Eu trabalhava na casa de Sinhá Rita uma viúva “quarenta anos com olhos de vinte e sete, apessoada, viva, patusca, mas quando convinha era brava e firme como o diabo. Impunha castigos a suas escravas, assim como eu.

Eu ficava dali assistindo tudo e descobri que Damião um jovem muito medroso fugiu do seminário por não querer seguir a carreira religiosa imposta pelo pai.

Depois dele ter forçado a sua memória lembrando-se de amigos e parentes, lembrou-se de Sinhá Rita (minha patroa), única capaz de convencer o seu padrinho a interceder em seu favor com seu pai.

Eu estava la na sala quando em seguida chega o Damião na casa de Rita.

Assustada, a viuva recebeu-lhe tentando acalmá-lo. Enquanto Damião explicava a situação, todas as crias assim como eu, de dentro da casa e de fora,

em volta da sala, diante de suas almofadas de renda, fizeram parar os bordados em mãos.

O jovem contara todo o desgosto que lhe dera o seminário e implorava que Rita ajudasse em prol de sua salvação. (A12/16).

Meu nome é Lúcrecia, tenho 11 anos e sou escrava de uma senhora viúva, Sinhá Rita. Em um dia normal, eu estava na sala fazendo meu serviço quando entrou um homem assustado pela porta. Sinhá Rita se espantou mas depois de alguns momentos reconheceu o rapaz e pediu para ele explicar o que estava fazendo ali, o rapaz a disse que não estava fugindo de nenhum crime e ela olhava para ele assustada.

Sinhá Rita nos ensinava a fazer renda e bordados enquanto o rapaz se acalmava, e ela só nos ordenava a trabalhar. (A13/16).

Meu nome é Lucrécia, vou contar uma coisa que me aconteceu em 1949, quando eu tinha onze anos, tudo começou em uma sexta-feira de agosto.

Era começo de tarde, eu e as outras crias estávamos fazendo almofadas de renda na sala da casa de Sinhá Rita, onde trabalhávamos como escravas.

Derrepente entra um homem pela porta da sala, vestido de padre, apressado e assustado. (A14/16).

Nesses trechos das produções dos alunos da turma 901 de 2016, há duas observações que se destacam: a maioria inicia sua versão apresentando-se, ou seja, apresentado a nova narradora com dados recolhidos no interior do conto. E todos iniciam o enredo com a entrada inesperada de Damião na sala onde a narradora se encontrava, ou seja, sua leitura de que Lucrécia não poderia narrar o que não havia visto é correta. Vale destacar também que todos realizaram a conversão do ponto de vista de terceira para primeira pessoa de acordo com a proposta.

A seguir, as transcrições das situações iniciais produzidas pela turma 901 do ano letivo de 2017:

Eu via tudo o que acontecia naquela casa de Sinhá Rita, trabalho lá desde que seu marido faleceu. Sofria muito naquela casa, todo dia tinha que guardar minha linda voz sem poder falar qualquer “a” se quer, pior ainda tinha que aturar Sinha Rita aquela chata falando na minha cabeça, “Lucrécia faz isso e faz aquilo”, dava vontade de fugir e ser livre como Damião. (A01/17).

Meu nome é Lucrécia, tenho 11 anos e trabalho na casa de Sinhá Rita. Junto com minhas companheiras, aprendi com minha dona a fazer renda, e é na sala de sua casa que trabalho todos os dias. [...]

Como qualquer outro dia, amanheceu, e começou a sexta-feira. [...] Concentrada, assim como todos na casa, levei um susto assim que um menino apavorado entrou na casa, ansioso para falar com Sinhá Rita. Depois de um tempo percebi que era Damião, afilhado de João Carneiro. O mesmo, frequentemente estava na casa de Sinhá Rita. (A02/17).

Um dia, na casa onde eu era criada. Sinhá Rita, uma mulher que me comprou e, por isso, acha ser minha dona, estava reclinada sobre sua marquesa, enquanto eu e as outras criadas fazíamos renda nas almofadas. E de repente apareceu um menino, ele estava de batina, e parecia bastante assustado. (A03/17).

Hoje eu estava trabalhando na sala da casa de Sinhá Rita, quando Damião afilhado de João Carneiro, entrou pela porta desesperado. (A04/17).

Meu nome é Lucrecia e hoje vou contar uma possibilidade, sim uma possibilidade, porque em pleno século XIX uma negra, magricela e escrava não tem voz o suficiente para ter sua própria história. [...] Certa vez, eu fazendo meu cotidiano trabalho na casa de Sinhá Rita em Largo do Capim. Eis que bate à porta, desesperado e afobado rapozete, já chegou se sentando na marquesa. Sinhá Rita só sabia clamar por Jesus, assustada com a situação em que se encontrava.

Eu junto com as companheiras de trabalho assistíamos a tudo de “rabo de olho”. (A05/17).

Eu me chamo Lucrecia, tenho 11 anos, sou uma escrava e sirvo a senhora Sinhá Rita.

Um dia estava eu e minhas “amigas” que também eram suas crias, trabalhando sentadas em volta da sala, diante das almofadas de renda de Sinhá Rita. Num instante, entrou um menino espavorido dentro da casa dela, mas, ele estava tão espavorido e sem fôlego que deu-lhe um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. (A06/17).

Eu estava bordando algumas almofadas, quando de repente um garoto abriu a porta com tanta força, que acabou caindo no chão da sala. parece que ele estava espantado, e com esse barulho, a senhora Sinhá Rita observou tudo sentada na marquesa, o garoto viu o padre e fechou a porta com força. (A07/17).

Meu nome é Lucrecia tenho 11 anos, sou escrava da Sinhá Rita, uma mulher apessoada, viva, patusca, amiga de rir, mas brava como o diabo.

Um dia apareceu um homem mais para um menino, na casa de Sinhá Rita fiquei espantada, ele parecia estar apavorado. Ouvindo a conversa deles, Sinhá Rita e o menino, descobri que seu nome era Damião. (A08/17).

Estava eu a arrumar as almofadas, quando chega um rapaz de vestes estranhas. Atentei meus ouvidos para toda aquela algazarra, “nossa, aquele moço realmente fugiu assim?”, passei a me distrair com a história.

As outras que estavam comigo nem ligavam para o redor, mas eu, sendo muito curiosa, fiquei a prestar atenção e a analisar todo o ocorrido. (A09/17).

Não sei bem quando essa história ocorreu, mas acho que foi no ano de 1850. E eu estava na casa de minha sinhazinha. O seu nome era Rita e ela era muito má comigo e com as outras escravas da casa. E eu era a mais nova, com meus onze anos.

Lembro que em um belo dia estava sentada na sala fazendo renda e escuto um toc toc... na porta, e logo depois um homem entra na sala como um cavalo empurrando a porta, na hora eu tomei um susto. Logo Sinhá Rita levantou da cadeira e foi falar com ele, e assim o reconheci, era Sr. Damião que estava ofegante e espiando pela rótula da porta. (A10/17).

Não sei bem o ano, foi antes de 1850. Eu uma pequena negrinha, com apenas onze anos de idade, magricela, com uma cicatriz na testa, e minha queimadura na mão esquerda, sendo escravizada naquela casa com Sinhá Rita. Uma viúva de quarenta anos, mas vinte e sete nos olhos, feita com um coração de pedra. [...]

Mas, enfim, preciso lhe contar o dia em que foi completamente aos limites, pois sempre guardei tudo isso pra mim.

Era manhã de uma sexta-feira de agosto, estávamos todas na sala em volta de Sinhá Rita. Quando entrou um homem com aparência espavorida, fugitiva. E, logo, Sinhá Rita bradou, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada. (A11/17).

Eu estava na sala, fazendo meus afazeres, evitando ser castigada, quando um rapaz jovem passou pela porta; o mesmo parecia apavorado, estava aflito e inquieto. Na ação desesperada deu um empurrão à porta. (A12/17).

Eu sou uma dessas escravas de Sinhá Rita, uma negrinha, magricela, de apenas 11 anos, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Sou a Lucrécia, minha Dona é uma mulher que tem cinquenta anos, mas tinha os olhos de vinte e sete, era apessoada, viva, patusca, mas, quando não a obedecia ficava brava como um diabo.

Pois eu faço um trabalho bastante cansativo, renda, crivo e bordado. Eu estava na sala quando alguém empurrou desesperado a porta, era o Sr. Damião, estava sem fôlego, não tinha palavras para expressar. Estávamos todas apavoradas pelo modo que seu Damião chegou. (A13/17).

E lá estava eu, uma negrinha magricela com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda, se não me falha a memória, foi mais ou menos 1849, eu tinha por volta de uns 11 anos, e minhas amigas e parentes também escravas. Quando de repente um moço entrou na sala um moço espavorido, não sei bem o que ele viu passar na rua que o fez bater a porta tão rapidamente e depois ficar espiando pela rótula, mas sei que minha dona Sinhá Rita ficou muito espantada. (A14/17).

Um dia estava fazendo renda na sala de minha senhora quando, de repente entrou de uma vez so um rapaz chamado Damião. Eu e as outras meninas ficamos assustadas, mais não poderíamos parar nossos afazeres. A minha Sinhá ficou espantada quando viu Damião dentro de sua casa com roupas de seminário. (A15/17).

As mesmas observações feitas anteriormente em relação às produções da turma de 2016 valem para a turma de 2017, com uma diferença: na turma atual, houve uma variação maior no

modo de apresentar a narradora. A narração é iniciada em primeira pessoa, mas não necessariamente para apresentar-se, mas para contar sobre a entrada súbita de Damião na casa.

5.4.2 O enredo

Nos contos reescritos pelos alunos, conforme já explicado na seção 5.4, observei que ocorreram quatro situações em relação ao enredo: a primeira e mais comum foi a dos alunos que repetiram o enredo original, apenas fazendo as adaptações necessárias para que se adequasse ao foco narrativo em primeira pessoa. Observei isso, sobretudo, nas redações dos seguintes alunos: A07/16, A08/16, A04/17, A06/17, A07/17, A08/17.

Convém destacar que todos os alunos envolvidos nas atividades conseguiram fazer a conversão do ponto de vista de terceira para primeira pessoa, o que considero um ponto positivo, uma vez que, para manipular a perspectiva, precisariam realizar leitura atenta. Apenas uma aluna (A15/17) cometeu um desvio do foco para terceira pessoa, mas apenas em um pequeno trecho, e logo retomou o foco em primeira pessoa.

Outro aspecto positivo: todos conseguiram construir sua versão com início, meio e desfecho, ainda que possam ter ocorrido alguns equívocos a respeito das possibilidades do momento sócio-histórico em que a trama se passa. Esses equívocos podem estar relacionados ao desconhecimento das relações de poder no período escravagista, como por exemplo, o caso de alunos que criaram desfecho em que a escrava simplesmente decide abandonar a casa onde era tão maltratada ou impor lições de moral à ama.

As outras três situações foram da reescrita com inferências sugeridas, mas não explícitas no texto de Machado, como o possível envolvimento amoroso entre Rita e Carneiro; o acréscimo de situações novas, que não necessariamente foram sugeridas pelo narrador; e, finalmente, o destaque para o emprego de metalinguagem, no caso de uma redação em que a aluna (A05/17) destacou o caráter ficcional de sua versão.

A seguir, destacarei os trechos que demonstram essas observações, com fragmentos retirados das produções textuais dos alunos das duas turmas. Primeiro, as situações criadas por inferência nas sugestões do próprio conto machadiano, em que as percepções dos alunos foram apresentadas como percepções de Lucrecia:

1- Sobre a insatisfação de Damião com o seminário e a carreira religiosa:

[...] e quem estava lá, pois era Damião, um menino que tinha fugido do seminário, pois sabia que a vida de padre não era pra ele. (A01/16).

O moço estava tão desesperado, coitado! (A03/16).

Percebi que ele estava triste toda hora ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. (A09/16).

Os olhos amendrotados, via-se medo ansiedade e nervosismo em seus olhos [referindo-se a Damião]. (A09/17).

2- Sobre a hipótese de envolvimento amoroso entre sinhá Rita e João Carneiro:

[...] e pedia que o ajudasse a convencer João Carneiro seu padrinho, homem que sinhá Rita tinha uma certa intimidade, fosse falar com seu pai. (A04/16).

Sinha Rita tinha um caso às escuras com o padrio de Damião. (A05/16).

[...] ele aparentava saber que a sinhá e João tinham alguma intimidade e que ela exercia algum poder sobre ele. [...] Após mexer no “ponto fraco” de Dona Rita, ele percebeu que ela estava mais do que decidida a ganhar a sua causa. (A06/16).

Nisso chegou um senhor chamado João Carneiro, mais aquele já vi, mais vezes na casa de Sinhá Rita. Ele parecia que gostava dela, vivia a visitar ela. (A09/16).

Também haviam visitas de um homem chamado João Carneiro, com quem sinhá Rita tinha um certo romance. (A10/16).

Eu sempre desconfiei que sinhá tinha um caso com o senhor João Carneiro mas nunca descobri. (A11/16).

[...] leu em voz alta a carta que escreveu com toda intimidade a João Carneiro. (A13/16).

Eu sempre desconfiei de que Sinhá Rita tinha um caso com João Carneiro. (A14/16).

“Com certeza, [João Carneiro] deve obedecer à Sinha Rita. Frequenta esta casa, e não é em vão”, pensei comigo mesma. (A02/17).

(As outras moças da casa até comentavam coisas impuras sobre os dois, mas nunca fui de gostar de fuxicos.) (A05/17).

Ouvi a Dona falando com muita intimidade sobre o Sr. João Carneiro. (A13/17).

Logo em seguida chegou o padrinho de Damião, que por acaso era o senhor João Carneiro, amante de sinhá desde que fui comprada por seu falecido marido. (A14/17).

Quando voltou para dentro da casa, Sinhá Rita lhe deu um casação que ela diz ser do seu falecido marido. Mais não era todos naquela casa sabiam que Sinhá Rita estava tendo um caso com João Carneiro. (A15/17).

3- Sobre a suposta compaixão de Damião pela escrava:

Percebi que Damião estava me olhando, talvez minha tosse estivesse incomodando, ou ele só estava reparando em minha cicatriz na testa e minha queimadura na mão. (A03/16).

[...] percebi no olhar de sr. Damião, um olhar de pena como se fosse me apadrinhar. (A04/16).

Eu pensei que ele não daria [a vara à Rita], neste instante ele paralizou e ficou sem ação. (A05/16).

Percebi que Damião comovido com a fragilidade e acanhamento, prometeu a si mesmo me apadrinhar. (A12/16).

Damião parecia ter ficado frio naquele cruel instante, pois ele havia jurado me apadrinhar [...]. Percebi que ele tinha sentido pena [...] (A12/16).

[...] e reparou que eu tinha cicatrizes e algumas marcas, então resolveu me apadrinhar se caso eu não terminasse o trabalho. (A13/16).

O rapaz então parou por alguns instantes, acho que ele estava pensando que prometeu me apadrinhar. (A13/16).

[...] quando levantei minha cabeça, Damião olhava para mim com olhar de pena. (A14/16).

Nesse momento, vi Damião me olhando, apesar que não era com os olhares que eu queria, era um olhar de compaixão. (A01/17).

Não acho que Damião queria realmente ter entregado a vara a ela, mas quem era eu? (A03/17).

Pude ver sua relutância e dúvida, como se não quisesse me entregar, mas no final, ele entregou. (A12/17).

Damião ficou frio e estava com muita dó de mim, mas estava em “dívidas” com a Sinha Rita, por ela tê-lo o ajudado. (A13/17).

[...] e percebi que o moço Damião, não havia gostado daquela situação, e que ele havia me olhado com os olhos da compaixão. (A14/17).

4- Sobre a vaidade de sinhá Rita:

[...] ele conseguiu usando o ponto fraco de sinhá que também era seu ponto forte, sua vaidade. (A04/16).

Ela na hora, sentindo aquele ar de que foi “desafiada”, disse que iria ajudá-lo. (A10/16).

Damião se ajoelhou, beijou as mãos de Sinhá Rita e implorou por sua ajuda, percebi que Dona Rita ficou lisongeadada com todo aquele pedido. (A14/16).

5- Sobre as possibilidades e habilidades de observação de Lucrécia e sua situação de escrava:

[...] mas continuei a ouvir enquanto tecia. (A04/16).

[...] só que desta vez não ri, queria mais me segurei e continuei a fazer meu trabalho. (A09/16).

Assustada também fiquei, mas não demonstrei nenhum movimento. (A10/16).

Logo um tempo depois, Sinhá começou a recolher nossos trabalhos de renda. Fiquei nervosa com a situação, pois não havia acabado o meu. (A10/16).

Tinha chegado a hora de recolher os trabalhos eu ainda não tinha acabado o meu, estava com medo de apanhar. (A11/16).

Sinhá quando chegou perto de mim me pegou pela orelha, sabia que apanharia e não seria pouco, era sempre assim quando não fazíamos o que era pedido apanhávamos e muito saímos de lá toda marcada e nem uma das outras discípulas podia intervir pois se fizesse isso também seria castigada e talvez até mais do que esta. (A11/16).

Dali sentada eu pode perceber que a viúva tenta se esquivar alegando não se meter em “negócios de família que mal conhece”. Ainda mais se tratando do pai do menino, famoso pela casmurrice. (A12/16).

Sinhá Rita ordenou que continuássemos o trabalho, mas mesmo assim eu continuei prestando atenção na conversa dos dois. (A14/16).

Eu via tudo o que acontecia naquela casa de Sinhá Rita, trabalho lá desde que seu marido faleceu. Sofria muito naquela casa, todo dia tinha que guardar minha linda voz sem poder falar qualquer “a” se quer. (A01/17).

Ele era um homem lindo parecia até um príncipe mas seu pai queria que ele virasse um padre. (A01/17).

Mas também eu podia tá criando muitas expectativas antes mesmo de trocar qualquer palavra com Damião. (A01/17).

Aliás, aqui vai uma nota sobre trabalhar como escrava: não fale, não converse, não pare de trabalhar, não reclame. Apenas faça seu serviço. Caso não faça, terá suas consequências. (A02/17).

Rapidamente e intencionalmente parei para observar Damião. Como era bonito e aparentemente, homem de bom coração. (A02/17).

Esperneou de apavorado; não queria mesmo voltar. Me identifiquei; pois, quem disse que queria eu estar ali? (A03/17).

Se passou na minha cabeça “Por que eu fui escutar a conversa de Sinhá e Damião, agora estou atrasada no trabalho”. (A04/17).

Eu junto com as companheiras de trabalho assistíamos a tudo de “rabo de olho”. (A05/17).

Esqueci do trabalho para escutar o que Damião dizia, coisa que eu não deveria ter feito, porque me fez rir. (A08/17).

As outras que estavam comigo, nem ligavam para o redor, mas eu, sendo muito curiosa, fiquei a prestar atenção e a analisar todo o ocorrido. (A09/17).

Ela, a patroa, estava com os olhos calmos e superiores. Essa patroa me assustava, lembrava-me uma cobra, ou qualquer outro animal sutil, ela, por mais velha que fosse tinha a aparência jovem, feições rígidas e olhos penetrantes. Sua voz era suave e tentadora, atraía suas vítimas para suas emboscadas, “e quem eram?”, devem se perguntar, eram os homens. (A09/17).

A cada dia que passava me sentia mais excluída de tudo, sem poder de opinar em nada e nem enfrentar ninguém. [...] Mas, enfim, preciso lhe contar o dia em que foi completamente aos limites, pois sempre guardei tudo isso para mim. (A11/17).

Eu estava mesmo tentando não prestar atenção, sabia que se sinhá Rita descobrisse ela não iria gostar, mas, minha curiosidade de 11 anos era maior. (A12/17).

Eu lá ouvindo gargalhadas, acabei me deixando levar riu também. (A13/17).

Todos se divertindo e eu ali como uma pessoa que nem existia só trabalhando, ficava praticamente invisível. (A13/17).

Eu e as outras meninas ficamos assustadas, mais não poderíamos parar nossos afazeres. (A15/17).

As passagens dos contos produzidos pelos alunos destacados acima demonstram que houve uma leitura atenta por parte de cada estudante para que pudesse fazer a conversão do ponto de vista. Essa atenção, em boa medida, foi motivada pela necessidade de reescrita. O conto machadiano deixou de ser uma mera leitura para transformar-se em experiência.

Nas próximas páginas, destacarei os trechos em que os produtores da nova versão do conto acrescentaram informações que não constam na versão original. Ao realizar esses acréscimos, os jovens expressaram sua subjetividade, atuando no processo de recepção da obra de forma ativa.

1- Sobre a vida anterior de Lucrecia:

[...] ja era escrava desde antes de nascer. Sempre sofri muito, não mas do que os outros escravos mas tambem não menos [...] Sinha Rita nos encinou a ler, a escrever, não podiamos anda sujus e nos encinou a bordar. (A05/16).

[...] e uma queimadura que queimei aos 3 anos de idade. (A12/16).

Eu via tudo o que acontecia naquela casa de Sinha Rita, trabalho lá desde que seu marido faleceu. (A01/17).

Aprendi com minha dona a fazer renda. (A02/17).

[...] mandou irmão meu, também escravo, ir chama-lo. (A14/17).

[...] fui comprada por seu falecido marido. (A14/17).

2- Sobre sentimentos de Lucrecia:

Sinha Rita alem de escravos, tinha tambem muitos aprendizes, eles sim eu invejava, não por serem livres, ricos, e belos mas por não conhecerem a vara! (A05/16).

[...] seu nome era Damião tive vontade de levantar e lhe oferecer um copo de água com açúcar para se acalmar mas se fizesse isso apanharia então continuei sentada no meu lugar. (A11/16).

Lembro que nesse dia, Sinhá Rita recebeu a visita do padre. Conversaram por muito tempo, e entretidos com a conversa, não ouviram o barulho na porta. Observei de forma discreta mas não reconheci quem era. Voltei ao trabalho pois não podia me distrair. (A02/17).

Nunca o vira antes, mas quando vi peguei-me a pensar sobre como era tamanha a beleza deste moço. (A05/17).

3- Sobre ações de Lucrecia:

Enquanto o padrinho resolvia a situação me aproximei do moço e pedi que me apadrinhasse caso Sinhá Rita me castigasse, pois eu era um pouco levada. (A01/16).

Fiz um esforço e escapei das mãos de sinhá Rita e fugi para dentro de um quarto. (A13/16).

Ajudei minhas colegas a preparar e ajeitar a mesa de jantar. Enquanto servia, notava os olhos nervosos de Damião. (A09/17).

Sinha Rita me mandou arrumar um quarto para Seu Damião. Imediatamente fui para o quarto de hóspedes arrumar tudo por lá. (A15/17).

4- Sobre a atualidade de Lucrecia:

Eu hoje, sou livre e, mesmo estando velha, irei contar sobre a época em que eu trabalhava para a senhora Sinhá Rita. (A10/16).

5- Sobre Damião:

Damião morava ao lado da casa da Sinhá, cresceu brincando entre os quintais, a Sinhá o considerava como da família. (A01/16).

Enquanto isso Damião fazia todo seu teatro de medo e tristeza. (A05/16).

Lembro o dia em que ele chegou na casa da Sinha Rita desesperado querendo nunca mais voltar ao seminário, reclamando que lá era muito exigente e que ele não aguentava tanto compromisso para ele tão jovem. (A01/17).

Foi chegando à noite, Damião chegou na ala dos escravos perguntando de mim. Dizendo que queria conversar comigo. (A15/17).

6- Sobre sinhá Rita:

Sua voz era suave e tentadora, atraía suas vítimas para suas emboscadas, “e quem eram?”, devem se perguntar, eram os homens. Um por um, vários por vez, não importava, a viúva sempre os encatava. (A09/17).

Sinhá Rita da um crito e nos ordena a voltar a renda. (A10/17).

7- Sobre sinhá Rita e João Carneiro:

Ah! Até hoje acredito que Sinhá Rita e João Carneiro tinham um caso. O vi muitas vezes por lá [...] (A03/16).

Sinha Rita tinha um caso às escuras com o padrio de Damião, que alias era amigo do difunto seu marido, mas todos nos ja sabiamos e parecia que Damião tambem. (A05/16).

Não me meto nesse assunto pois um dia estava na sala e os dois estavam muito proximos, como eu estava observando eles, Sinhá Rita ficou encomodada comigo lá e pegou a vara de couro e bateu uma vez na minha costas, ordenando que saísse dali mais rapido possível se não iria apanhar mais. (A15/17).

Destaco ainda, além desses casos de inferência e acréscimo acima transcritos, a produção em que a aluna fez uso da metalinguagem para justificar a narradora (A05/17) e outra produção, em que a estudante modificou todo o enredo (A15/17).

1- Caso em que ocorreu a metalinguagem:

Meu nome é Lucrecia e hoje vou contar uma possibilidade, sim uma possibilidade, porque em pleno século XIX uma negra, magricela e escrava não tem voz o suficiente para ter sua própria história. (A05/17).

2- Caso em que a estudante modificou grande parte todo o enredo:

Um dia estava fazendo renda na sala de minha senhora quando, de repente entrou de uma vez so um rapaz chamado Damião. Eu e as outras meninas ficamos assustadas, mais não poderíamos parar nossos afazeres. A minha Sinhá ficou espantada quando viu Damião dentro de sua casa com roupas de seminário.

Ela lhe disse que era loucura ele fugir do seminário. O que seu pai, e padrinho João Carneiro ia fazer. Mas Damião só queria sair de lá. Era uma coisa que ele foi obrigado a ir um lugar que lhe dava desgosto de ficar. Damião pediu ajuda a Sinhá Rita para que convencesse o padrinho para que ele não voltasse. Enquanto isso pediu a uma dos outros escravos trazerem algo para Damião

comer. Sinha Rita começou a falar que era melhor ele voltar para o seminário antes que seu pai não surtasse. Seu padrinho João Carneiro não iria gostar da atitude do rapaz.

Então, quando Damião estava tomando chá disse a Sinha Rita que João Carneiro não ouveria ninguém. Sinhá Rita mais do que depressa lhe disse:

— Não ouve ninguém? Isso que vamos ver!

— Então tente falar com meu padrinho pelo amor de Deus.

Sinhá Rita me mandou arrumar um quarto para Seu Damião. Imediatamente fui para o quarto de hóspedes arrumar tudo por lá.

Damião com as vestes do seminário foi atrás da casa para vê se o muro era de uma altura que desse para fugir. Quando voltou para dentro de casa, Sinhá Rita lhe deu um casacão que ela diz ser do seu falecido marido. Mais não era todos naquela casa sabiam que Sinhá Rita estava tendo um caso com João Carneiro. Não me meto nesse assunto pois um dia estava na sala e os dois estavam muito proximos, como eu estava observando eles, Sinhá Rita ficou encomodada comigo lá e pegou a vara de couro e bateu uma vez na minha costas, ordenando que saísse dali mais rapido possível se não iria apanhar mais. No outro dia Damião estava sentado na cadeira da sala, quando Sinhá Rita gritou meu nome.

— Lucrecia, sua bastarda, aparessa!

— Sim, minha senhora.

— você vai ver só, sua inutil!

— Mas senhora... o que eu fiz?

Estava sendo puxada pelas orelhas ate a cozinha. Damião apareceu na cozinha perguntando o que eu tinha feito para receber o castigo.

— Essa daqui não lavou a louça do café da manhã, vai receber o castigo que merece.

Mais do que depressa consegui escapar daquela senhora louca e fui para os fundos da casa.

Sinha Rita ficou me xingando. Me escondi num quartinho, e lá fiquei chorando, pensando em arrumar um jeito de fugir dessa casa.

Foi chegando à noite, Damião chegou na ala dos escravos perguntando de mim. Dizendo que queria conversar comigo. Sai do meu cantinho e com medo, pelo o que ele iria fazer comigo.

Damião me disse que não era para se preocupar com Sinhá Rita pois ele iria proteger ela das ruindades da Sinhá. Dormi feliz, porém receio que aquilo tudo que ele disse fosse mentira.

No outro dia, estava fazendo renda na sala como todo dia, quando Sinha Rita, nervosa me disse que eu estava fazendo tudo errado. Mandou Damião pegar a vara de couro, que parecia ser um cinto com manisela e tudo. Ele foi devagar pegar a vara.

Quando percebi que ele tinha mentido para mim, dizendo que iria me ajudar. Então ele entregou a vara na mão de Sinhá Rita, pediu a ela que não me castigasse por um erro tão banal.

Pedi a Sinhá Rita que me deixasse trabalhar sem medo de toda hora apanhar. Com isso Sinha Rita se acalmou e não me bateu graças a Damião.

Dias depois Sinha Rita falou com João Carneiro e o convenceu de deixar Damião sair do seminário. E todo dia Damião vinha a casa de Sinha Rita vê como ela estava me tratando. Até que um dia Damião me deu um papel dizendo que este papel era a carta de euforia e que Sinha Rita concordou em me dá a liberdade.

Os anos passaram, e o que era só um amigo querendo me ajudar, virou um amor e se tornou meu futuro marido. Hoje temos uma familia grande e feliz. (A15/17).

5.4.3 O desfecho

Entre o clímax e o desfecho do conto “O caso da vara” se passam os seguintes acontecimentos: sinhá Rita percebe que Lucrecia não terminara a tarefa do dia. Fica furiosa e agarra a menina por uma orelha. Lucrecia solta-se e corre para dentro. A mulher vai atrás, agarra a escrava e a conduz de volta à sala presa pela orelha. Enquanto a menina está debatendo-se, chorando, tossindo e pedindo clemência à sua senhora, esta procura a vara com os olhos, percebendo que estava do outro lado da sala. Não querendo soltar a menina, pede a vara a Damião, que oscila entre o pesar por contribuir com o castigo à menina e o desejo de sair do seminário com a ajuda de sinhá Rita. O conto termina com a decisão do rapaz: “Damião sentiu-se compungido: mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a sinhá Rita” (ASSIS, 2008, p. 14).

Esse final, conforme já foi comentado em outras partes deste trabalho, causou estranhamento aos alunos, de forma que muitos o modificaram em suas versões. A seguir, transcrevo os desfechos produzidos pelos alunos, para que se possam observar as modificações que idealizaram para o impasse de Damião e, principalmente, para o drama de Lucrecia. Separarei os desfechos em três grupos: o dos que o mantiveram conforme o original, o dos que o modificaram e o dos que acrescentaram informações.

1- Desfechos dos alunos que o mantiveram conforme o original:

No final de todos os dias, a Sinhá foi checar os trabalhos, como de costume, e eu, também como de costume, não terminei minhas tarefas, a Sinhá me carregou pelas orelhas para me castigar, pedi ao meu padrinho voluntário que me ajudasse, mas Sinhá Rita o obrigou a passar a vara, e ele não pode interceder por mim. (A01/16).

Acho que com essa barulheira toda Damião apareceu na sala assustado, sinhá aproveitou que ele estava lá mandou que ele pega-se a vara que estava encostada na marquesa, ele chegou perto, eu gritei implorei mas não adiantou nada ele pegou a vara e entregou a sinhá, tentei fugir mas sinhá foi mais forte então apanhei e apanhei muito (A02/16).

Então chegou a hora de ver os trabalhos das criadas, na minha vez sinhá ficou furiosa pois ainda não havia acabado, sinhá agarrou por uma orelha para me bater em meio as minhas suplicas consegui achar forças para me soltar e fugir, mas sinhá me segurou de novo, enquanto me segura-va por uma orelha pediu para Damião pegar a vara, pensei que ele me ajudaria, mas ele simplesmente pegou a vara e entregou a sinhá. (A04/16).

Sinha Rita me pegou pelas orelhas, e eu implorava pedindo por tudo que é mais sagrado pelo pai, pela mãe, mas não adiantou e ela pede para Damião:

— Sr. Damiao me de a vara, faz favor...

Eu pensei que ele não daria, neste instante ele paralizou e ficou sem ação.

— Dê-me a vara Sr. Damião!

Ele chegou ate a caminha em nossa direção, então eu pesso por tudo que é mais sagrado

— Me acuda senhorsinho Damião

Nesse instante ele pego a vara e entre a Sinha Rita. Mas ele estava certo colocar tudo a perder por causa de uma simples escrava. (A05/16).

Ela arrastou-me presa pela orelha, me debatia e gritava mas nada adiantou, ela pediu a vara ao rapaz e logo o peso do serviço não acabado, caiu sobre minha alma. (A06/16).

— Damião, de-me há vara faz favor? Ele paralizou e chegou até a andar em nossa direção.

— Dê-me há a vara, Sr. Damião, eu vendo a situação em que ele se encontrava, gritei.

— Minha acuda meu senhosinho moço, mas não adiantou ele pegou a vara e deu para Sinha Rita. (A07/16).

Comecei a chorar pedindo para que não me batesse e me largasse, tentei fugir das mãos dela, soltando minha orelha. Corri dela neste momento, mas ela acabou me apanhando novamente.

— Damião! Pegue essa vara na cabeceira da marquesa!, exclamou Sinhá para Damião.

Gritei para ele, chorando, para não a entregar a vara.

Mas, mesmo assim, Damião a entregou à mãos de Sinhá.

Naquela noite, acabei ganhando mais uma cicatriz e carregou-a até hoje em minha pele. (A10/16).

Consegui me soltar do seu aperto mas logo sinhá agarrou minha orelha de novo. Pedi-lhe que tivesse piedade de mim mas meu pedido não foi atendido pelo contrário, como sinhá estava longe da vara pediu para que Damião a pegasse, também o pedi para que tivesse dó de mim e não desce a vara mas ele deu. Por causa do choro estava tossindo ainda mais porém sinhá não teve dó de mim, sinhá me levou para um comodo da casa e ali apanhei.

Hoje carrego 3 cicatrizes comigo, uma delas na testa de uma das vezes que sinhá me bateu, outra uma queimadura na mão esquerda e a 3 deste dia, de um dos dias em que mais apanhei. Não tive mais notícias de Damião não sei se consegui sair do seminário ou se foi obrigado a virar padre mas eu imagino que ele não tenha virado padre pois sinhá Rita estava tão determinada a ajudar o menino que imagino que tenha conseguido, naquela noite dormi chorando pois estava doendo muito, no outro dia acordei toda roxa. (A11/16).

Chegou a noite e na hora de recolher os trabalhos só eu que não havia finalizado o bordado, Rita furiosa, agarrou-me pelas orelhas e disse: “Oh, malandra, nem nossa senhora protege vadias, onde está a vara? Senhor Damião, dê-me aquela vara, por favor”? Damião parecia ter ficado frio naquele cruel instante, pois ele havia jurado me apadrinhar e eu então implorei pela ajuda do jovem. Percebi que ele tinha sentido pena, contudo ele precisava

absolutamente da ajuda de Sinhá Rita: pegou a vara e entregou à viúva. (A12/16).

Então ela perguntou onde estava a vara. A vara estava encostada do outro lado da sala, ela não querendo me soltar chamou o rapaz e disse:

— Senhor Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

O rapaz então parou por alguns instantes, acho que ele estava pensando que prometeu me apadrinhar e agora esta me entregando ao castigo severo. Ele então se distraiu e novamente sinhá Rita lhe pediu que pegasse a vara, e então ele começou a caminhar em direção a marquesa onde a vara estava encostada e eu lhe pedia por tudo o que hovesse mais sagrado e dizia:

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinha Rita estava já com a cara fechada esperando pela vara e não me largava. Damião precisava se abrigar pois estava sem rumo e sem moradia e se não obedecesse a ela, ele seria expulso dali, então ele se aproximou da marquesa pegou a vara e entregou a Sinhá Rita. (A13/16).

Chegou a noite e eu não tinha acabado a tarefa, Sinha Rita ficou furiosa e queria me bater, pedi pelo amor de Deus para ela não me bater, mesmo assim ela continuou a tentar, daí eu corri para dentro e ela veio atrás de mim e me agarrou, continuei a pedir perdão mas ela não aceitava de jeito nenhum, ela me segurando e eu fazendo força para ela me soltar, chorando e pedindo perdão, ela começou a procurar a vara que não estava por perto, ela pediu a vara a Sr. Damião que ficou um pouco indeciso porque eu pedia por favor para ele me ajudar, Sinha Rita nervosa pedindo a vara. Vi Damião com os olhos cheio de compaixão mas ele precisava tanto sair do seminário, eu entendi o ato dele. (A01/17).

— Minha senhora, me perdoe!

— Não perdôo, não.

Voltamos para sala.

— Onde está a vara?

Por um momento agradeci. A vara estava ou outro lado da sala, mas Sinhá Rita não deixaria barato.

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

“Estou livre de castigo”, pensei. Damião não daria a vara a ela. Era homem de bom coração. Porém, nada na vida é perfeito e claro que Damião pensou em sua própria pele, afinal, Sinhá Rita estava ajudando-o. Me decepcionei quando entregou a vara à minha dona. Neste exato momento, a certeza de que não conseguiria dormir bem, naquela noite, foi a única coisa em que consegui pensar. (A02/17).

No dia seguinte atrasada nos meus serviços de todo dia, devido minha teimosia em prestar atenção do moço. Sinhá ia logo aplicar-me o tão sofrido costumeiro castigo. Eu suplicava como todos dia como se houvesse a menor possibilidade de tudo aquilo acabar. Aquele maldito pedaço de madeira que ela usava para me bater não estava perto, mas sim, perto do moço, ela logicamente o pediria e eu iludidamente pela minha tão possibilidade de ele não passar o objeto e de alguma forma resolvermos aquela situação juntos. Mas, obviamente ele passou. (A05/17).

Consegui me soltar dela é sai correndo, mas Sinhá conseguiu me pegar, me levando de volta a sala. Eu estava chorando e pedindo para que me perdoasse, mas ela dizia que eu deveria ser castigada.

— Onde está a vara? Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou sem o que fazer.

— Dê-me a vara, Sr. Damião! Ordena Sinhá Rita.

Damião chegou a caminhar para ir buscar a vara, eu implorei que pelo que houvesse de mais sagrado, que não a pegasse. Mas não adiantou nada ele pegou a vara e entregou a Sinhá Rita, que me bateu com tanta força, mas fazer o que, se Damião não tivesse entregue a vara ele estaria no seminário, coisa que ele não quer, mas também eu não estaria com “machucados” físicos e muito menos “machucados” no coração. Isso que da as pessoas pensarem apenas em si mesmas. (A08/17).

Era hora de recolher os trabalhos, examinando com atenção até chegar em mim, o tal trabalho incompleto despertaria raiva na patroa, agarrou-me pela orelha me puxando pelo cômodo, implorei para que me solta-se, mas ela não fez.

De tanto me esquivar; consegui sair de suas mãos, ela ordenava para que chegasse perto, de repente ordena para que Damião lhe entregasse a vara, implorei para que ele me ajudasse, e ele acabou entregando com muita relutância, mas entregou. (A09/17).

Au cair da noite, só eu que estava sentada a almofada e ela veio Sinha Rita com fogo nos olhos e já veio me dando tapas e me chingando pois bem ate que eu meresia mas doia muito, eu e ela estavamos de um lado da sala, Damião e a vara do outro, e ela pediu que Damião do outro pegase a vara ele parou pensou duas vezes pensou em falar algo mas foi em direção a vara, enquanto eu gritava. (A10/17).

Eu implorei para que ela não me castigasse, implorei por perdão, mas nada.

— Onde está a vara? – perguntou para o rapaz, o mesmo que me fizera rir, pedindo para que ele entregasse á ela. Pude ver sua relutância e dúvida, como se não quisesse entregar, mas no final, ele entregou. Pensando somente nele e em seu bem próprio. (A12/17).

... Por ter parado para rir não consegui terminar meu trabalho a tempo, eu que já era acostumada a apanhar fui pega pela orelha, comecei a chorar e implorar para que me soltasse, mas não funcionava, e foi quando vi que a vara estava atrás de damião, em cima da cabeceira da marquesa, e quando eu começava a ficar aliviada, por pensar que um moço que fazia uma escrava rir, não a entregaria para ser castigada, mas de repente senti uma varada na perna, sim, ele entregou-me a ser castigada. (A14/17).

2- Desfechos dos alunos que modificaram o original:

Damião chegou a marquesa, pegou a vara e entregou a Sinhá Rita. Quando Sinhá Rita ia a me bater chamaram a porta ela foi abrir e disse que eu não iria me livrar, foi abrir a porta era os pais e o padrinho de Damião entraram e foram conversar com ele para saber o que o moço quer da vida ele disse:

— Posso ser tudo o que o senhor quiser menos padre pois não tenho vocação nenhuma.

— Então esta bem meu filho vou te tirar do seminário e conversarmos melhor ao chegar em casa.

Damião agradeceu a Sinhá Rita por ter ajudado e que ela não me castigasse que a culpa de eu ter me atrasado era dele e que ele tinha se prometido que se eu não terminasse ele iria me ajudar só que ele tinha ficado com medo dela não o ajudar por isso ficou quieto mais agora que ela o ajudou ele queria me ajudar.

Mas sinhá Rita disse que a culpa era minha e que eu não deveria ter parado meu serviço para ouvir nada. Ai Damião disse:

— Que se eu apanhasse ele iria proibir que seu padrinho a visitasse.

Sinhá Rita ficou muito pensativa, e disse que tudo bem que o moço poderia me ajudar e que isso não iria se repetir que da próxima vez eu não me escaparia.

E passamos a noite trabalhando e rindo das piadas que o moço contava com isso acabamos rápido e sinhá Rita gostou do nosso trabalho e que o moço tinha jeito par bordar. Ele foi para sua casa eu também e assim terminou meu dia de trabalho.

Meu dia poderia acabar em choros mas por conta da bondade do moço Damião acabou em risos. Depois disso o tempo passou e Sinhá Rita nunca mais na vara pegou, para chicotear ninguém.

Meu nome é Lucrecia e esse foi um dia inesquecível que resolvi escrever. (A09/16).

Na hora de recolher as tarefas prontas, todas tinham terminado, menos eu, Sinhá Rita ficou furiosa me puxou pela orelha, eu tentei fugir, mas ela me puxou de volta para a sala e pediu que Damião pegasse a vara para ela, eu implorei por tudo que era mais sagrado para que ele não entregasse, ele parou por um instante, neste momento eu comecei a tossir sem parar de certo modo que perder o ar, quando Damião entregou à vara para sinhá Rita eu já não respirava mais, foi quando eu acordei no meio de almofadas de renda e me dei conta de que tudo não passava de um sonho e eu havia dormido enquanto fazia renda.

Sinhá Rita percebeu que eu tinha dormido e atrasei com minha tarefa e me castigou severamente, me batendo com a vara. (A14/16).

Chegou a marquesa, pegou a vara e entregou à Sinhá Rita.

Quando Sinhá Rita foi me bater, Damião segurou sua mão, dizendo:

— Não precisa fazer isso com ela...

Sinhá Rita então refletiu, me pediu perdão e disse que isso não ia mais se repetir, e a partir daquele momento me prometeu que seria mais legal com todas as crias, e que virariam “amigas”. (A06/17).

Chegou a noite, na hora de entregar os trabalhos, inclusive o meu, sinhá rita estava observando os trabalhos das crias quando sinhá rita viu o meu trabalho, ela surtou ao ver que o meu trabalho estava incompleto, e com isso, a sinhá rita chamou o Damião para pegar a vara, mas naquela hora Damião estava com muita pena de mim, e com isso o Damião quebrou a vara e isso foi uma distração para que eu fugisse de lá, pulei a janela e fugir, e quando a sinhá rita foi me procurar, eu não estava mais lá, e com isso eu posso dizer que eu sou uma pessoa livre! (A07/17).

Sinhá Rita, viu que já era hora de recolher os trabalhos. Foi se concluir as tarefas. Apenas, as minhas que não estavam prontas. Ela havia ficado muito nervosa, me agarrou pelas orelhas. Finalmente, aquela vez, tive voz.

— Me largue! Não fale desse jeito comigo, estou cansada de tanta crueldade. Se pelo menos o respeito e a educação existisse por aqui, algumas coisas daria certo. Estou me indo embora desta casa.

E dê uns tempos para cá, esta vida de escritora vem sendo um máximo. (A11/17).

Sinha Rita com a cara em fogo e os olhos estregalhados; Damião se sentiu compungido!

Até que pegou a vara e deu-lhe a Sinha Rita, fiquei marcada e dolorida por alguns dias... não agüentava mais vier dentro daquela casa! Foi então que tomei coragem e disse a ela:

— Prefiro passar fome e morar na rua, do que conviver com uma mulher igual como você! Peguei as minhas coisas e fui embora; dei um rumo na minha vida... consegui um emprego; moro em uma casinha simples; mas o que importa é a paz que sinto agora. (A13/17).

No outro dia, estava fazendo renda na sala como todo dia, quando Sinha Rita, nervosa me disse que eu estava fazendo tudo errado. Mandou Damião pegar a vara de couro, que parecia ser um cinto com manisela e tudo. Ele foi devagar pegar a vara.

Quando percebi que ele tinha mentido para mim, dizendo que iria me ajudar. Então ele entregou a vara na mão de Sinhá Rita, pediu a ela que não me castigasse por um erro tão banal.

Pediu a Sinhá Rita que me deixasse trabalhar sem medo de toda hora apanhar. Com isso Sinha Rita se acalmou e não me bateu graças a Damião.

Dias depois Sinha Rita falou com João Carneiro e o convenceu de deixar Damião sair do seminário. E todo dia Damião vinha a casa de Sinha Rita vê como ela estava me tratando. Até que um dia Damião me deu um papel dizendo que este papel era a carta de euforia e que Sinha Rita concordou em me dá a liberdade.

Os anos passaram, e o que era só um amigo querendo me ajudar, virou um amor e se tornou meu futuro marido. Hoje temos uma família grande e feliz. (A15/17).

3- Desfechos dos alunos que acrescentaram informações ao final, sem, contudo, modificá-lo:

— Senhor Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou paralizado, vi que ele não sabia o que fazer. Mas pelo seu próprio bem, eu já imaginava que ele daria a vara. Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. Então, pedi por tudo que fosse mais sagrado.

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita furiosa, instava pela vara, sem me soltar. Damião precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

Naquela noite não consegui dormir, de tanta dor por ter apanhado de vara. Mas entregar a vara de nada adiantou para Damião. Ele teve que voltar ao seminário. (A03/16).

Pedi pelo amor de Deus que me soltasse fiz um esforço e conseguir soltar da mão dela e fui para dentro, mas ela me pegou, pedi perdão e ela não quis me perdoar.

Perguntou aonde estava a vara, a vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala, pedi para o senhor Damião pegar a vara.

Pedi à ele por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor, me ajuda senhor moço.

Mas Damião pegou na vara e entregou a Sinhá Rita, e Sinhá Rita me bateu com a vara. E não passar do tempo fiquei feliz por Damião conseguir o que ele tanto queria, sair do seminário. (A08/16).

Chegando então a hora de dormir, Sinhá Rita foi conferir se todas tinham acabado, mas eu não tinha.

— Ah, malandra!

— Venha cá que vou te ensinar uma lição!

Implorei para que ela não me fizesse nada, mas de nada adiantou.

— Damião, pegue aquela vara no canto da sala, por favor.

Implorei também a ele para que não pegasse, mas novamente, nada me adiantou. Vi que ele exitou ao pegar a vara, mas enfim, a entregou a Sinhá Rita. Fim, recebi meu castigo. Não acho que Damião queria realmente ter entregado a vara a ela, mas quem era eu? Uma criada que ele acabara de conhecer, não podia me ajudar. Acho que preferiu salvar a pele dele ao invés da minha. Não o culpo.

Sei que estavam, pelo jeito da história, esperando um final ruim, mas não foi. Na verdade foi bem feliz.

Meu nome é Lucrecia, tenho duas lindas filhas, luto contra a escravidão e contra todos que a praticam, também luto a favor da liberdade de expressão e escolha, junto com meu amado esposo, Damião. (A03/17).

Ele foi e pegou a vara para entregar a Sinhá para ela me castigar. Mais tarde quando todos foram dormir eu peguei minhas coisas e fugi da casa de Sinhá Rita e fui morar em outra cidade onde Sinhá Rita não me encontrasse. (A04/17).

5.4.4 Os títulos

A maioria dos alunos optou pelo título original, criado por Machado de Assis: “O caso da vara”. Alguns, no entanto, criaram um novo título para sua versão: “Consequências da piada” (A06/16); “Um dia inesquecível” (A09/16); “Confiança é algo caro” (A01/17); “O caso escrava” (A02/17); “O caso da vara recontado por Lucrecia” (A05/17); “A escrava Lucrecia” (A06/17); “Olhos inquietos” (A09/17); “O caso da vara” (A10/17); “O caso surpreendente” (A11/17); “A vara e a escrava” (A14/17). Em vinte e nove redações, dez tiveram o título modificado. A modificação do título não foi uma condição imposta. Um ou outro aluno chegou a me perguntar se isso deveria ser feito, mas respondi que era sua escolha.

5.4.5 A autoria

Da leitura dos contos à reescrita, considero que meus alunos se apropriaram do conto e se tornaram, de fato, autores. Durante esse percurso, precisaram acionar variados conhecimentos linguísticos e culturais para que concluíssem a tarefa proposta, o que realizaram satisfatoriamente. Cada um deles tornou-se autor à medida que deu origem a um novo texto, inventando e descobrindo soluções na adaptação da perspectiva. Além disso, contribuíram com sua subjetividade, expressando indignação, senso de justiça, desejo, fantasia... Da leitura à reescrita, experimentaram o texto literário machadiano, atravessando-o com seu próprio discurso e visão de mundo e conferindo-lhe novos sentidos.

6 CONCLUSÃO

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.

João Guimarães Rosa

Este estudo foi inspirado pelas reflexões suscitadas pelo livro *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov, e tem início com algumas interrogações, tais como “É possível realizar um trabalho de formação de leitor de literatura no ensino fundamental?” ou “Como abordar o texto literário em sala de aula nesse nível de ensino?” Esta pesquisa também está fundamentada pelo pensamento de Antonio Candido que entende o acesso à literatura, parte do grandioso repertório cultural da humanidade, como um direito que deve ser disponibilizado a todos.

Considerando os estudos sobre letramento ao longo das aulas de Mestrado Profissional em Leitura e Letramentos, realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, desenvolvi uma proposta didática cujo objetivo era investigar a formação do leitor literário no ensino fundamental. O tema da formação do leitor sugere uma discussão bastante ampla e, no caso do leitor específico de textos literários, subjetiva. O processo de formação de leitor é longo e não pode ser verificado em um ou alguns poucos anos de escolaridade. No entanto, este estudo desencadeou algumas reflexões sobre a prática de ensino de literatura na escola pública. No decorrer do trabalho, pude perceber a necessidade de criação e desenvolvimento de projetos envolvendo o texto literário e não o mero ensino de técnicas, características de gênero e estilos.

A pesquisa-ação descrita neste estudo foi realizada em uma escola pública da rede municipal de ensino da Prefeitura de Barra Mansa, RJ. Consistiu na realização de atividades didáticas em duas turmas de 9º ano, em 2016 e 2017, respectivamente. Compreendeu a leitura de contos machadianos variados, estudo do gênero conto (já previsto no conteúdo programático do ano escolar naquela rede de ensino), com destaque para o estudo do narrador, e, finalmente, leitura e reescrita de “O caso da vara”, conhecido conto de Machado de Assis. Na reescrita, os alunos precisavam modificar o foco narrativo de terceira para primeira pessoa.

O processo de letramento literário, embora subjetivo, não ocorre espontaneamente. É necessário que a escola ofereça oportunidades e condições para que ele se desenvolva. Além disso, deve-se levar em conta que, por ser um processo contínuo, requer trabalho constante, e que o contato do estudante com as experiências com o texto literário sejam frequentes. Na

sequência que realizei com minhas turmas nesses dois anos letivos, destaco, particularmente, dois pontos positivos: a leitura em voz alta e a solicitação de reescrita do conto.

A linguagem do texto literário e canônico exige, muitas vezes, uma leitura diferente daquelas de cunho prático. Vocabulário, ironias, linguagem conotativa, elaborada, expressiva, tudo isso demanda uma habilidade que muitos alunos ainda não desenvolveram, principalmente quando se trata de textos canônicos, como é o caso do machadiano. Assim, a leitura em voz alta, realizada em sala pela professora, que já possui tal competência, ajuda o aluno a apropriar-se do ritmo do texto e do universo do autor. Nas séries iniciais do ensino fundamental, as crianças, geralmente, adoram ouvir histórias. E, nessa fase, é mais comum as professoras lerem para a classe. À medida que avançam nos anos de escolaridade, esse exercício diminui bastante, quando não cessa. Justamente na etapa em que os adolescentes se deparam, na escola, com textos de maior complexidade em termos de conteúdo, temas e linguagem, são “abandonados” à leitura solitária de obras que acabam por se tornar enfadonhas e não interessantes e enriquecedoras, como gostaríamos que fossem para nossos iniciantes leitores.

Outro aspecto positivo que destaco é a atividade da reescrita do conto. Nesse ponto do trabalho, os alunos foram sutilmente induzidos a repensar o enredo criado por Machado e suas implicações. Considerei essa etapa como aquela em que os estudantes realmente leram o texto. Eles já haviam acompanhado a leitura em voz alta. Contudo, ao flexionar o ponto de vista, precisaram apropriar-se do conto para conseguirem dar voz à personagem indicada. O que ela contaria? De que modo? Suas produções textuais demonstraram que conseguiram realizar a principal solicitação, que foi a conversão do ponto de vista de terceira para primeira pessoa. Mesmo aqueles que apenas parafrasearam o conto, conseguiram atender a esse pedido, o que sugere que leram toda a história. Em geral, contaram o que Lucrecia presenciou ou “ouviu dizer”, mantendo a verossimilhança em sua versão. Vários alunos acrescentaram novos acontecimentos ao enredo, expressando a subjetividade de sua leitura, na idealização da atitude de revolta e fuga da escrava, até seu envolvimento amoroso com Damião. Por todos esses aspectos, considerei que a atividade de reescrita constituiu uma experiência produtiva para as turmas, numa prática concreta com o texto machadiano, e que exigiu de cada um dos envolvidos certo traquejo para adaptar a perspectiva. Além disso, foi o momento de maior interação entre os alunos e entre eles e a professora.

Em relação à diferença entre as produções textuais nos anos de 2016 e 2017, observei que a segunda turma acrescentou mais livremente fatos novos ao enredo. A começar pela situação inicial, em que a turma de 2017 variou mais a forma de iniciar o conto, utilizando

menos a fórmula “Meu nome é Lucrecia” para demonstrar que se tratava de narrador-personagem. O mesmo ocorreu em relação ao enredo e ao desfecho: houve maior quantidade de modificações na turma de 2017. Acredito que isso ocorreu, em parte, pela modificação do tipo de questionário que foi ministrado após a leitura do conto, sendo o de 2016 constituído de questões mais fechadas e objetivas e o de 2017, questões mais abertas e subjetivas.

Em relação à escolha do gênero conto para este trabalho, deveu-se justamente à sua característica da brevidade e curta extensão, o que facilitou a reprodução do texto para todos os alunos e assegurou a “unidade de efeito” durante a leitura em voz alta feita em sala em uma única aula. Quanto à preferência pela adoção de um autor canônico, esta se justifica por ser função da escola apresentar os clássicos aos alunos, que talvez não tenham essa oportunidade de conhecimento em outros contextos ao longo de sua vida.

Este trabalho pretende colaborar com o debate sobre o tema da formação do leitor e do letramento literário. Novos e variados estudos na área são oportunos para que possamos construir uma escola conectada com a maneira como os estudantes da atualidade podem vir a se interessar pelos textos canônicos, patrimônio da humanidade, assimilando os conteúdos necessários à sua formação de maneira significativa, e que lhes possibilite evoluir em sua cidadania e humanidade.

Quanto ao trabalho realizado com minhas duas turmas para esta pesquisa, espero que esse possa ter constituído para meus alunos, ao menos, uma visão inaugural do texto literário. Uma semente lançada na terra, mas que para florescer e dar frutos, precisa continuar sendo regada e fertilizada nos anos escolares posteriores, com variadas e significativas experiências com os textos de Literatura.

Espero ainda que esta pesquisa ajude a promover a reflexão acerca da formação do leitor literário na escola desde o ensino fundamental. Conforme as palavras de Guimarães Rosa na epígrafe deste capítulo, “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (ROSA, 1986, p. 15), acredito que a construção do conhecimento é constante e todos nós, envolvidos no processo ensino-aprendizagem, estamos sempre adquirindo conhecimento, evoluindo, mudando e, quem sabe, transformando a realidade ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. Contos e contistas. In: **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL/MEC, 1972, p. 5-8.

ASSIS, Machado de. **Páginas recolhidas; Relíquias da casa velha**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Contos consagrados**. São Paulo: Publifolha, 1997.

_____. **Contos**. Seleção de Deomira Stefani. 10. ed. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Várias Histórias**. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1959.

_____. Notícia atual da literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. Disponível em: <machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2016.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de escrita**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In:_____. **Obras escolhidas**, v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>> . Acesso em: 03 jan. 2018.

BLOOM, Harold. Prefácio e Prelúdio. In: BLOOM. **O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo (Org.) **O conto brasileiro contemporâneo**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

BRASIL. Machado de Assis, um mestre na periferia. In: **DVD Escola: Literatura**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância, 2007.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LIMA, Aldo. (Org.) **O direito à literatura**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Teresa Cochar. **Português: linguagens**, 9º ano, Língua Portuguesa. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 70-6.

COENGA, Rosemar. **Leitura e Letramento Literário: diálogos**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo, Ática, 2001.

GUIMARÃES, Alexandre Huady; BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.) **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: Barra Mansa, RJ. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330040&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 15-61.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: _____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 15-34.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LINS, Osman. (Org.). **Missa do Galo: variações sobre o mesmo tema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1977.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas e histórias diversas**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 95-6.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORTATI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. Tradução de Jaime Ferreira e Vitor Oliveira. 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSENTHAL, Adolfo. **Uns Braços**. Brasil: Rede Record e Contém Conteúdo, Distribuidora Flash Star, 2009. 1 DVD (36 min.), color., son.

SENNA, Marta de. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Páginas Recolhidas; Relíquias da Casa Velha**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SILVA, Vera Maria Tiezmann. **Leituras literárias e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TAVARES, Hênio U. da C. **Teoria Literária**. 10. ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro do Trabalho de Língua Portuguesa

TRABALHO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura de contos de Machado de Assis

- I) Leia o conto indicado para seu grupo e responda às seguintes questões:
- 1- Quem foi Machado de Assis? (Pesquise e faça um resumo de sua biografia.)
 - 2- Explique as características do gênero textual conto. (Pesquisa)
 - 3- Identifique no conto designado ao seu grupo os seguintes elementos:
 - a) Qual é o título do conto?
 - b) Onde se passa a história?
 - c) Quando?
 - d) Quais são os personagens?
 - e) O narrador é personagem ou observador?
 - f) O protagonista é o narrador?
 - g) Qual é o principal conflito do protagonista?
 - h) Em que parte do texto você julga que o autor narrou usando uma ironia?
 - i) Faça um resumo da história:
- II) Entrega do trabalho escrito e da apresentação do grupo dia 31/03/2016.
- III) Valor: 30 pontos

Apêndice B - Questões Sobre o Conto “O caso da vara”

RECAPITULAÇÃO DO ENREDO DO CONTO “O CASO DA VARA”, DE MACHADO DE ASSIS

1- Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto, num ano um pouco antes de 1850.

- a) No primeiro momento, qual foi seu drama?
- b) De quem ele lembrou-se primeiramente como possível protetor?
- c) Por que essa ideia, de imediato, não lhe pareceu boa?
- d) De repente, quem lhe pareceu capaz de ajudá-lo a livrar-se do seminário?

2- Observe o sobrenome do padrinho: João CARNEIRO. Esse sobrenome traz alguma pista sobre a personalidade da personagem?

3- Como foi a entrada de Damião na casa de sinhá Rita? Explique.

4- Damião implora a ajuda de sinhá Rita, ao mesmo tempo em que procura convencê-la a ajudá-lo. Relacione as reações psicológicas de sinhá Rita a trechos do texto que as comprovam:

- (A) Negativa. Aparentemente irreduzível em relação ao pedido de ajuda.
- (B) Envaidecida pelas súplicas do rapaz, porém cautelosa.
- (C) Claramente provocada em sua vaidade.
- (D) Decidida a ajudar Damião.

() “Não atende? Interrompeu sinhá Rita ferida em seus brios”.

() “Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo já e já (...)”

() “Não, replicou ela abanando a cabeça, não me meto em negócios de sua família, que mal conheço”

() “Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas do moço, tentou chamá-lo a outros sentimentos”.

5- Que tipo de sentimento foi decisivo à mudança de opinião de sinhá Rita?

- a) () piedade
- b) () amizade
- c) () vaidade
- d) () inveja

6- Enquanto esperavam o padrinho, Damião e sinhá Rita começaram a contar anedotas. Uma delas distraiu Lucrecia, uma das crias de sinhá Rita (ou seja, uma escrava). Como sinhá Rita reagiu à distração da escrava?

7- Copie o trecho do texto em que Damião olha Lucrecia até a decisão de protegê-la.

8- João Carneiro chega a casa e se vê “diante de um puxar de forças opostas”. Quais?

9- Mais tarde, sinhá Rita pede que Damião conte novamente a anedota às visitas. Ele conta e olha Lucrecia. Qual foi a reação da menina dessa vez?

10- Anoitecendo e sem resposta do padrinho, Damião pensa em fugir. Mas sinhá Rita o convence a esperar. À noite, volta um escravo do padrinho com uma carta. O que dizia a carta?

11- Sobre os desdobramentos da carta:

- a) Qual foi a resposta que Rita enviou a Carneiro?
- b) A linguagem empregada nessa resposta indica que a viúva tinha pouca ou muita intimidade com o padrinho de Damião?
- c) Copie ao menos uma passagem do conto que revele uma relação mais íntima entre João e Rita.

12- No momento de recolher os trabalhos, ao fim do dia, todas as discípulas haviam concluído a tarefa, menos Lucrecia.

- a) Qual foi a reação de sinhá Rita?
- b) Qual foi a reação de Lucrecia?

13- No momento em que Lucrecia seria castigada, instaura-se um novo conflito para Damião.

- a) Qual conflito?
- b) Qual foi a decisão do rapaz?

14- Você acha que, no final das contas, Damião conseguiu livrar-se do seminário? Por quê?

Apêndice C - Questionário Proposto em 2017

Refleta sobre o conto *O caso da vara*, de Machado de Assis, e responda:

Pergunta 1: Você acha que compreendeu o conto? Justifique.

Pergunta 2: Na sua opinião, por que Lucrecia praticamente não fala no texto?

Pergunta 3: Qual foi a sua impressão da relação entre sinhá Rita e João Carneiro?

Pergunta 4: Qual é a relação entre o título do conto e o conflito do protagonista?

Pergunta 5: Lucrecia não fala no conto. Se você pudesse dar voz a ela, o que ela diria? Como ela contaria essa história?

Pergunta 6: Você gostou do desfecho do conto? Qual foi a sua impressão sobre ele?

Pergunta 7: Qual a sua impressão da linguagem do conto?

Pergunta 8: Você consegue perceber se o autor faz uso da ironia em algumas partes do conto? Em que momentos?

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2017)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezados pais dos(as) alunos(as) da turma 901 da Escola C.E.I, turno vespertino, ano de 2017,

Sou professora da Área de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação (SME), Município de Barra Mansa, atuando no Centro Educacional Integrado Vieira da Silva e, atualmente, estou realizando curso de pós-graduação em nível de Mestrado do Programa PROFLETRAS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O meu objeto de estudo é a **formação do leitor literário a partir da leitura de contos de Machado de Assis no Ensino Fundamental.**

Dessa forma, para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados que incluirá a análise das produções textuais dos alunos e seus depoimentos sobre as atividades realizadas.

Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar os dados acima mencionados coletados em sala de aula. Esclareço que esses dados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante(s) da pesquisa. Não será cobrado nada; não haverá gastos, nem riscos na sua participação neste estudo; como também não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Gostaria de deixar claro que sua participação é voluntária.

Desde já agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para melhores informações.

Ao final deste estudo, a minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já agradeço a atenção dispensada e a colaboração.

Atenciosamente,

Luciene de Lima Alves

Profª Área de Língua Portuguesa/ SME.

Autorizo à professora Luciene de Lima Alves a coleta de dados das atividades realizadas por meu filho(a) _____ em sala de aula, para utilização em seu trabalho de pesquisa, cujo título provisório é **CONTOS MACHADIANOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DE LEITOR A AUTOR**, desde que de forma a resguardar a identidade do menor acima mencionado. Confirmando que a professora explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação de meu filho(a). Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em dar meu consentimento para que meu filho (a) participe como voluntário desta pesquisa, da qual ele também concorda em participar.

Ciente (pai/mãe/responsável): _____

Concordância do aluno: _____

Barra mansa, _____ de _____ de 2017.

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2016)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezados pais dos(as) alunos(as) da turma 901 da Escola C.E.I, turno vespertino, ano de 2016,

Sou professora da Área de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação (SME), Município de Barra Mansa, atuando no Centro Educacional Integrado Vieira da Silva e, atualmente, estou realizando curso de pós-graduação em nível de Mestrado do Programa PROFLETRAS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O meu objeto de estudo é a **formação do leitor literário a partir da leitura de contos de Machado de Assis no Ensino Fundamental.**

Dessa forma, para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados que incluirá a análise das produções textuais dos alunos e seus depoimentos sobre as atividades realizadas. Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar os dados acima mencionados coletados em sala de aula. Esclareço que esses dados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante(s) da pesquisa. Não será cobrado nada; não haverá gastos, nem riscos na sua participação neste estudo; como também não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Gostaria de deixar claro que sua participação é voluntária.

Desde já agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para melhores informações.

Ao final deste estudo, a minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já agradeço a atenção dispensada e a colaboração.

Atenciosamente,
Luciene de Lima Alves
Profª Área de Língua Portuguesa/ SME.

Autorizo à professora Luciene de Lima Alves a coleta de dados das atividades realizadas por meu filho(a) _____ em sala de aula, para utilização em seu trabalho de pesquisa, cujo título provisório é **CONTOS MACHADIANOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DE LEITOR A AUTOR**, desde que de forma a resguardar a identidade do menor acima mencionado. Confirmando que a professora explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação de meu filho(a). Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em dar meu consentimento para que meu filho (a) participe como voluntário desta pesquisa, da qual ele também concorda em participar.

Ciente (pai/mãe/responsável): _____

Concordância do aluno: _____

Barra mansa, _____ de _____ de 2016.

Anexo C – Carta de Anuência (2016)

CARTA DE ANUÊNCIA – ESCOLA PÚBLICA

Pela presente, a Escola C.E.I Vieira da Silva, sediada à Rua _____, representado por seu (sua)

diretor (a) _____,

declara que tem plena e total consciência e concordância com a realização da pesquisa “CONTOS MACHADIANOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DE LEITOR A AUTOR” (título provisório) realizada pela pesquisadora Luciene de Lima Alves, para a obtenção do Título de Mestrado pela UFRRJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche, durante o ano letivo de 2016.

Barra Mansa, ___ de _____ de 2016.

Anexo D – Carta de. Anuência (2017)

CARTA DE ANUÊNCIA – ESCOLA PÚBLICA

Pela presente, a Escola C.E.I Vieira da Silva, sediada à Rua _____, representado por seu (sua)

diretor (a) _____,

declara que tem plena e total consciência e concordância com a realização da pesquisa “CONTOS MACHADIANOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DE LEITOR A AUTOR” (título provisório) realizada pela pesquisadora Luciene de Lima Alves, para a obtenção do Título de Mestrado pela UFRRJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche, durante o ano letivo de 2017.

Barra Mansa, ____ de _____ de 2017 .

A01/16

D S T Q R S S

O Caso da Tava

Olá, meu nome é Lucrecia, tenho 22 anos, sou uma das crias de Sinhá Rita, faço toda renda, cozinhar e bordado.

Dá época de criança lembro de uma de quando tinha 11 anos, todas as criadas da casa estavam sentadas em volta da sala quando de repente ouvi um empurrão na porta, que por descuido não estava fechada, Sinhá Rita foi até a sala para ver o que tinha acontecido e quem estava lá, pois era Damião, um menino que tinha fugido do seminário, pois ele sabia que vida de padre não era pra ele. Damião morava ao lado da casa da Sinhá, cresceu brincando entre os quintais, a Sinhá o considerava como da família.

Chegou assustado pedindo abrigo, pois tinha saído escondido do seminário e tinha medo de que seus pais pediam fazer, e principalmente que o mandassem de volta.

A Sinhá então pensou em procurar João Carneiro que era padrinho, só que ele tinha medo de seu padrinho não querer ajudar, mas Sinhá deu um jeito dele vir e mandou que resolvesse a situação.

Quando o padrinho resolveu a situação me aproximei do meu pai e pedi que me apadrinhasse caso Sinhá Rita me castigasse, pois eu era um pouco levada, ele concordou, pelo menos por um tempo. Na mesma noite, o padrinho voltou com uma carta dizendo que outro dia iria resolver um assunto.

P S T Q Q S S

No final de todos o dia, a Sinhã foi checar os trabalhos, como de costume, e eu, também como de costume, não terminei minhas tarefas, a Sinhã me carregou pelas orelhas para me castigar, pedi ao meu padrinho voluntário que me ajudasse, mas Sinhã Rita o obrigou a passar a vara, e ele não pode interceder por mim.

Anexo F – Redação do Aluno A02/16

A02/16

O caso da sara

Meu nome é Ilucácia, quando eu tinha onze anos, eu morava com Zilda Rita, eu era uma escrava, eu ficava na sala vendo e ouvindo Tude o que acontecia por lá, como o romance de Zilda Rita e João o lanceiro, quando um moço chamado Damiano, chegou aparecendo na casa de Zilda, essa foi uma das injustiças por volta de ano que 1850 eu antes, numa sexta-feira de agosto um moço chegou batendo a porta com medo de alguma coisa eu de alguém, ele estava vestido com uma roupa de padre que dizia João na, parecia estar muito cansado e Zilda perguntou para ele:

- O que é isso senhor Damiano?

- Me ajude por favor. Disse ele

- Como posso te ajudar se não sei o que se passa, acalme-se e explique Tude.

- Não quero voltar pro seminário pensei em pedir ajuda ao meu padrinho, mas ele não poderia pagar nada por mim.

- Como assim não pode? Ele vai te ajudar se por um momento. Disse Zilda se levantando da cadeira.

Ele foi até a mesa pegou um papel e o João e mandou chamar um escravo para levar a carta para o João, nunca soube

tilibra

o que ela tinha escrito naquela carta. Mas só
me ele e minha foram conversar, ele contou uma
anecdota e eu acabei me distraíndo e sendo até
que minha gritou.

- Olha para Duciá!

Eu abri a caixa esperando que o golpe
chegasse, mas não veio golpe algum, acho que
era só uma advertência enquanto tentava me
acostumar do ruído minha gritou.

- Se você não terminar seu serviço a Tem
po você vai apertar de vara.

Tentei fazer meu trabalho o mais rápido
possível mas tive várias coisas. Minha
chegou com uma carta do padrinho de
Damião que dizia: Seu pai está indutível en
tão pedi para se distar porque ele está ma
no e que me deve a resposta amanhã
sem erro. Damião se retirou da sala e mi
nha gritou.

- Duciá já terminou seu trabalho.

- Não minha.

Não pude nem explicar porque ela me pegou
pela orelha e foi me levando até a maq
quina, eu consegui me saltar, mas foi em um
libra

ela me pegou novamente e eu implorci

- Por favor, eu te imploro por tudo o que é mais sagrado

- Não sei vai apertar

- Me perdoe senão, por favor me perdoe

- Não perdoe não

Acho que com essa brasileira toda timida não apareceu na sala apertado, senão apareceu que ele estava lá mandou que ele pegasse a vara que estava encostada na margem, ele chegou perto, eu gritei implorci mas não adiantou ele nada ele pegou a vara e entregou a senão, tentei fugir mas senão foi mais forte então apertou e apertou muito



A03/16

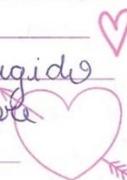
O caso da vara

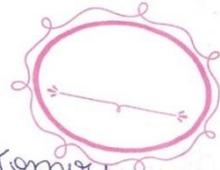
Meu nome é Lucrécia. Quando eu era criança, contava onze anos, já era escrava. Sui uma das óias de Sinhá Rita, ela ensinava a mim e as outras óias a fazer runda, cruze e bordado. Não era uma vida fácil, de jeito nenhum! Mas vou contar sobre um momento que vivi lá, quando ainda tinha onze anos.

Presenciei a chegada do meço na casa de Sinhá Rita, ele havia fugido do seminário. Damião, era o nome que eu e Sinhá Rita o chamar. O meço estava tão desesperado, batido! Vi ele implorar para que a Sinhá Rita o ajudasse a falar com seu padrinho João Carneiro. Damião estava certo de que não podia ser um bom padre. Damião precisava que seu padrinho fosse até seu pai, pelo jeito que Damião falava, seu pai era um homem muito bravo. O pai de Damião não aceitaria ver ele deixar o seminário.

Então, Sinhá Rita e o meço fugido ficaram um bom tempo falando sobre aquilo sem se resolver.

credeal





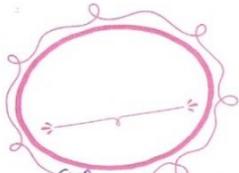
Mas de repente Simhá Rita tomou uma atitude. Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado, e viesse a dizer-lhe que precisava muito de lhe falar imediatamente. Ela decidiu que iria ajudar Damião a sair do seminário de vez.

Durri Simhá Rita dizer para o moço que o Sr. João Carneiro foi amigo do marido e arranjara-lhe algumas aulas para ensinar.

2 Ah! Até hoje acredito que Simhá Rita e João Carneiro tinham um caso. Vi muitas vezes por lá, e o jeito dele com a Simhá Rita, era com certeza um romance.

Simhá Rita tinha quarenta anos na cidade de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apressada, viva, patusca, amiga de rir; mas quando convinha, brava como o diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, me fez rir, e acabei esquecendo o trabalho para olhar e escutar o moço. Simhá Rita pegou uma vara que estava ao pé da marquês, e me ameaçou:

— Lucrécia, olha a vara!

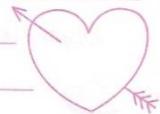


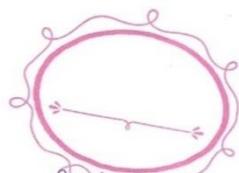
Abaixei a cabeça, esperando o golpe, mas o golpe não veio. Aquilo foi apenas uma advertência; se até à meia-noite a minha tábua não estivesse pronta, eu receberia o castigo de costume. Percebi que Damiano estava-me olhando, talvez minha tosse estivesse incomodando-o, ou ele só estava reparando em minha cicatriz na testa e minha queimadura na mão. Ganhei estas marcas durante os trabalhos, mas tinham outros que foram com a vara.

Depois disso João Carneiro chegou, empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Simba Rita, que não gastou tempo com preâmbulos. Disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesial, e antes um padre de menos que um padre ruim. João Carneiro, assombrado, não replicou durante os primeiros minutos; abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar "pessoas estranhas", e em seguida afirmou que o castigaria.

Simba Rita começou a insistir com João Carneiro, para que ele fosse falar com seu compadre, e convencê-lo a tirar Damiano do seminário. Demorou, mas Simba Rita conseguiu fazer ele sair e ir atrás do pai de Damiano.

credeal





Apesar do gênio galhofeiro de Simba Rita, e seu próprio espírito leve, Damiano não parecia muito alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Contudo, jantou bem; e, para o fim, voltou às pilhérias da manhã. A sobremesa, ouviu um rumor de gente na sala, e perguntou se o tinham prendido.

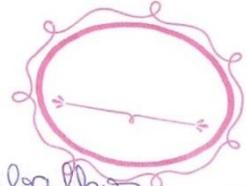
— Não de ser moças.

Levantaram-se e passaram à sala. As moças eram cinco vizinhas que iam todas as tardes tomar café com a Simba, e ali ficavam até cair a noite. Uma delas cantou uma modinha, ao som da guitarra, tangida por Simba Rita, e a tarde foi passando depressa. Simba Rita pediu a Damiano que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que me fez rir.

Damiano contou, mas eu não pude rir, pelo menos, não para fora.

A boca da noite, apareceu um escravo de João Carneiro, com uma carta para Simba Rita. João Carneiro não tinha conseguido convencer o compadre que ficou furioso e quis quebrar tudo. Simba Rita mandou uma carta para João Carneiro com esta resposta: "Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos". Ela voltou a reanimar o seminarista, que já havia perdido as esperanças.





Era a hora de recolher os trabalhos. Simbá Rita examinou-os, todos as vrias tinham concluído a tarefa. Só eu ainda estava à almofada, manuseando os livros, já sem vir; Simbá Rita chegou até mim, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou em minha orelha com muita força.

— Ah! Malandra!

— Nhambã! Pelo amor de Deus! Por nossa Senhora que está no céu.

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

fiz um esforço e me soltei das mãos da senhora, e fugi para dentro; a senhora foi atrás e me agarrou.

— Ande cá!

— Minha senhora, me perdoe!

— Não perdoe, não. Onde está a vara?

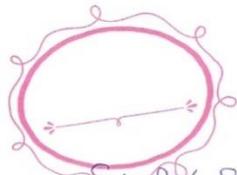
A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala, Simbá Rita, não querendo me soltar, bradou ao semimarista.

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou paralizado, vi que ele não sabia o que fazer. Mas pelo seu próprio bem, eu já imaginava que ele daria a vara. Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. Então, pedi por tudo que fosse mais sagrado.

— me ajuda, meu simbô meço!





Sinhá Rita furiosa, insistia pela vara, sem me soltar. Damiano precisava tanto sair do seminário! Chegou a marquesa, pegou na vara e entregou-a à Sinhá Rita.

Naquela noite não consegui dormir, de tanta dor por ter apinhado de vara. Mas entregar a vara, de nada adiantou para Damiano. Ele teve que voltar ao seminário.



A04/16

O caso da vara

Era onze horas da manhã de uma sexta-feira de Agosto, no ano 1850, quando entrou um rapaz chamado Damião espantado estava trêmulo, mal podendo falar descançou e começou a se explicar enquanto eu e as outras escravas diante as almofadas de renda, mas paramos para ouvir, mas sinhá Rita ordenou que voltássemos a trabalhar, mas eu continuei a ouvir atentamente enquanto trabalhava, Sr. Damião explicou a sinhá que havia fugido do seminário por isso ainda usava a batida, e pedia que o ajudasse a convencer João Carneiro seu padrinho, homem que sinhá Rita tinha uma certa intimidade, fosse falar com seu pai, porque que ele não tivesse que voltar ao seminário, ele conhecia usando o ponto fora de sinhá que também era seu ponto feio, sua vaidade.

Chamei um moleque e pedi que fosse chamar João Carneiro em sua casa e que era já e já, passando algum tempo os dois começaram a contar anedotas, em uma dessas eu não consegui segurar a risada, e por isso sinhá ameaçou a me bater com a vara falando:

— Quercia, dá a vara:

Abaixei a cabeça, para evitar o golpe, mas o golpe não veio, era uma advertência; se o trabalho não estivesse pronto a noite, eu receberia o castigo de costume. Percebi que Sr. Damião examinava-me, uma pequena megrinha, magrela um feungalho de nada, com uma cicatriz no meio da testa, e uma queimadura na mão esquerda, tinha onze anos e tossia para dentro para não incomodar ninguém, percebi no olhar de Sr. Damião, um olhar de pena como se fosse me apadrinhar se

se não acabasse a tarefa, afinal era sua culpa de ter parado o trabalho, e Sinhá me mandou continuar o trabalho, Sinhá mandou me continuar o trabalho², mas continuei a ouvir enquanto tecia, chegou então João Carneiro que ficou pálido de ver o afilhado, afirmou que via de ser castigado que além de fugir do seminário pretendo abrigar na casa dos outros, mas Sinhá se pôs no meio da conversa mandou-lhe que fosse conversar com o pai de sr. Damião, e nisso passaram João num pouco de forças, mas por fim conversação João Carneiro a ir conversar como o pai.

Depois foram Sinhá e sr. Damião jantar, na hora da refeição tinham voz da sala, sr. Damião ficou apreensivo pensando que tinham vindo lhe prender, mas Sinhá explicou.

- Não de ser as moças.

Eravam cinco moças que iam todas as tardes para tomar café com Sinhá e lá ficavam até o cair da noite. E a tarde passou rápido, já quase na hora das moças irem Sinhá pediu para que sr. Damião contasse uma lenda anedota a mesma que me fez rir mais cedo, depois de contar a anedota todas as moças riram e ele olhou para mim, acho que para ver se eu ria mas me contive.

Quando caiu a noite sr. Damião perdeu toda a esperança, até perguntou sobre uma passagem nos fundos e se tinha alguma roupa para ele, então Sinhá deu-lhe uma roupa de seu falecido marido e lhe mostrou uma saída se viessem prender-lo ele fugiria por lá.

Depois apareceu um escravo do padrinho que trouxe uma carta dizendo que o pai ficou furioso que não que havia de ser padre, mas João convenceu que ele pensasse no assunto, e concluiu dizendo que o moço fosse para casa dele. Depois dos dois lerem a carta, sinhô chamou um tintureiro de chifre, e na minha folha mandou escrever: "Joãozinho, se você salva o moço eu nunca mais mós almos". Fez a carta e mandou levar a carta.

Então chegou a hora de vir os trabalhos das criadas, na minha vez sinhô ficou furioso pois ainda não havia acabado, sinhô agarrou por uma velha para me bater em meio as minhas suplicas consegui achar fitas para me soltar e fugir, mas sinhô me segurou de novo, enquanto me segurava por uma velha pediu para não pegar a vara, pensei que ele me ajudaria, mas ele simplesmente pegou a vara e entregou a sinhô.

A05/16

O caso da vovó

Vlá, me chamo Lucrécia na época tinha onze anos de idade e já era escrava desde antes de nascer. Sempre sofri muito, não menos do que os outros escravos mas também não menos. Graças a Deus eu sou escrava de Sinhá Rita, todas nós estamos escravas como outro qualquer, mas Sinhá Rita nos ensinou a ler, a escrever, não podíamos anda sujar e nos ensinou a bordar, além disso era só que fazíamos.

Sinhá Rita além de escravos, tinha também muitos aprendizes, eles sim eu ensinava, não por serem livres, ricos, e belos mas por não conhecerem a Vovó!

Certo dia chega um homem vestido de padre chega correndo, estafado entrando sem pedir licença. Sinhá Rita ate se assustou, e todas nós paramos de trabalhar, pensamos que era algum ladrão ou algo do tipo. Mas logo ele pediu que não nos assistamos logo ia explicar tudo e sinhá nos mandou a voltar a trabalhar, e logo ele fala

- Sr. lhe digo, não pratiquei nenhum crime isso não eu juro!

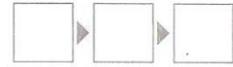
Damiano era seu nome ele nos contou o desgosto que o seminário lhe dava, e estava certo que para lá não voltaria mais, e pediu com toda paixão dentro de si que o salvasse

- Como assim não posso fazer nada!

- Pode, querendo!

Sinhá Rita nos ensinou tudo que sabemos mas neste dia parecia com tã bura!

credeal



Sinha Rita tinha um caso às escondidas com o Padrinho de Damiano, que aliás era amigo do difunto seu marido, mas todas as coisas já sabíamos e parecia que Damiano também.

Ela manda Damiano falar com seu Padrinho e logo ele fala:

- Meu Padrinho? Esse é ainda pior que meu Papai, não me entende, duvido que entenda alguém...

Nesse momento Sinha Rita ficou extremamente zorada e furiosa e falou:

- Ora, vou te mostrar se ele entende ou não entende.

Ela chamou um moleque e mandou que chamasse o Sr João Carneiro imediatamente, o mais rápido possível.

Enquanto isso Damiano fazia todo seu teatro de medo e tristeza.

Mas logo Sinha Rita fez com que ele se abanesse e pediu que lhe contasse algumas coisas, mas teve uma destas coisas que eu não aguentei e saí na gargalhada sem querer, e logo Sinha Rita grita:

- Lucrécia, olha a vadia!

Abaixei a cabeça, esperando uma varada mas não veio, então considerei como ameaça e continuei a fazer meu trabalho, mas já sabia que como de costume, se a tarefa não tivesse feita levava varada, o castigo. Percebi que neste momento o Sr Damiano me olhava achando que com olhos de pedra, não sei, mas tive a estranha certeza de que se acontecesse algo ele iria intervir.

Nisto Sr João Carneiro chega e logo viu seu sobrinho, e Sinha Rita lhe contou o que aconteceu. Ele



falou que o castigo era por ter incomodado pessoas estranhas e Sinha Rita com seu jeito mandou logo falar

- Que castigo é esse, e ordenou que ele fosse falar com seu cum padroe

- ande, vá, vá

Ele se foga pensando que estaria entre a cruz e a caldeirinha, e no que ele faria. Sinha Rita praticamente o espulsa

- ande logo Sr João carneiro seu, vá...

Na estaca escurecendo logo Sinha Rita chama Damiano para jantar, quando da sala, quando eles saltaram, Sinha Rita pede para Damiano contar denovo a estoria que me fez rir, mas desta vez eu não ri.

Logo os aprendizes não embora e a noite vem caindo, Damiano parecia com mas medo ainda e andava pela casa procurando algo, logo ele pergunta para Sinha Rita:

- Sinha Rita aqui não teria uma suida pelos fundos? e acredito que ele não estava confiante com seu padrinho, mas logo mas uma vez Sinha Rita fez com que ele se acalme:

Logo chega uma carta do Sr João Carneiro falando que não conseguia com sensoer seu cum padroe, mas que tentaria no outro dia denovo. Sinha Rita acalmou o Damiao e falou que era questão de honra agora para ela, que ele se calaria de que se não fosse para o Sem. de São.

Nisso Sinha Rita fala chegou a hora de entregar os bordados, todos entregaram menos eu que ainda não tinha acabado e ja sabia que



2) (Iria acontecer, ela me xingou de tudo quanto e nome possiveis, na frente de Damiano, que parecia ser hum homem tao bom: ...)

Sinha Rita me pegou pelas orelhas, e eu emplorei pedindo por tudo que e mais sagrado pelo pai, pela mae, mas não adiantou e ela pede para Damiano:

- Sr Damiano me de a sacra faz favor...

2) (Eu pensei que ele não daria, neste instante ele paralizou e ficou sem ação)

- Dê-me a sacra Sr Damiano!

Ele chegou ate a caminha em nossa direção, então eu peço por tudo que é mais sagrado

- me ajuda senhorinho Damiano

2) (Nesse instante ele pegu a sacra e entre a Sinha Rita. Mas ele estava certo colocar tudo a perder por causa de uma simples escarada.

A06/16

Consequências da piada

Me chamo Kercia, vou contar um fato que aconteceu quando eu tinha 11 anos. Nessa época eu cozia junto de outras escravas na casa da senhora Rita, nesse dia entrei um rapaz que quase derrubou a porta, estava apavorado, não pediu a dona Rita que intercedesse por ele, e o livrasse do seminário.

A primeira resposta de dona Rita foi recusar, dizendo que não queria se intrometer nos assuntos da família, mas rapidamente o rapaz cutucou a moça no seu ponto fraco, o meu ponto fraco tinha nome e era João Carneiro que por acaso era o padrinho do rapaz, usou como pretexto o João Carneiro, ele aparentava saber que a Sinhá e João tinham alguma intimidade e que ela exercia algum poder sobre ele, isso foi o que eu pude perceber no tempo que trabalhava lá. Após vencer no "ponto fraco" de Dona Rita, ele percebeu que ela estava mais do que decidida a ganhar a sua causa.

Dona Rita mandou um escravo ir chamar o João Carneiro enquanto ele não chegava tentava acalmar o rapaz, como se ela só tivesse conseguido livrá-lo de batina! Então para descontrair o rapaz contou uma piada, nesse momento eu não me contei e aí, a piada era muito engraçada, me fez rir de si, mas dona Rita não gostou, imediatamente ela pegou a vara, então me preparei para o golpe, mas felizmente ele não veio, senão disse que terminasse logo meu trabalho se não, o castigo seria curto.

O padrinho do rapaz acabou, de chegar, não para ver o que senhora queria, ela explicou-lhe a situação. Senhor Domício dizia que não conseguia vencer seu

comprado, dona Rita insistiu, deu a ele a sua bengala e seu chapéu e mandou que fosse falar com seu compadre.

Dona Rita mandou o rapaz se acalmar e ir pantar, enquanto pantaram pediu a ele que contasse novamente a piada, que me fez rir tanto, ele ficou quieto mais logo contou a piada, xi para dentro e continuei meu serviço. Logo chegou uma carta de João Carneiro, não sei o que estava escrito, mas minha mandou para ele de volta.

Após chegar o fim do dia, ela foi olhar o nosso trabalho, a tempo foi curto, não consegui terminar, então Dona Rita veio até mim e disse:

- Ah! Malandra
- Minha! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu! Eu implorava e ela dizia.
- Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Fiz um espaço, me soltei e fugi das mãos dela, que estava dentro da casa, mas ela segurou-me.

- Anda cá
- Minha senhora me perdoa
- Não perdão, não!

Ela curvou-me pela orelha, me dilata e grita na mas nada radiante, ela pediu a vara do rapaz e logo o peso do serviço não escalado, caiu sobre minha alma.

A07/16

O caso da vovó



Meu nome é Guercia, tenho 20 anos, eu era uma das crianças de Sinha Rita, elas nos ensinava para trabalhar mais para ela vender, como e vender.

Sinha Rita era uma muito brava nós cobrava muito de todas nós, Daí veio um homem que tinha um modo de vender mais, pois sabia que não vai mais não pra ele.

Quando chegou um pedacinho de roupa e da roupa Sinha Rita, e todas as roupas que estavam vendidas em volta da loja, enquanto no tempo terminava fecho, recebeu as roupas que trabalhavam, Quando estava tudo no ele e eu muita um pouco como se fosse vindo a escola, ele contava tudo.

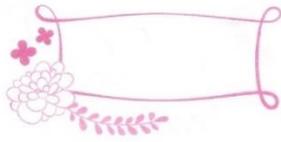
Sinha Rita resistiu ainda muito tempo, apesar de perseguir não via ele com o padrinho.

Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai, não me amava, queria que até se ninguém

Não atende? Antecorreu Sinha Rita fecho em seus braços. Que, eu lhe mostro

FORONI





use almaí, use maí.

Chamei um moleque e bradei-lhe que fosse a casa do Sr. João Carneiro chama-lo já já, e use não vstivesse em casa, pergun-tasse onde vivia use encontrada, e use use a digre-lhe que use usava muito de lhe falar imediatamente.

— Ando moleque.

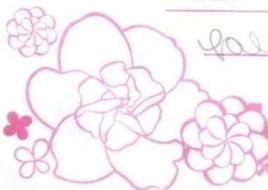
Sinha Rita para tentar alisar Domício pediu que eu contasse algumas piadas, logo ele já não estava tão triste, uma destas piadas me fez rir e logo Sinha Rita riu.

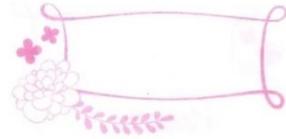
— Quicáia, olha a vaca!

Eu abaixei a cabeça esperando que ela me desse um golpe, mais o golpe não foi apenas uma ameaça.

Nisto chegou João Carneiro, logo ele viu Sr. apilhado e Sinha Rita o explicou logo estava acontecendo e ele falou que castigaria o menino por estar enchendo o saco de idus castigos, logo Sinha Rita falou.

— Que castigo de nada! vá, vá fala com esse moleque.





Logo Sr. João Carneiro vai, ma animado.

Logo já estava escrevendo e Simba Rita chamou Karmião para tomar, quando eles voltaram as apendices disseram que ia embora, Simba Rita pediu que elas fiquem para que Karmião lhe contasse uma piada a mesma piada que me fez rir. Só que ~~da~~ dessa vez eu não rí e as amigas voltaram.

Karmião foi ficando com medo que seu Pai mandassem lhe buscar e ficou preocupado talvez uma saída pelos fundos, logo ele pergunta para Simba Rita.

— Aqui não tem porta dos fundos e uma saída que eu possa usar?

Logo chega uma carta de Sr. João Carneiro, avisando que mãe conseguiu convencer seu compadre, mas que tentaria voltar a lá.

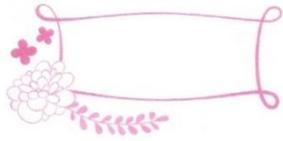
Ná mesma noite ela responde a carta falando que se seu mãe disse um jeito ele não se iriam mais.

E mandou que se escrevesse entretanto.

Logo chegou a hora de embegar os trabalhos e a única que mantinha

FORONI





Trabalho nos trabalhos. Era eu.

Ele começou até mim e me apertou
pelo uma orelha. Foi um pouco, pedi por
tudo que é mais obrigado, mas era mais
me usava e pediu que Domício lhe desse
a vara que estava do outro lado da sala,
por um momento me lembrei que ele fosse
me proteger da Sinhá Rita e depois ela saiu
de novo.

— Domício, de-me a vara faz favor?
Ele paralizou e chegou até a andar em
essa direção.

— Não me dá vara, Sr. Domício, eu sendo
a situação em que ele se encontrava,
quero.

— Minha avó meu senhorinho moço,
mas não adiantou ele pegar a vara e
dar para Sinhá Rita.



Anexo L – Redação do Aluno A08/16

A08116

O caso da Vava

Era um dia de agosto de 1949, estava sentada na sala de jantar, e de repente a porta abriu com muita força. Era Damiano que estava todo apavorado com roupa de um padre.

Simão Rita disse a Damiano o que seu pai fez aqui, Damiano todo tremendo disse que não era nada e que seria explicar tudo.

Simão Rita alheia para gente que estava sentada na sala toda espantada, ela ordenou que nos trabalhos fossem.

Ela não queria ajudar Damiano, pois não queria se meter em negócios de sua família que não conhecia. Mas ele pediu pelo amor de Deus que lhe ajudassem.

Simão Rita perguntou a ele, porque ele não ia até seu padrinho, e ele disse que não, pois seu padrinho era pior que seu pai.

Simão Rita tinha quarenta anos na cerimônia de Batismo e vinte e sete na alho, ela era apressada, risonha, patética, amiga de ris, mas também quando corria, brava como o diabo.

Ela contava piada para Damiano que estava tão triste e me fez rir com sua piada, e ela toda brava me dizia que eu tinha

PanAmericana

esquecido do meu trabalho, Simão Rita pegou
uma vara que estaca ao pé da margem e
me amareçou dizendo alho a vara.

Eu abalancei a cabeça, escapando o golpe, mas
o golpe não pegou, disse para mim que se
a tarefa não estivesse pronta eu iria
receber um castigo do cartum.

Eu era uma negrinha, magriçola, um
pangalho de nada, com uma cicatriz na
teta e uma queimadura na mão esquerda,
tinha onze anos.

Damião teve pena de mim e quis me
ajudar e eu não conseguirei acabar
minhas tarefas.

João Carneiro queria castigar Damião, e Simão
Rita disse, castigar por quem? Se o Senhas
quiser, continuar ele com tudo tão insinuativo,
tudo que ho- de se arranjar. Fala para o Senhas
João Carneiro, que o apêlido dele não iria
mas voltar para o seminário.

João Carneiro não se animava a sair,
e nem podia ficar, estava entre um puxa
de pernas abertas.

Todas as tardes iam vizinhas tomar café
com Simão Rita e ficavam até a noite.

Damião recebeu uma carta, quando ele
acabou de ler a carta, ele abriu para
Simão Rita espantado. Simão Rita escreveu
na própria carta a sua resposta "Joãozinho

/ /

eu "você sabia a moça eu nunca mais na
semana" e mandou um outro escorço que
desa serem depressa.

O tempo foi se passando e Simba Rita
disse que foi sentada na banc de recalhar
os trabalhos, examinou-a, todos os discípulos
tinham acabado, menos eu. Fiquei muito furiosa
e agarrar na minha orelha. Pedi pelo amor
de Deus que me saltar, fiz um espaço
e consegui saltar da mão dela e fui para
dentro, mas ela me pegou, pedi perdão e
ela não quis me perdoar.

Perguntou onde estava a vara, a vara
estava à cabeceira da margem, do outro
lado do sala, pedi para o Sr. Danião pegar
a vara.

Pedi à ele por tudo o que aconteceu mais
sagrado, pela mãe, pelo pai, por Deus Simba,
me ajuda sembar mapa.

Mas Danião pegou no vara e entregou a
Simba Rita, e Simba Rita me bateu com
a vara. E ao passar do tempo fiquei
feliz pois Danião conseguiu o que eu }
tanto queria, sair da semi-nóvia. } 3

A09/16

STQ QESD

Um dia Inesquecível

Olá meu nome é Lucrecia tenho 11 anos e sou escritora desde de pequena, meus pais também não escrevem, meu pai morreu quando eu tinha 5 anos de idade, e aos 7 anos fui separada de minha mãe, fui trabalhar na casa de uma senhora muito brava, chamada Rita na casa dela trabalhava eu e umas outras escritoras. A gente trabalhava o dia todo com renda, crivo e bordado e de noite quem não tivesse acabado recebia chicetada.

Em um certo dia um moço invadiu a casa de Sinhá Rita, deramos um susto. Sinhá Rita o conhecia, parecia que ele estava a fugir de alguém ou de algum lugar. Sinhá Rita pediu que ele se sentasse, calmasse e explique o que estava acontecendo. Não tinha prestado muita atenção, mais o pouco que escutei, percebi que ele estava a fugir do seminário e queria que Sinhá Rita o ajudasse, a convencer o seu padrinho a conversar e convencer seu pai de tiralo de lá.

No mesmo dia o moço contou uma piada engraçada, que me fez rir, que me esqueci do trabalho, para ouvir o moço. Sinhá Rita pegou a vara que estava ao pé da marquês e me ameaçou:

— Lucrecia olha a vara.

Eu abracei minha cabeça, com medo, que ela me da Tiro, mas ela não fez nada. E disse:

— Lucrecia se azeitinha, sua tarefa não estiver pronta, tu receberá o castigo de costume.

Nisso chegou um senhor chamado João Carneiro, mais aquele foi só, mais vezes na casa de Sinhá Rita. Ele parecia que gostava dela viria a visitar ela.

Quando o senhor viu o afilhado ficou pálido, e olhou para Sinhá Rita, que foi direto ao assunto. Disse que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesiástica. O senhor ficou bravo disse que o moço não tinha que ir atrapalhar pessoas estranhas e disse que ele receberia um castigo. Sinhá Rita não gostou e falou castigar qual nada! Castigar por quê? Já vá falar a seu compadre.

Ele foi mais não garantiu nada a ela. Sinhá Rita ameaçou o senhor dizendo que se ele não baixasse do seminário o menino não voltava a casa. Depois o moço sentou-se na sala e cantou outra piada só que desta vez não ri, queria mais me segurei e continuei a fazer meu trabalho. Percebi que ele estava triste toda a hora ia espiar pela retícula, e voltava cada vez mais desanimado. Não tinha nenhuma lembrança de seu padrinho.

No amanhecer apareceu um escravo de seu padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. Na carta dizia que o pai tinha ficado furioso e que bradou que não, senhor que ele havia de ir ao seminário, ou então metia-o no Aljube o João Carneiro que era o senhor padrinho do moço lutou muito para conseguir que o compadre não se desviasse logo, que dormisse a noite, e meditasse e que amanhã voltaria a ver o homem, e tentaria de novo.

Sinhá Rita, respondeu na mesma carta para João e ele salvava o moço ou nunca mais eles se viao. E disse a ele que se segurasse, que aquele negócio agora era dela. Não de ver para quanto presto! disse Sinhá Rita. Não, que ela não era de brincadeira.

Era hora de recolher os trabalhos Sinhá Rita e como nem os todos os discípulos tinham concluido a tarefa e eu ainda estava a almoçada manejando os livros, foi sem ver, Sinhá Rita chegou a mim e viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e me agarrou na orelha.

- Ah! Malandra!

- Nhamã, nhamã! pelo nome de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

- Malandra! Nossa Senhora não protege nada!

Eu, tentei me salvar, fiz um esforço consegui me soltar e fugi para dentro, a senhora veio atrás e me agarrou.

- Anda cá!

- Minha senhora me perdê!

- Onde está a vara.

- Sr. Domício dê-me a vara faz favor?

Domício chegou a caminhar na direção da marquês. Eu pedindo por tudo que é mais sagrado pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor.

- Me ajuda, meu senhor moço!

Sinhá Rita, com a cura em feje e os olhos esbugalhados, estava a pegar a vara sem me largar.

Domício chegou a marquesa, pegou a carta e entregou a Sinhá Rita. Quando Sinhá Rita ia a me bater chamaram a porta ela fez abrir e disse que eu não iria me livrar, fez abrir a porta era os pais e o padrinho de Domício entraram e foram conversar com ele para saber o que a moço quer da vida ele disse:

3 - Posso ser tudo o que o senhor quiser menos Padre pois não tenho vocação nenhuma.

- Então está bem meu filho vou te tirar do seminário e conversarmos melhor ao chegar em casa.

3 Domício agradeceu a Sinhá Rita por ter ajudado e que ela não me castigasse que a culpa de eu ter me atrasado era dele e que ele tinha se prometido que se eu não terminasse ele iria me ajudar só que ele tinha ficado com medo de não o ajudar por isso ficou quieto mais agora que ela o ajudou ele queria me ajudar.

Mas Sinhá Rita disse que a culpa era minha e que eu não deveria ter parado meu serviço para curar nada. Ai Domício disse:

- Que se eu apanhasse ele iria proibir que meu padrinho a visitasse.

Sinhá Rita ficou muito pensativa, e disse que tudo bem que a moço poderia me ajudar e que isso não iria se repetir que da próxima vez eu não me escaparia.

E passamos a noite trabalhando e vindo das pedras que o moço cantava com isso acabamos rápido e Sinhá Rita gostou de nosso trabalho e que o moço tinha feito para venda, ele foi para sua casa eu também e assim terminou meu dia de trabalho.

Meu dia poderia acabar em choro mas por conta da bondade do moço Domício acabou em risos. Depois disso o tempo passou e Sinhá Rita nunca mais na hora pegou, para chatear ninguém.

Meu nome é Lucrecia e esse foi um dia inesquecível que resolvi escrever.

A10/16

D S T Q Q S S

O Caso da vara

Meu nome é Lucrécia e, antes da época da abolição dos escravos eu era uma escrava de uma senhora, que me ensinava a fazer renda em almofadas e outros tecidos.

Eu hoje, sou livre e, mesmo estando velha, me contou sobre a época em que eu trabalhava para a senhora Sinhá Rita e sobre um dia em que mais uma cicatriz veio a mim.

As meus onze anos de idade, trabalhando para Sinhá em sua casa, além de mim haviam mais escravos e fazíamos trabalho de renda e, se não acabassemos de fazê-los até o anoitecer, ela pegava a vara e nos batia. Eu era magrinha, tinha cicatrizes inclusive em minha testa, por causa das pancadas da vara, que já havia deixado, e Tossia muito devido a uma alergia.

Dia após dia, trabalhando nas costuras, sendo visitas vindo e indo de sua casa, como suas vizinhas que iam lá toda tarde para tomar café e só iam embora à noite. Também haviam visitas de um homem chamado João Carneiro, com quem Sinhá Rita tinha um certo romance.

Em um dia normal, devia ser no mês de agosto de 1848, ocorreu algo inesperado: de repente entrou um homem com roupa de padre, empunhando a pata desesperado. Sinhá deu um grito assustado enquanto o homem caía no chão no mesmo instante.

2 { Apostado também fiquei, mas não demonstrei nenhum momento.

O homem se chamava Damiano e era conhecido de Sinhá. estava lá para pedir ajuda à ela. Ele tinha acabado de fugir do seminário e estava implorando para ela ajudá-lo, chegou até a se ajoelhar e beijar suas mãos. Mesmo assim, Sinhá disse que não ajudaria, que não era problema dela e que não se enveraria nisso. Mas Damiano foi esperto e disse para ela falar com João Carneiro, que era o padrinho dele, para convencer seu pai de aceitar a situação. Por um instante ela disse não e, neste momento, Damiano disse à ela que ela não seria capaz de falar e convencê-lo e fazer isso. Ela, na hora, sentindo aquele ar de que foi "desafiada", disse que iria ajudá-lo.

2 { Depois disse, se outro homem chegar à casa, era João Carneiro que Sinhá havia chamado. Disse para ele ir à casa do pai de Damiano e tentar convencê-lo. Carneiro ficou surpreso com a situação e nervoso também, pois teria de falar com o pai.

Sinhá então disse para Carneiro que Damiano não tinha reação para ser padre e que foi até bom ele ter fugido.

João, mesmo ainda meio nervoso, foi falar com o pai e tentar convencê-lo, como Sinhá tinha dito.

Então, depois, Sinhá disse para Damiano se

acalmar, e ficaram conversando.

Entre as conversas e piadas de Sinhá e Damiano, em um instante parei meu trabalho para prestar atencao em uma que Damiano estava contando. Eu nao me contive e ri. Entao Sinhá olhou para mim e me ameaçou dizendo:

- Lucrécia, olha a cara!

Rapidamente, vi a situacao, engoli seco e continuei meu trabalho. Sinhá ainda disse que se eu nao acabasse o trabalho naquele dia iria pegar a vara.

Mais tarde, as senhoras da senhora vieram fazer uma visita, como de costume. Durante as conversas, Sinhá pediu para Damiano contar a tal piada cuja me fizera rir. Mas desta vez, nao dei nenhum riso sequer.

A noite caiu, as senhoras foram embora e, pelo que vi, Damiano estava desesperado, pois nao tinha nenhuma noticia de Joao Carneiro. Chegou até a perguntar para Sinhá se na casa havia saída pelos fundos para que pudesse fugir.

Um tempo depois, chegou um escravo do padrinho com uma carta para Sinhá. Ela nao leu em voz alta, apenas escreveu uma resposta e devolveu a carta ao escravo, que saiu para entregá-la.

Logo um tempo depois, Sinhá começou a recolher nossos trabalhos de renda. Fiquei nervosa com a situacao, pois nao havia acabado o meu. Quando chegou a vez do meu trabalho ser recolhido, ela viu que nao tinha acabado,

me agarrar pela orelha e disse:

- Ah, Malandra!

Comecei a chorar pedindo para que não me batesse e me largasse, tentei fugir das mãos dela, saltando minha orelha. Coni dela neste momento, mas ela acabou me espanhando novamente.

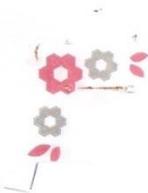
- Damiano! Pegue essa vara na cabana da marquesa!, exclamou Sinhá para Damiano.

Gritei para ele, chorando, para não a entregar a vara.

Mas, mesmo assim, Damiano a entregou às mãos de Sinhá.

(Naquela noite, acabei ganhando mais uma cicatriz e canequinho até hoje em minha pele.

Anexo O – Redação do Aluno A11/16



A11/16

Me chamo Lucrecia, quando tinha 11 anos tra-
balhava como escrava na casa de Sinhá Rita. Me
lembro como se fosse hoje que em uma sexta-
-feira de agosto de 1946 adentrei pela porta um
homem apressado e assustado, de estava com seu
pai de padre, seu nome era Damiano teve vontade
de levantar e lhe oferecer um copo de água
com açúcar para se acalmar mas se fizesse
isso apANHARIA então continuei sentada no meu
lugar, á costurar, como estava na sala aca-
bei ouvindo toda a conversa, pelo que eu en-
tendi Damiano não queria ser padre e queria a
ajuda de Sinhá Rita para conhecer seu pai-
rinho a ir falar com seu pai para ele deixar
Damiano a sair do seminário mas Sinhá não
queria, ela disse que aquilo era assunto de família
e ela não deveria se meter, até tentou convencer
a Damiano de que a vida de padre poderia ser boa
mas Damiano parecia estar bem decidido do que
queria, ele depois de perceber que não conseguiria
vê-lo gelhou-se e beijou-lhe as mãos, Damiano
até ameaçou a se matar, depois de Damiano muito
insistiu Sinhá acabou cedendo, pediu que
um escravo fosse chamar João Carmo,
padrinho do menino.

Sinhá Rita tinha uma aparência
jovem mas tinha quarenta anos. Sinhá
era uma pessoa viva e alegre mas quando
convinha era brava que só ela. Depois de

tilibra





pouco tempo os dois já estavam contando piadas um para o outro, uma dessas piadas me chamou a atenção achei engraçada e não consegui segurar e disse mas Sinhá Rita começou a me bater com o modo me encolhi mas a chilatada não veio mas se a costura não tivesse pronta eu sabia que iria ganhar mais uma escatiza, naquele dia estava passando mal e tossindo. Depois disso comecei a me concentrar no meu trabalho mais percebi que o pedrinho do Damiano chegou, e quando o senhor João Carneiro tentou negar o pedido de Sinhá mas Sinhá Rita sabe ser bem convincente quando quer, ela começou a murmurar mais falar com o senhor João Carneiro caso ele não conseguisse começar seu comércio a deixar o menino sair do seminário. Eu sempre desconfiei que Sinhá tinha um caso com o senhor João Carneiro mas nunca descobri. Sinhá por fim cansada de esperar a decisão do senhor João Carneiro lhe deu a bengala e o chapéu e ordenou que fosse, ele foi contrariado mais foi.

Depois disso comecei a voltar a costurar, e quando as amigas de Sinhá chegaram, elas vieram tomar café da tarde todos os dias com Sinhá. Uma das amigas de Sinhá tocou uma madrinha, ao som da guitarra, Damiano também contou a mesma piada de mais cedo, a pedido de Sinhá, mas dessa vez eu estava concentrada de mais para achar graça, mas as vizinhas riram. Depois que as amigas foram embora Damiano não saiu da ja



tilibra



mas ficou para lá e para cá, até perguntou a Sinhá Rita se não teria como fugir com o pai dele viçoso e buscar, perguntou até se não teria uma soupa que de poderia chamar muita atenção, Sinhá respondeu ainda que sim tinha uma soupa do galici do marido mas não seria necessário pois tudo iria se jogar.

Sinhá recebeu uma carta do padrinho do mesmo falando que nada tinha se resolvido, pois o compadre ficou furioso, temo quase certeza que o senhor João Carneiro ficou com medo da ameaça de Sinhá e por isso tratou de acalmar logo o seu compadre, Sinhá escreveu algo naquela carta mas não sei o que é mas suspeito que estava reagindo sua ameaça.

Sinhá chegou a hora de recolher os trabalhos e ainda não tinha acabado o meu, estava com medo de apertar, todos já tinham acabado menos eu, sabia que seria castigada. Sinhá quando chegou perto de mim me pegou pela orelha, sabia que apertaria e não seria pouco, era sempre assim quando não pagamos o que era pedido apertamos e muito nos damos de lá toda marcada e nem uma das outras discípulas podia intervir pois se digesse isso também seria castigada e talvez até mais do que esta.

Consegui me saltar do meu aperto mas logo Sinhá agarrou minha orelha de novo, me disse que tirasse piedade de mim mas meu pedido não foi atendido pelo contrário como Sinhá estava longe da hora pediu

tilibra





para que Damiano a pegasse, tambem o pedi para que tivesse do de mim e não dare a cara mas de deu. Por causa do choro estava tossindo um da mais porém Simha não teve do de mim, Simha me levou para um comado da casa e ali apamhei.

Logo correio 3 cicatasas comigo, uma delas me tocou de uma das vezes que Simha me levou, outra uma queimadura na mão esquerda e a 3 deste dia, de um dos dias em que mais apamhei. Não tive mais notícias de Damiano não sei se conseguiu sair do seminario ou se foi obrigado a virar padre mas eu imagino que de não tenha virado padre pois Simha Rita estava tão determinada a ajudar o menino que imagino que tenha conseguido, naquela noite dormi chorando pois estava dando muito no outro dia acordei toda sozinha.



A12/16

Meu nome é Lucrecia, eu era um escravo de apenas onze anos que trabalhava na casa de Rita.

Minha aparência na época era de um escravo frágil, magricela, marcada por uma cicatriz e uma queimadura que queimei aos 3 anos de idade, tímida eu via e parecia para dentures. vítima da vontade da patroa.

Eu trabalhava na casa de Simão Rita uma viúva, quarenta anos com olhos de vinte e sete, apressada, viva, patética, mas quando cominha era brava e firme como o diabo. Impunha castigos a suas escravas, assim como eu.

Eu ficava dali assistindo tudo e descobri que Domício um jovem muito medroso fugiu do seminário por não querer seguir a carreira religiosa imposta pelo pai.

Depois dele foi executado a sua memória lembrando-se de amigos e parentes, sem causa

de Simão Rita (minha patroa),
única capaz de convencer o
seu padrinho a interceder
em seu favor com seu pai.

Eu estava lá na sala quando
de seguida chega o Domí-
nião na casa de Rita.

Assustada, a viúva rece-
beu-lhe tentando acalmá-lo.
Enquanto Domínião explicava a
situação, todos os olhos
assim como eu, de dentro de
casa e de fora, em volta da
escola, diante de suas alme-
fadas de renda, fizeram
parear os bocados em mãos.

O jovem contava todo o des-
gosto que lhe dava o semi-
márcio e implorava que Rita
ajudasse em prol de sua
salvação. ¹ Pali sentada eu
² pode perceber que a viúva
tenta se esquivar alegan-
do não se meter em "nego-
cios de família que mal conhece."
³ Ainda mais ⁴ se utocando
do pai do menino, forroso
pelo casamento. Desespe-
rado, Domínião ajoelha-se

e afirma-lhe que é a única possuidora de fixameza para salvá-lo. Dissimulada com as duplicas do meco, Simão Rita questionou-lhe por que não havia falado diretamente com o seu padrinho: "Meu padrinho? Este é ainda pior que meu pai, não me atende e nunca dá ouvido a ninguém." "Não atende? Sim interrompeu Rita, ferido em seus brios de orgulho - Ora, eu lhe mostro se não atende!" Chamou um moleque servicial e mandou-lhe chamar imediatamente João Carneiro. Para aliviar a tensão de ambos, começaram a contar anedotas, quando neste instante Simão Rita me pegou vindo, interrompendo meu booteado para murmurar o meco: "Suorécia, olha a vava amecidou-me Rita, afirmando que se o meu teu balho não estiver concluído até de noite eu sofreria o castigo." Percebi que Domício comentou com a fragilidade e a comhamen

2 Rita prometeu a si mesma
me aproximar, o creditava
assim, que esse caso preci-
sasse, Rita não queria per-
dê-lo, por que, além disso, eu
era de uma piada de bô e eu não
tinha culpa.

Depois da reflexão, atordo-
ado pelas ordens da viúva, o
padrinho vai ao encontro
do compadre. Por isso esteve
mesmo alegre na janta, não
confiava no caráter mole do
padrinho parecia. Cinco vizinhos
chegaram para tomar café
com a dona da casa. Simão
Rita pediu ao jovem para
repetir a piada do mamão,
da qual tinha gostado mu-
to, a mesma que ele tinha
me contado e feito eu desvir-
tuar-me do serviço. Mesmo
tentando se esquivar ele pare-
ce que se sentiu na obriga-
ção de contar; teve sucesso entre
as amigas, por em dessa
vez eu não vi, eu só tive a
revelação de ver por dentro
por estar com medo do

castigo.

Chegou a noite e na hora de recolher as Uva-banhadas só eu que não havia finalizado a bebida, Rita furiosa, agarrou-me pelas orelhas e disse: "oh, malandrea, quem nessa vontade protege vacarias, onde está a vara?" Senhor Domício, dê-me aquela vara, por favor!" Domício parecia ter ficado frio naquele exel umestante, pois ele havia jurado me ajudar e eu então implorei pela ajuda do jovem. Percebi que ele tinha sentido pena, contudo ele precisava absolutamente da ajuda de Simão Rita: pegou a vara e entregou à viúva.

A13/16

O caso da vara

Meu nome é Luíccia, tenho 11 anos e sou escrava de uma senhora viúva, Sinhá Rita. Em um dia normal, eu estava na sala fazendo meu serviço quando entrou um homem assustado pela porta. Sinhá Rita se espantou mas depois de alguns momentos reconheceu o rapaz e ~~disse~~ pediu para ele explicar o que estava fazendo ali, o rapaz a disse que não estava fugindo de nenhum crime e ela olhou para ele assustada.

Sinhá Rita me ensinava a fazer renda e bordados enquanto o rapaz se acalmava, e ela só me ordenava a trabalhar. Então o rapaz explicou a ela sua situação e pediu que ela o ajudasse, ela disse que não podia fazer nada mas o rapaz insistiu e ela o perguntou sobre seu patrimônio e o disse que a vida dele era bela e que ele tinha que empurrar as dificuldades do dia a dia.

Então Sinhá Rita pediu que chamassem João Carneiro, pois ela mandava que ele ajudasse o rapaz, e eu observava a cena que acontecia ali.

Enquanto João Carneiro não chegava, o rapaz mais tranquilo começou a contar piadas, e uma delas me fez rir e logo Sinhá Rita me alertou para que eu não rísse, se não eu iria ter meu castigo com uma vara.

Eu logo abaixei a cabeça e voltei ao serviço, pois se caso eu não desistisse até amedrecer receberia o castigo da vara. O rapaz me observou por



algumas instantes e reparou que eu tinha cicatrizes e algumas marcas, então resolveu me apadrinhar, se caso eu não terminasse o trabalho.

João Carmeiro então chegou a sala e Simha Rita explicou a ele o que estava acontecendo, ele queria castigar o rapaz, mas Simha Rita ordenou que ele o ajudasse e o apadrinhasse.

Com seu saiam e mais amate, jantavam no outro dia receberam algumas visitas, era um grupo de cinco mulheres que iam toda tarde tomar café com Simha Rita e ali ficavam até amoitarem, elas conversavam, tricotavam e cantavam até tarde, então Simha Rita pediu ao rapaz que contasse novamente alguma piada e que contasse logo pois as maçãs já estavam indo embora, e ele contou a que eu tinha achado graças anteriormente.

Amoitaram e as maçãs foram embora, o rapaz me parecia ansioso e meio assustado esperando resposta do patrão. Então ele viu seu pai indo à polícia e pedindo ajuda para leva-lo de volta para sua casa e então perguntou a Simha Rita se a casa dela havia fundos para ele fugir sem ser visto ou se poderia se abrigar na casa de um de seus vizinhos, pois o muro era bem alto.

Ele ainda estava com a roupa que havia fugido, então pediu a Simha Rita que ela lhe trouxesse outra roupa qualquer ou alguma peça de João Carmeiro, então ela deu a ele uma roupa de seu falecido marido.

Então, apareceu um escravo com uma caneta,



e entregou para vizinha Rita que levou a carta junto com o sapato que ao terminar de ler, olhou um para o outro.

Vizinha Rita então decidiu responder a carta, chamou um pedaço de papel e começou a escrever, terminando, leu em voz alta a carta que escreveu com toda intimidade a João Carneiro, fechou a carta e a devolveu para o escravo.

Voltando a conversa com o sapato, vizinha Rita disse que ele assegurasse que ela resolveria todos aqueles problemas, que todos viriam ver que ela não estava ~~de~~ de brincadeira.

Já estava bem tarde, era hora de entregar mensagens, vizinha Rita veio se aproximando e observando os trabalhos das meninas que estavam antes de mim. Eu não havia terminado, ainda estava a fazer a almofada, mamando os bicos, quando ela chegou próxima de mim viu que eu não tinha terminado ficou furiosa e puxou a minha orelha dizendo:

- AHI MAIANDRA!

Eu pedi a ela pelo amor de Deus e por nossa Senhora dos céus. Então ela me disse:

- MAIANDRA! MOSSA SEMHORA NÃO PROTEGE VADIAS!

Fiz um esforço e escapei das mãos de vizinha Rita e fugi para dentro de um quarto, ela poi 3
outras me agarrou e disse:

- AMDE CÁ!

Eu pedi para que ela me perdoasse e ela disse que não me perdoaria. E entrando a sala eu estava chorando me debatendo e implorando; Ela dizendo que não aceitaria meu perdão e que me castigaria.



Então ela perguntou onde estava a vara. A vara estava encostada do outro lado da sala, ela não querendo me soltar chamou o viapaz e disse:

- SR. DAMIÃO, dá-me aquela vara, faz favor?

2) O viapaz então parou por alguns instantes, achou que ele estava pensando que prometeu me apadrinhar e agora está me entregando ao castigo severo. Ele então se distraiu e movimente viu Simbá Rita lhe pediu que pegasse a vara, e então ele começou a caminhar em direção a marquessa onde a vara estava encostada e eu lhe pedia por tudo o que tivesse mas ninguém dizia:

- Me ajuda, meu vizinho moço!

Simbá Rita estava já com a cara fechada esperando pela vara e não me largava. Damiano precisava se abrigar pois estava sem rumo e sem moradia e se não obedecesse a ela, ele seria expulso dali, então ele se aproximou da marquessa pegou a vara e entregou a Simbá Rita.

A14116

O caso da Vara

Meu nome é Lucrecia, vou contar uma coisa que me aconteceu em 1949, quando eu tinha onze anos, tudo começou em uma sexta-feira de agosto.

Era começo de tarde, eu e as outras crias estávamos fazendo almofadas de renda na sala da casa de Sinhá Rita, onde trabalhávamos como escravas.

De repente entra um homem pela porta da sala, vestido de padre, apressado e assustado. Dona Rita mais que depressa o reconheceu, seu nome era Damião, ele começou a se explicar e Sinhá Rita ordenou que continuássemos o trabalho, mas mesmo assim eu continuei prestando atenção na conversa dos dois.

Pelo o que eu entendi, Damião tinha fugido do seminário, porque na verdade ele não gostava muito da idéia de ser padre e achava que não seria um bom padre, pediu à Sinhá Rita que lhe ajudasse, Porém Dona Rita negou ajuda e disse que não queria se meter nos assuntos da família de Damião, que dizia ela não conhece-los direito.

Damião se ajoelhou, beijou as mãos de Sinhá Rita e implorou por sua ajuda, percebi que Dona Rita ficou lisongeiada com todo aquele pedido, mas tentou convence-lo de que a vida de padre não seria tão ruim quanto parecia, mas Damião

não se convenceu e mais uma vez implorou para que Sinhá Rita lhe salvasse.

Sinhá Rita sugeriu que Damião fosse conversar com seu padrinho, João Carneiro, porém Damião hesitou e disse que seu padrinho era pior que seu pai, não atendia ninguém.

Dona Rita pareceu se sentir desafiada e disse que lhe mostraria se João Carneiro responderia ou não, e na mesma hora pediu a um escravo que fosse chamar João Carneiro, Damião parecia triste e preocupado, então Sinhá Rita tentou acalmá-lo.

Eu sempre desconfiei de que Sinhá Rita tinha um caso com João Carneiro, Dona Rita era amiga de rir, mas quando lhe convinha era brava que só. Damião contou uma piada e eu como estava prestando atenção, não tive como conter o riso, Sinhá Rita me ameaçou dizendo:

— Lucrécia, olha a vara!

Eu abaixei a cabeça esperando que ela me batesse, mas ela não bateu, quando levantei minha cabeça Damião olhava para mim com olhar de pena, nisso chegou João Carneiro que ficou pálido quando viu seu afilhado ali e Sinhá Rita não perdeu tempo, logo disse que Damião tinha que sair do seminário, e disse mais:

— Antes um padre de menos, que um padre ruim.

João carneiro contrariou Sinhá Rita e chamou atenção de Damião por ter incomodado

"pessoas estranhas", e ainda disse a Damião que o castigaria.

Dona Rita não concordou e insistiu que João Carneiro fosse conversar com João de Damião. Depois disso, não prestei mais tanta atenção, pois João Carneiro tinha ido conversar com o pai de Damião e então chegaram umas vizinhas de Sinhá Rita que iam todos as tardes para o café e só voltavam para casa à noite.

Conversaram bastante, e uma delas até cantou. Já no final da tarde quando elas iam embora Sinhá Rita pediu que Damião lhes contasse a mesma piada que me fez rir mais cedo, todos riram e eu mesmo querendo não demonstrei que achei graça, estava preocupada em acabar minha tarefa, que já estava atrasada.

Damião estava nervoso, andava de um lado para o outro à espera da resposta de João Carneiro, mais tarde chegou um dos escravos de João Carneiro, trazia uma carta, que eu não sei o que estava escrito, mas coisa boa não era.

Sinhá Rita mandou uma resposta para João Carneiro, depois disse a Damião que não se preocupasse pois aquele negócio agora era dela.

Na hora de recolher as tarefas prontas, todas tinham terminado, menos eu, Sinhá Rita ficou furiosa, me puxou pela orelha, eu tentei fugir, mas ela me puxou de volta para a sala e pediu que Damião pegasse a vara para ela, eu implorei por tudo que

era mais sagrado para que ele não entregasse, ele parou por um instante, neste momento eu comecei a tossir sem parar de certo modo que perdi o ar, quando Damião entregou a vara para Sinhá Rita eu já não respirava mais, foi quando eu acordei no meio de almofadas de renda e me dei conta de que tudo não passava de um sonho e eu havia dormido enquanto fazia renda.

Sinhá Rita percebeu que eu tinha dormido e atrasei com minha tarefa e me castigou severamente, me batendo com a vara.

P E T R O O S S

21/09/17

A01/17

Confiança é algo raro.

Eu vejo tudo o que acontecia naquela casa de Sinhá Rita, trabalhei lá desde que meu marido faleceu. Sophia muito naquela casa, todo dia tinha que guardar minha linda voz sem poder falar qualquer "a" se quer, pior ainda tinha que aturar Sinhá Rita aquela chata falando na minha cabeça, "Lucrécia faz isso e faz aquilo", dava vontade de fugir e ser livre como Damião. Ele era um homem lindo parecia até um príncipe mas seu pai queria que ele virasse padre mas ele não queria de jeito nenhum. Lembro o dia em que ele chegou na casa da Sinhá Rita desesperado querendo nunca mais voltar ao seminário, reclamando que lá era muito exigente e que ele não aguentava tanto compromisso para ele tão jovem, ele estava tão desesperado que quando Sinhá Rita pediu ajuda ele até beijou os pés delas, depois ele convenceu ela que o seminário não era lugar para ele, mesmo assim ela continuou retrucando e falando que a vida de padre era tão bonita, ela prometeu ajuda-lo mas não tinha o que fazer e resolveu mandar chamar João Carneiro, padrinho de Damião e compadre do pai de Damião. Enquanto isso Sinhá Rita perguntou algumas curiosidades do seminário e ele contou cada história e eu ouvindo sem lembrar do meu trabalho.

de repente voltei uma risada com uma história de Damiano, foi uma risada meio que sem querer, no momento em que Sinha Rita ouviu minha risada, veio ela me ameaçando com a vara, apesar que dessa vez ela apenas ameaçou e eu limpando a varada de calça baixa, nesse momento vi Damiano me olhando sem mesmo olhar eu sabia que ele tava me olhando, apesar que não era com os olhos que eu queria, era um olhar de compaixão, parecia até que ele via meus sofrimentos e via que eu uma negrinha magricela de 11 anos, não aguentava tanto trabalho que Sinha Rita exigia, ele viu também minhas marcas de sofrimentos, daí eu percebi que ele poderia me ajudar e me tirar daquela vara que eu tanto sofria, com aquele olhar de compaixão eu via meus problemas e meus sofrimentos quase eterno se resolvendo, mas também eu podia ter criado muitas expectativas antes mesmo de trocar qualquer palavra com Damiano. Neste, chegou João Carneiro, Damiano ficou um pouco amustado com a ação que seu padrinho podia fazer, mas Sinha Rita falou logo e pediu o favor com João Carneiro ele de falar com seu compadre, se ele não fosse falar com seu compadre iria perder muito com Sinha Rita, então ele foi falar com o pai de Damiano mas não prometeu que ia conseguir fazer - lo mudar de religião onde Damiano deixaria o seminário. Sinha Rita e Damiano continuaram a conversa e eu fazendo meu trabalho, chegava a esquecer quando um amigo meu apareceu, trouxe do padrinho de Damiano com uma carta para Sinha Rita. O negócio ainda não estava composto; o pai ficou furioso e quis que leram

D S T Q Q S S

1 1

tudo; bradou que não, senhor que o peralta havia de ir para o seminário, eu então meti-o no Aljube ou na prisanga. Damiano acabou de ler a carta e ficou desesperado querendo minha volta ao seminário. Chegou a noite e eu não tinha acabado a tarefa, Sinhá Rita ficou furiosa e queria me bater, pedi pelo amor de Deus para ela não me bater, mesmo assim ela continuou a tentar, dai eu corri para dentro e ela veio atrás de mim e me agarrou, continuei a pedir perdão mas ela não aceitava de jeito nenhum, ela me segurando e eu fazendo força para ela me soltar, chorando e pedindo perdão, dai começou a procurar a vara que não estava por perto, ela pediu a vara a Sr. Damiano que ficou um pouco indelicado porque eu pedia por favor para ele me ajudar, Sinhá Rita morreu pedindo a vara. Sr. Damiano com os olhos cheios de compaixão mas ele precisava tanto ir ao seminário, eu entendi o ato dele.



A02/17

O caso escrava

Meu nome é Lucrecia, tenho 33 anos e trabalho na casa de Sinhá Rita. Junto com minhas companheiras, aprendi com minha dona a fazer renda, e é na sala de sua casa que trabalho todos os dias.

Aliás, aqui vi uma nota sobre trabalhar como escrava: não fale, não converse, não pare de trabalhar, não reclame. Apenas faça seu serviço. Caso não faça, terá suas consequências.

Como qualquer outro dia, amanheceu, e começou a sexta-feira. Arrudei, me aprontei e fui para sala junto com minhas companheiras. Lembro que nesse dia, Sinhá Rita recebeu a visita do padre. Conversaram por muito tempo, e entretidos com a conversa, não ouviram o barulho na porta. Observei de forma discreta mas não reconheci quem era. Voltei ao trabalho pois não podia me distrair.

Concentrada, assim como todos na casa, levei um susto assim que um menino apavorado entrou na casa, ansioso para falar com Sinhá Rita. Depois de um tempo percebi que era Damião, afilhado de João Carneiro. O mesmo, frequentemente estava na casa de Sinhá Rita.

Mesmo sabendo que não podia, prestei atenção na conversa. Damião estava aflito, pois seu padrinho havia o colocado em um seminário, o qual Damião estava detestando e doído para sair. Pediu ajuda a Sinhá Rita para que o salvasse:

- Como assim? Não posso.

- Pode, querendo.

Ela continuou negando, e perguntou porque não falou, ele mesmo, com





STQ@SD

o padrinho Damião se justificou dizendo que esse não atendia a ninguém.

- Não atende? interrompeu Sinhá Rita. Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

"Com certeza, deve obedecer à Sinhá Rita. Frequenta esta casa, e não é em vão", pensei comigo mesma.

No final da discussão, Sinhá Rita acabou mandando um escravo até João Carneiro, chamando-o até sua casa. Assim que o moleque saiu, Sinhá Rita e Damião se enterteram em uma conversa. Rapidamente e intencionalmente parei para observar Damião. Como era bonito e aparentemente, homem de bom coração.

Maldito momento em que me distraí com Damião. Acabei deixando meu serviço e, prestando atenção na conversa, quando ouvi a piada de Damião e não contive o riso, acabei chamando atenção de minha dona, que muito brava por ter largado meu serviço, brigou comigo:

- Lucrecia, olha a vara!

Toda vez que levava bronca, me enfurecia, porém como criada não podia me manifestar. Engoli a raiva, abaixei a cabeça e mesmo sem Sinhá Rita falar, sabia que se não terminasse o serviço até de noite, o castigo viria.

Depois de um tempo, João Carneiro chegou. Assim como todos os dias em que ele vinha à casa de Sinhá Rita, pude perceber o brilho nos olhos de ambas as partes.

A discussão foi longa até que João Carneiro se viu entre a cruz e a espada, quando Sinhá Rita mandou que fosse falar com o pai de Damião. Pude ver o conflito interno de João Carneiro em seus olhos, mas ele sabia que não podia enfrentar Sinhá Rita, e foi ter com o pai de Damião.

Mais tarde, as visitas costumeiras de Sinhá Rita, as moças vizinhas, chegaram e durante muito tempo conversaram. Sinhá Rita pediu que Damião contasse novamente a piada que me fizera rir anteriormente. Com muita insistência, Damião contou a piada. Olhou para mim, mas não podia me distrair novamente. Continuei em meu trabalho.





STQSSD

Atabada a visita, Domício ficou apavorado e seu medo começou a aparecer. Estava muito preocupado e, pelo que percebi, começou a planejar como fugiria caso seu pai ficasse muito bravo. Pediu a minha dona um casaco. Não entendi o motivo, mas vi que minha dona pegou um casaco de João Carneiro. Ele deixou na casa de Sinhá Rita no dia em que ficou tarde e noite na casa de minha dona. Ela, mentiu, dizendo que era de seu falecido marido.

A noite, Sinhá Rita passou para ver se os serviços estavam concluídos. Foi neste momento que senti a raiva e a injustiça em minha pele. A tortura era presente em todos os momentos que eu e minhas companheiras não concluíamos o trabalho. Podia sentir o desgosto a cada passo de Sinhá Rita. Chegou minha vez e ela viu que não tinha terminado. Segurou-me muito forte. Tentei fugir, e até cheguei a conseguir, porém ela me alcançou. Não podia fugir do castigo, mas não me custava tentar:

- Minha senhora, me perdoe!

- Não perdo, não.

Voltamos para sala.

- Onde está a vara?

Por um momento agradei. A vara estava de outro lado da sala, mas Sinhá Rita não deixaria barato.

- Sr. Domício, dê-me aquela vara, por favor?

"Estou livre de castigo", pensei. Domício não daria a vara a ela. Era homem de bom coração. Porém, nada na vida é perfeito e claro que Domício pensou em sua própria pele, afinal, Sinhá Rita estava ajudando-o. Me decepcionei quando entregou a vara à minha dona. Neste exato momento, a certeza de que não conseguiria dormir bem, naquela noite, foi a única coisa em que consegui pensar.



A03/17

O Caso da Vava

Um dia, na casa onde era eu criada, Sinhá Pita, uma mulher que me comprou e, por isso, acha ser minha dona, estava reclinada sobre sua maculeira, e grunha eu e as outras crianças fazíamos rinha nas almofadas. E de repente apareceu um menino, ele estava de botina, e parecia bem assustado.

- Quanto nome de Jesus! Que é isto!?

Sinhá bradou sentando-se na cadeira onde estava reclinada.

Porém aplicações, já que chegava na casa empurrando a porta com toda força, pois estava fechada.

- Mas que vem a ser isto, Sr. Domício?

Bradou novamente Sinhá Pita já assustada. Disse para que descomesse e a contou o que lhe aconteceu para estar daquele jeito. Suas mãos tremiam e seus lábios também; mal conseguia ele dizer uma palavra sequer, disse Sinhá Pita que ele não tivesse medo de nada e se acalmasse, e ele disse a ela que explicaria tudo. Ele descomessou e eu estava prestando tanta atenção que Sinhá Pita olhou para mim e disse-me com essas palavras.

- Duoreca, olha a vava!

Ei, com medo de receber o castigo, continuei meu



trabalho.

Jamiciã explicou a ela que não queria mais ir ao seminário e queria de qualquer forma sair de lá. Pelo que entendi, seu padrinho a levou para lá e nem ele e nem seu pai podia ajudá-la, apenas ela.

- Não te posso fazer, Jamiciã. Quem sou eu para interferir nos assuntos de sua família? Ainda mais com o pai que tens? Não, não interferirei.

Jamiciã ajoelhou-se diante dela e beijou suas mãos implorando de ajuda.

- Pode muito interferir, Senhora Rita. Rezo-te pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrada.

Esperneou de apavorado, não queria mesmo voltar. Me identifiquei; pois, quem disse que queria eu estar ali? Não, queria ter um pai e uma mãe, que me amassem e cuidassem de mim, não uma mulher que só me castigava e me escravizava, dizendo a todos que era "minha dona". Senhora Rita, lisenciada com as súplicas de Jamiciã, deixou-se convencer por ele e tentou entrar em contato com seu padrinho, mandou um menino, um escravo dela, para que fosse ter com João Carneiro.

Jamiciã ficou aque, esperando, preocupado; Senhora Rita acalmou, então eles começaram a ficar mais calmos. E foi então que o padrinho de Jamiciã, João Carneiro, chegou, e ficou assustado quando viu ali seu sobrinho. Foi explicou tudo a ele quando foram as três jantar, e neste mesmo jantar Jamiciã contou uma piada e eu ri. Ela





no que Sinhá Rita não gostou muito, e me ameaçou:

- Lucrecia, olha a vovó!

Ela disse bem assim e eu, com medo de ser castigada, voltei aos meus serviços, mas ainda prestei atenção na história daquela menina.

O padrinho de ^{Jamirã} João, após uma longa discussão com Sinhá Rita fez abençoar o pai da menina, Jamirã ficou preocupada com uma cara de espanto e desespero.

Passado um tempo, um menino, escravo de João Carneiro, foi até Sinhá Rita entregá-la uma carta, e pela cara que Jamirã fez quando abriu, não era nada como Sinhá Rita queria mesmo e girou, tomba que a amirã e a desse:

- Se que não há com o que se preocupar, pois agora, é como se com quem seu pai tratava.

Pegou ela a mesma carta que Jamirã leu, um chifre de tartaruga e escreveu algo e pediu para que o criado de João Carneira a levasse de volta. Quando voltou eu tinha novamente parado meus trabalhos para prestar atenção nela, talco minha. Mas Sinhá Rita, diante de todas as criadas disse que quem não acabasse os trabalhos até antes de deitar, receberia castigo. Chegando então a hora de dormir, Sinhá Rita fez com que se todos tinham acabado, mas, eu não tinha.

- Ah, malandra!

- Sinhá cá que vou te ensinar uma lição!

Ampliei para que ela não me fizesse nada, mas de nada adiantou.





- Jamiciã, pegue aquela vara no canto da sala, por favor.
Simplerei também a ele para que não pegasse, mas novame-
mente, nada me adiantou. Vi que ele estava ao pegar a vara,
mas enfim, a entregou a Sinhá Rita. Fim, recebi meu cas-
tigo. Não acho que Jamiciã queria realmente ter entre-
gado a vara a ele, mas quem era eu? Uma criada que ele
mal sabia de conhecer, não podia me ajudar. Licho que prope-
rei subir a pele dele ao invés de minha. Não o culpo.
Sei que estavam pelo jeito da história, esperando um final
ruim, mas não foi. A verdade foi bem feliz.

3) Meu nome é Glúcerea, tenho duas lindas filhas, luto contra
a escravidão e contra todos os que a praticam, também luto a
favor da liberdade de expressão e escolha, junto com meu amado e
pai, Jamiciã.





A0417

O Caso da Vaca

Hoje eu estava trabalhando na sala da casa de Sinhá Rita, quando Domiano ajudado de João Carneiro, entrou pela porta desesperado. Nesse Domiano começou a contar a que acontecia com ele no seminário, contou as despesas que ele passava, e estava certo de que não podia ser um bom padre, logo em seguida Domiano pediu ajuda a Sinhá Rita muitas vezes, até que ele falou:

- Meu padrinho ele não me atende, duvido que atenda alguém.

Sinhá chamou um menino, e mandou que fosse a casa de Sr. João Carneiro. Eles se distraíram do assunto e começaram a contar piadas, mas quando eu li sem querer Sinhá chamou para mim e falou:

- Lucrécia, olha a vaca!

Fiquei quieta e abaixei a cabeça





na mesma hora, porque tinha que acabar meu trabalho antes de admitir se não seria castigada.

Foi quando Sr. João Carneiro chegou e Sindhá Rita disse que era preciso tirar Vamião do seminário.

2) Se passou na minha cabeça "Por que eu fui escutar a conversa de Sindhá e Vamião, agora estou atrapalhada no trabalho."

Logo de manhã, eu não tinha acabado o trabalho, foi quando Sindhá viu que não tinha cumprido o mandado por ela e ficou furiosa, me agarrou pela orelha, começou a me atingir, quando pediu a Vamião para pegar a vara. No momento, eu pedi ajuda a Vamião, mas ele não fez nada para me ajudar.

3) Ele foi e pegou a vara para entregar a Sindhá para ela me castigasse. Mais tarde quando todos foram dormir eu peguei minhas coisas e fugi da casa de Sindhá Rita e fui morar em outra cidade onde Sindhá Rita não me encontrasse.



O caso da Vóca recontado por Jucácia

A05/17



1) Meu nome é Jucácia e sou uma criança com uma personalidade, com uma personalidade, porque sou muito xixi uma negra, magricela e escrevo não tem voz suficiente para ser sua própria assistente.

2) Sou uma das mulatas que fazem o serviço de Sinhá Rita, uma mulher muito bondosa comparada aos outros domos de escravos.

Uma vez, eu fazendo meu trabalho na casa de Sinhá Rita em lugar do capim. Eu que sou a pé, desespurada e apalada repente, já cheguei na marquês. Sinhá Rita só sabia chorar por Jesus, angustiada com a situação em que se encontrava.

3) Eu junto com os companheiros de trabalho assistimos a "Judo" de vobos de vobos.

4) O Sr. Domício, ajudado de João Lameiro, grande amigo de Sinhá. (Os outros membros da casa só comemoravam essas impurezas sobre os deus, mas nunca fui de gostar de furtos.)

5) Nunca o vira antes, mas quando se pequi-me a pensar sobre como era Tomomha a filha desse modo logo em seguida o mesmo começou a replicar-se sobre que chegara com toda esta brutalidade na casa de Sinhá.



escrevia que não comeria nenhum crime e que já explicaria tudo. Uma possibilidade já logo chegava a minha filha e cobrinha. Será mesmo que não haveria cometido nenhum crime e estava se aproveitando da inocência de Simão que tinha 40 anos então das sua idade e 23 em seu caso.

Só quando se explicava, saiu de volta a história. O pai do moço em uma atitude relutante queria o obrigou a ser padre. e abandonasse todas as felicidades de sua juventude.

O casamento com Simão foi o seguinte: o jovem dormia e desconscia enquanto ela resolveria a situação intervenindo por meio do padrasto, São Lourenço.

No dia seguinte acordada nos meus serviços de todo dia, devido minha timidez em prestar atenção do moço. Simão na logo aplicar-me o São sofreu com um castigo. Eu replicava como todo dia como se houvesse a menor possibilidade de tudo aquilo ocorrer. Aquela moldura pedras de madeira que ela usava para me bater não

Amigo da história

desaparece



estava perto, mas sim, perto do moço, ela logicamente o pedira e eu iludidamente pela minha não possibilidade de ele não passar o objeto e de alguma forma resolvermos aquela situação juntos. Nos, obviamente ele passou.

MATT GROENING



18/9/17

A06/17

A escrava Lucrecia

Eu me chamo Lucrecia, tenho 11 anos, sou uma escrava e sirvo a senhora Sinhá Rita.

Um dia estava eu e minhas "amigas" que também eram suas crias, trabalhando sentadas em volta da sala, diante das almofadas de renda de Sinhá Rita. Num instante, entrou um menino espavorido dentro da casa dela, mas, ele estava tão espavorido e sem fôlego que deu-lhe um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. Depois de entrar espiou pela rótula, a ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

Sinhá Rita sem entender o que estava acontecendo, perguntou à Damião:

- Mas o que é isto, Sr. Damião?

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que já ia explicar o acontecido. Sinhá Rita então mandou-lhe descansar, e logo, explicar-se. Sr. Damião já deixou bem 

18/9/17

claro que não praticou nenhum crime.

Quando Damião e Sinhá Rita estavam esclarecendo as coisas, eu e as outras crias só estávamos ouvindo tudo o que falavam.

Enquanto Damião tentava se explicar, Sinhá Rita dizia que não se meteria em negócios de família, que ela mal conhecia e também disse que as pessoas dizem que o pai de Damião era zangado.

Damião pedia para que Sinhá Rita o salvasse da morte, porque se voltasse para sua própria casa, se mataria.

Sinhá Rita chamou um escravo para que fosse à casa do Sr João Carneiro para que viesse a sua casa, que precisava conversar com ele imediatamente.

Sinhá Rita quis agradar o rapaz Damião, e apesar da situação não lhes custou muito. Dentre de pouco tempo os dois riam, um contava piadas para o outro. Em uma das piadas que Damião contou, me distraiu, e acabei me esquecendo do trabalho, e comecei a prestar atenção no que eles diziam, e ri de uma piada. Sr Sinhá Rita me ameaçou com a vara, dizendo que ia me bater. Abaixei a cabeça me defendendo do golpe, mas, o golpe não veio.

Percebi que Damião teve pena de

18/9/17

mim, e resolveu me apadrinhar se eu não terminasse a Tarefa.

João Carneiro chegou, empalideceu quando viu Damiano, e olhou para Sinhá Rita que não gastou tempo. Disse-lhe que não tinha vocação para a vida eclesias tica.

* No dia seguinte chegaram os vizinhos de Sinhá Rita para tomar um café, como de costume, Sinhá Rita pede para Damiano contar aquela piada que me fez rir no outro dia. Ele contou, todas as moças riram. Reparei que Damiano olhou para mim, para ver se eu ia rir também. E eu não ri, fiquei quieta.

Chegou a hora de recolher as tarefas e só eu que não tinha terminado. Sinhá Rita viu que eu não havia terminado e me agarrou por uma orelha. Ela ordenou que Damiano pegasse a vara, ele chegou a caminhar em direção a mar quesa, lá que estava a vara. Pedi perdão por tudo que houvesse de mais sagrado. Damiano parecia confuso, mas, ele precisava sair do seminário. Chegou a mar quesa, pegou a vara e entregou à Sinhá Rita.

Quando Sinhá Rita foi me bater, Damiano segurou sua mão, dizendo:
- Não precisa fazer isso com ela.

tilibra

18/9/17

Sinhá Rita então, refletiu, me pediu perdão e disse que isso não ia mais se repetir, e a partir daquele momento me prometeu que seria mais legal com todas as crianças, e que virariam "amigas".

tilibra

Anexo Y – Redação do Aluno A07/17

A07/17

O caso da vara

Eu estava bordando algumas almofadas quando de repente um garoto abriu a porta com tanta força, que acabou caindo no chão da sala, parece que ele estava espantado, e com seus braços, a minha irmãzinha observou tudo sentada na cadeira, e o garoto viu e pediu a fechar a porta com força, o garoto se chamava Damiano e ele contou para minha irmãzinha que ele estava com tanta vergonha que acabou fugindo de casa e pediu para minha irmãzinha para ela ajudar ele, mas a minha irmãzinha disse que infelizmente não pode ajudar, mas o Damiano estava tão desesperado que acabou se ajoelhando e beijando a mão dela implorando pela sua ajuda, mas a minha irmãzinha disse que não pode ajudar, mas novamente o Damiano falou que nunca mais ia voltar lá, e com tudo isso a minha irmãzinha aceita ajudar o Damiano.

Minha irmãzinha chama um de seus moleques para ir até a casa de José Carneiro para chama-lo ou se ele não estiver em casa é para ir procura-lo. Quando eu cheguei para o Damiano ele estava tão triste, minha irmãzinha tinha quarenta anos na cerimônia de batismo e vinte meses, José Carneiro já foi amigo do marido da minha irmãzinha, passou um tempo e José Carneiro chega na casa de minha irmãzinha, quando eu vi a cara de José Carneiro percebi que ele estava impressionado ao ver que Damiano teve a coragem de fugir do esconderijo, e a minha irmãzinha pediu para José Carneiro para ir para a casa de Damiano para resolver esse problema.

Mais tarde, o Damiano estava mais calmo, e estava vindo contando anedotas para minha irmãzinha, teve uma anedota na qual não consegue seguir e acabou rindo um pouco, por conta disso a minha irmãzinha ficou zangada que fugiu a vara e me amareceu, e ela me deu o seguinte prazo: se eu não

terminar o trabalho até a noite, eu ia apertar de novo e eu fiquei pensando, esse
amedata e tão engraçada então por que eu nesta das eras não riram, uma coisa
eu tinha certeza, se eu não terminasse eu ficaria com uma cicatriz na cara, porque
Sinhá Rita é tão grossa, e pra piorar meu trabalho está pela metade, não dá
se eu consigo terminar esse trabalho até a noite, e a decisão eu tomei com
uma cara de pena.

Cheguei a tarde, e as vizinhas da Sinhá Rita foram visitada
como de sempre, e as conversas: no varanda, tocando suas molins e
conversando e quando elas já estavam indo embora Damião foi contar a
amedata para as vizinhas e elas ralharam muito engraçada, com eu estava
no meu trabalho apressado, antes que terminasse a prova, passou um tempo
depois, Sinhá Rita recebeu uma carta de João comendo dizendo que o pai de
Damião ficou tão furioso que chegou a quase queimar tudo o que tinha na sua
folta, e com essa mensagem Damião ficou desesperado, mas a Sinhá Rita
mandou a carta, dizendo que esse problema não foi resolvido as
elas não iam se falar mais.

Cheguei a noite, na hora de entregar os trabalhos,
inclusive a mim, Sinhá Rita estava observando os trabalhos das outras quando
Sinhá Rita viu o meu trabalho, ela evita ao ver que o meu trabalho estava
incompleto, e com isso a Sinhá Rita chamou o Damião para pegar o
vara, mas naquela hora Damião estava com muita pena de mim, e com isso
o Damião queimar o vara e isso foi uma distração para que eu fugisse do
lá, pulei a janela e fugir, e quando a Sinhá Rita foi me procurar, eu não
estava mais lá, e com isso eu posso dizer que eu sou uma pessoa lista!

~~Eu~~ fui viciada da Bahia

A08/17

O caso da Vara

Meu nome é Lucrécia tenho 11 anos, sou escrava da Sinhá Rita, uma mulher apressada, viva, patusca, omígia de rir, mas brava como o diabo.

Um dia apareceu um homem mais para um menino, na casa de Sinhá Rita fiquei espantada, ele parecia estar apavorado. Ouvindo a conversa deles, Sinhá Rita e o menino, descobri que seu nome era Domiano, e que estava fugindo de seu tio *João Carmeiro. Seu tio queria que ele voltasse para o seminário, lugar de onde ele havia fugido. Domiano pediu para que Sinhá Rita o salvasse, porque não seria um bom padre e tinha desgosto do seminário. Mas Sinhá Rita não poderia deixá-lo em sua casa, afirmando que não se mete em negócios de outra família. Então Domiano desesperado se ajoelhou aos pés de Sinhá Rita, beijou-lhe as mãos e disse:

— Sinhá Rita, peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, pela alma de seu marido, salva-me da morte, se eu voltar para aquela casa me mato.

Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas de Domiano, tentou mudar a cabeça do moço, dizendo:

— A vida de padre é bonita e bonita, e que o tempo poderá lhe mostrar que é melhor viver as repug-

tilibra

rãrcias ...

- Não nada, nunca! Abanando a cabeça e beijando-lhes as mãos, repetindo que era a sua morte.

Responde Domiano retucando.

- Por que não ia com seu tio? Sinhá Rita pergunta.

- Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai, não me atende, duvido que atenda a ninguém... Domiano responde.

- Não atende? Ora, eu lhe mostro se atende ou não... Responde Sinhá Rita interrompendo Domiano.

Sinhá Rita mandou um escravo ir a casa do Sr. João Carneiro, e que se não o encontrasse, perguntasse onde ele poderia ser encontrado, porque precisava conversar imediatamente.

Domiano suspirou alto e triste, Sinhá puxou-lhe o nariz, rindo disse:

- Onde lá, seu padeco, descanse que tudo se há de arrumar.

2) { Luis alegrar o rapaz, e apesar da situação, não lhe custou muito. Ela lhe contava várias piadas e ele tombava. Esqueci do trabalho para escutar o que Domiano dizia, coisa que eu não deveria ter feito, porque fez me rir. Sinhá Rita pegou uma vara e me ameaçou, dizendo:

- Buzúcia, olha a vara!

Abaixei a cabeça desviando do golpe, mas o golpe não veio. Era apenas uma advertência, se a tarefa não estivesse pronta até a noite, eu receberia o

libra

/ /

castigo de costume. Domiano ficou olhando para mim, parecia estar me encarando, devia ser pelo fato, de eu ser negra, magrela, parecida com um frango de nada. Teve pena de mim, e resolveu apadriñar-me, se eu não acabasse a tarefa.

Nisso, João Carmeiro chegou, impalideceu quando viu ali seu afilhado, olhou para Sinhá Rita, e ela sem perder tempo, disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, e que ele não tinha vocação para seguir a vida eclesiástica, e que podia ir e servir a Nosso Senhor sem estar no seminário. João Carmeiro, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar "pessoas estranhas", e que o castigaria.

- Castiga-lo por que? Se o senhor quiser, tudo há de se arrumar. Linda, Sr. João Carmeiro, seu afilhado não volta para o seminário! Interrompe Sinhá Rita.

João Carmeiro não se animava a sair, nem poderia ficar. Reparei que ele estava com a pupila desviada, a pálpebra trêmula, o peito ofegante, parecia estar com o olhar de súplica para Sinhá Rita, perguntando o por quê queria que mudasse a carreira do filho, por que não lhe pedia outra coisa?

- Vá, vá, disse Sinhá dando-lhe o chapéu e a bengala.

Domiano respirou. Exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fixados no chão. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo e disse:

- lнде pntar, pare de melomédias.

- l senhora cr que ele alcome alguma coisa?

Pergunta Domião.

- Há de alcomar tudo! Sinhá Rita responde.

No dia seguinte chegaram as moças vizinhas de Sinhá que iam todas as tardes tomar café. Estava eu na sala, e Domião na cozinha, ouir ele perguntou do a Sinhá Rita se essas moças vinham o prender, levantaram-se e foram a sala.

Antes da tarde acabar Sinhá Rita pediu a Domião que contasse esta piada que lhe agradara muito. Era a tal que me fizestes oir.

- lnde Domião, conte que as moças querem ir embora.

Domião contou a piada e acabou entre risadas das moças. Ele não esqueceu de mim, e ficou me encarando, provavelmente para ver se eu ria. Eu ri, mas ri para dentro porque não queria apanhar com a vara.

As vizinhas foram embora, l alma de Domião foi-se fazendo tnebrosa. De instante a instante, ia espiar pela retula, e voltava para casa desanimado. Nem sombra do padrinho, fiquei sabendo que seu pai foi à polícia pedir um pedestal, que vinha aqui pegá-lo à força e leva-lo ao seminário.

l noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. Inegócio ainda não estava composto, o pai ficou furioso e quis quebrar tudo; bondar que não, senhor que o preta havia de ir para o seminário. Explicava na carta que falar assim para melhor combater a causa.

tlibra

/ /

Não a tinha por ganho, mas no dia seguinte lá iria ver o homem, e timon de novo. Concluiu dizendo que o meço fosse para a casa dele. (Fiquei sabendo o que estava escrito na carta porque um dos escravos me contou.)

Sinhá Rita, na meia folha da própria carta escreveu respondendo: "Joãozinho, ou vez salva o moço, ou nunca mais nos vemos". Deu a carta ao escravo para que ele a levasse de volta. Licho que Sinhá Rita e João Lameiro tinham um caso, já ouvi a vez dele aqui na casa de Sinhá Rita, mas isso não é da minha conta.

Era a hora de recolher os trabalhos feitos por nós escravos. Todos tinham concluído as tarefas, menos eu, ainda estava terminando uma almofada. Sinhá viu que a tarefa estava incompleta, ficou furiosa e me puxou pela orelha dizendo:

- Ah malandria!

- Pelo amor de Deus! Por Nossa Senhora que está no céu. Respondi.

- Nossa Senhora não protege radeiras! Responde Sinhá com raiva.

Conseguí me soltar dela e sair correndo, mas Sinhá conseguiu me pegar, me levando de volta a sala. Eu estava chorando e pedindo para que me perdoasse, mas ela dizia que eu deveria ser castigada.

- Onde está a vara? Sr. Domiã, dê-me aquela vara, faz favor?

Domião ficou sem o que fazer.

- Dê-me a vara, Sr. Domião! Ordena Sinhá Rita.

tilibra

Domiano chegou a comilhar para ir buscar a vara, eu implorei que pelo que houvesse de mais sagrado, que não a pegasse. Mas não adiantou nada de pegar a vara e entugou a Sinhá Rita, que me bateu com tanta força; mas fazer o que, se Domiano não tivesse entugou a vara ele estaria no seminário, coisa que ele não quer, mas também eu não estaria com "machucados" físicos e muito menos "machucados" no coração. Isso que dá os pessoas pensarem apenas em si mesmas.

A09/17

Olhos Inquietos

Estava eu a arrumar as almofadas, quando chega um rapaz de vestes estranhas. Atentei meus curiosos para toda aquela algazarra, "nossa, aquele moço realmente fugiu assim?", passei a me distrair com a história.

As outras que estavam comigo, nem ligavam para o ruído, mas eu, sendo muito curiosa, fiquei a prestar atenção e a analisar todo o ocorrido.

Os olhos amarelados, via-se medo ansiedade e nervosismo em seus olhos. Ela, a patroa, estava com os olhos colmos e superiores. Isso patroa, me assustava, lembrava-me uma cobra, de qualquer outro animal sutil, ela, por mais velho que fosse, tinha a aparência feroz, feições rígidas e olhos penetrantes. Sua voz era suave e tentadora, atraia suas vítimas para suas emboscadas, "e quem eram?" deixem se perguntar, eram os homens.

Um por um, vários por vez, não importava, a vítima sempre os encatava. De repente, em meio a conversa, fui levada por uma piada, e assim, os olhos da patroa se voltaram para mim.

Me ameaçou com uma vara, na qual já estava consada de apunhar. arregalei os olhos e me isolei no canto, ela riu, isso me assustava quando ria, era algo debochado. Ela me perdoou e voltei ao ~~trabalho~~ trabalho.

Tentei ignorar a conversa, mas não fui capaz de ignorar todo o acontecimento, o feroz chorava e tremia de medo, não queria voltar para o seminário, a Simba era sua última esperança, João Carneiro se retirou da sala, com as mãos tremulas.

e os olhos pensativos e cansados.

Ajudi minhas colegas a preparar e apitar a mesa de jantar.

Enquanto servia, notei os olhos nervosos de Damiana.

Havia chegado as amigas da patroa, Damiana escapuliu para o quarto, e eu, voltei ~~para~~ almoçadas, ela agia com naturalidade, não estava nada abalada.

Me retirei do comêdo, quando voltei, me deparei com o escravo do padrinho, trouxe uma carta dizia que o pai do jovem ficara furioso, era estranho o comportamento da patroa, tinha um ar de superioridade, já o jovem, tinha o corpo sinalizando medo, e os olhos arregalados, de repente Sinhô Rita disse em forma de recado, que se quisesse tomar a si-la, deveria resolver o caso.

Era hora de recolher os trabalhos, esomnando com atenção ali chegar em mim, o tal trabalho incompleto despertara raiva na patroa, agarrou-me pela orelha me puxando pelo comêdo, implori para que me solta-se, mas ela não fez.

De tanto me esquivar, consegui sair de suas mãos, ela ordenava para que chegasse perto, de repente ordena para que Damiana lhe entregasse a vara, implori para que ele me ajudasse, e ele acabou entregando com muita relutância, mas entregou.



A10/17

O Curso da Vara

2) Não sei bem quando essa história ocorreu, mas acho que foi no ano de 1850. Eu estava na casa de minha sinhazinha. O seu nome era Rita e ela era muito má amiga e com as outras escravas da casa. Eu era a mais nova, com meus onze anos.

Um dia que em um belo dia estava sentada na sala fazendo renda e ouvi exato um toc toc... na porta, e logo depois um homem entra na sala como um cavalo empurrando a porta, na hora eu tomei um susto. Hoje Sinhá Rita levantou da cadeira e foi falar com ele, e assim o reconheci, era Sr. Domício que estava ofegante e espionando pela retícula da porta.

3) Todas nós tínhamos parado com a renda e enquanto o rapaz tomava fôlego Sinhá Rita deu um jeito e nos pediu a voltar a renda. Ou ouvi eles falando de que Sr. Domício tinha fugido do seminário, e estava pedindo ajuda a Sinhá Rita, nesse momento ela chamou um moleque, um escravo colega meu, e o mandou ir até a casa de João Carneiro o tio de Sr. Domício e se ele não estivesse em casa, o procurasse aonde ele estivesse e que fosse correndo, ela começou a brincar.

24 · 03 · 93

near com Sr. Danião que estava triste, pensativo e eles logo começaram a rir, e uma das piadas me chamou a atenção, eu dei o alar mas logo que Sinhá Rita notou rapidamente, passou a mão em uma vara que estava ao pé da marquesa, e me ameaçou com ela, então voltei o alar novamente para a revista, e esta era só uma ochestaria, se eu não terminasse a lição de viria o castigo.

Logo chegou João Carmo apavorado, eles conversaram não ouvi muito a conversa, então depois de um tempo ela pediu que ele saísse e chamou Danião para jantar, depois de terem comido, chegaram eles, eram 5 vizinhos, menos que iam todas as tardes tomar café com Sinhá Rita.

Saíram os vizinhos e a noite caiu liti que chegou uma carta para ela não sei que estava escrito mas a enfeireceu e ela falou bem alto quando escreveu no verso da carta "Deãozinho eu vou ralar a minha, eu nunca mais nos viremos" fobou a carta e a deu a um George, para que leve depressa.

Eu caí da noite só eu estava sentada a almofada e ela veio Sinhá Rita com fogo nos olhos e foi veio me falando tapas e me chingando pois bem até que eu mecesse mas depois muito, eu e ela estovamos de um lado da sala Danião e a vara do outro, e ela pediu que Danião do outro pegasse a vara ele parece pensou duas vezes pensou em falar algo mas foi em direção a vara, enquanto eu gritava.



OH MY!

Minnie



Mouse



MINNIE MOUSE

18 . 09 . 17

A11117

O Caso Surpreendente

Não sei bem o ano, foi antes de 1850. Eu uma pequena negrinha, com apenas onze anos de idade, magricela, com uma cicatriz na testa, e minha queimadura na mão esquerda, sendo escravizada naquela casa com Sinhá Rita. Uma viúva de quarenta anos, mas vinte e sete nos olhos, feita com um coração de pedra.)²

A cada dia que passava me sentia mais excluída de tudo, sem o poder de opinar nada e nem enfrentar ninguém.)²

Mas, enfim, preciso lhe contar o dia em que foi completamente aos limites, pois sempre guardei tudo isso para mim.)²

Éra manhã de uma sexta-feira de agosto, estávamos todas na sala em volta de Sinhá Rita. Quando entrou um homem com aparência espavorida, fugitiva. E, logo, Sinhá Rita bradou, sentando-se na marqueta, onde estava reclinada.

- Santo nome de Jesus! Que é isto?

E todas nós, paramos os bilros e as mãos.

Parece que o nome do rapaz era Domício, mal podendo falar, ao passar um padre, deu um empurrão à porta. Depois de tomar fôlego, contou tudo, pois ele havia fugido de um seminário, e que João Carneiro era seu padrinho, mas implorou para que não

18 . 09 . 17

o entregasse e sim para o salvar.

Mas Sinhá Rita se recusou e ligou para João, Damião suspirou alto e triste.

Querendo então, alegrar o rapaz, apesar da situação, em poucos minutos, começaram a rir, ao contar anedotas. Eu, esquecera o trabalho, para escutar o meco, acabei dando risadas também. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, me ameaçando.

- Olha a vara, Lucrecia!

Ordenando também para que a tarefa estivesse pronta até omeitinha, ou então receberia o castigo de costume.

Nisto, chegou João Carneiro, empalideceu quando viu o afilhado. Foi indo, Sinhá Rita explicou tudo.

Entardecendo, chamou os para jantar e pensar melhor sobre a situação. Quando escutavam moças chegando, e foram atender. Acabou que Damião contou-lhes algumas anedotas. Ao voltar, nem lembra do padrinho.

Sinhá Rita, viu que já era a hora de recolher os trabalhos. Foi se concluir as tarefas. Apenas, as minhas que não estavam prontas. Ela havia ficado muito nervosa, me agarrou pelas orelhas. Finalmente, aquela vez, tive voz.

- Me largue! Não fale desse jeito comigo, estou cansada de tanta crueldade. Se pelo menos o respeito e a educação existisse por aqui, algumas coisas daria certo. Estou me indo embora desta casa.

E de uns tempos para cá, está vida de escritora vem sendo



OH MY!

Minnie



Mouse



MINNIE MOUSE



A12/17

O caso da Vara
(Machado de Assis)

Eu estava na sala fazendo meus afazeres, evitando ser castigada, quando um rapaz jovem passou pela porta, o mesmo parecia apavorado, estava aflito e inquieto. Na ação dispendida deu um empurrão à porta.

- Mas que é isto, Sr. Damiano? - foi a dona da casa, minha patroa, bradar maravanhamente.

O rapaz pareceu ficar ainda mais nervoso, proferiu palavras como: não tenho medo, etc, etc, etc,

2 (mas não pude prestar muita atenção, tive de guardar minha curiosidade e terminar minhas tarefas)

Os olhos de minha patroa estavam espantados, esperando a explicação do rapaz até então desconhecido por mim. Assim como Sinhá Rita a vizinha também estavam com os ouvidos atentos, mesmo que distanciadamente, eu também estava. Sinhá Rita adormeceu que trabalhassemos, por isso não pude ouvir muito,

2 (mas pelo o que entendi, o rapaz pedia ajuda para minha dona, para que ela o ajudasse a sair do semimócio.)

2 (Eu estava mesmo tentando não prestar atenção, podia que se Sinhá Rita descobrisse ela não iria gostar, mas, minha curiosidade de 11 anos era maior, pude perceber que no começo minha dona estava relutante, mas, logo, cedeu a sua ajuda. Em seguida pude ver

Simão Rita chamar um de seus escravos, um moleque, eu o conhecia. Vi-a brincando, puxando-lhe o nariz, sendo não conseguiu quibir seus ordens ao moleque, por isso, continuei meu trabalho que infelizmente estava mais atrasado que os dos outras quadras.

Em seguida pude ouvi-los rindo, contando piadas, uma das piadas que o rapaz contou fez-me rir, fazendo com que eu me distraísse e parasse o trabalho por segundos. No mesmo momento em que minha dona viu isso, parou de rir e veio até mim, segurando uma vareta em suas mãos.

- Luocécia, olha a vulto!

Eu chapei minha cabeça brevemente, já me preparando e tentando me proteger do golpe que via, mas, para minha surpresa não veio. Era apenas uma advertência, agora, eu realmente precisava terminar meu trabalho, agora mais atrasado.

A tarde caiu e eu fiz o máximo para terminar a tempo, mas não consegui. Era hora de Simão Rita escolher os trabalhos assim que viu que eu não havia terminado, puxou-me pela orelha.

- Ah! malandra!

Eu implorei para que ela não me castigasse, implorei por piedade, mas nada.

- onde está a vareta? - perguntou para o rapaz o mesmo que me fizera rir, pedindo para que ele entregasse a ela. Pude ver sua relutância e dúvida, como se não quisesse entregar, mas no final, ele entregou. Pensando somente nele e em seu bem próprio.

A13/17



O caso da Vava.

Eu sou uma dessas escravas de Simbra Rita, uma nequiha, magricela, de apenas 14 anos, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Sou a Duciécia, minha Dona é uma mulher que tem cinquenta anos, mas tinha os olhos de vinte e sete, era apressada, viva, patrusca, mas quando não a aldeia ficava brava como um diabo.

Foi ali eu faço um Trabalho glas. Fante consativo, vinda, crivo e boudade. Eu estava na sab quando alguém empurrou dezes. perada a porta, era o Sr. Damião, estava sem fôlego, não tinha palavras para as prenas. Estávamos todos apavorados pelo modo que seu Damião chegou. Dona Simbra Rita que eu, e pediui a ele uma expli cação. Estava espantada também como todos nós escravos.

Damião disse que foi a iria se expli can, que precisava sa de um tempo para poder conseguir explicar claramente o que havia acontecido. Enquanto o senhor Damião tomava fôlego, a patroa ordenou todos nós, que continuássemos a Trabalho, e esp. use.

Até que Damião conseguiu descansar, e começou a falar. Contou a Simbra Rita que tinha de ir para aquele seminário e pedir a patroa que ajudasse-o.

Foi enquanto fazia esse Trabalho curio e via o que estava se sucedendo e Dona Simbra Rita pediu a ele sua ajuda, ali se



kajoma



que não se meteria em assunto de família!
Sr. Damiano suspirou até que ela decidiu ajudar, mas antes perguntou por que ele não foi pedir ajuda ao seu padrinho.

- Meu padrinho? Brrr é pior do que o papai, não me atendia, pois ele não atende ninguém...

- Não atende? Interrompeu Sinha Rita, se ele mesmo se atende ou não...

A Sinha Rita contei aqui que eu chamava um moleque e que mandasse - e na casa de Sr. João Carneiro chama-lo! Enquanto Sr. João Carneiro não chegava, Sinha Rita contava ao Damiano que seu padrinho era amigo de seu falecido pai, e que era para ele descansar que tudo seria resolvido.

Sinha Rita quis alegrar o rapaz, e conseguiu independentemente da situação, e eu contava anedotas e ele pedindo mais...

Que lá quando gargalhados, acabei me deixando de ler e fui também, até que me esqueci de meu fualinha, só para esultar o moço.

Quando menos esperava, eu estava tão empolgada que nem percebi que poderia tomar uma advertência de minha Dona.

Até que então Sinha Rita pegou a vara e me ameaçou, abaixei a cabeça e fui terminar a tarefa. Percebi que meu Damiano ficou com pena, mas não se meteu.

Então, chegou o Sr. João Carneiro, empalideceu quando viu seu afilhado ali,



Ficou claro por saber que seu afilhado tinha sido perdoado era "pessoas estranhas", depois de ter um uma horrível discussão. Sinhá Rita mandou si João Carneiro embora e disse que seu afilhado não voltaria para o seminário.

Vi que então a patroa tentou mais uma vez tentar mudar a opinião de Sr. João Carneiro, mas estava complicada. O tempo foi passando e a noite chegou dona Sinhá Rita e si Damião juntavam e eu continuava a mesma rotina. Estava pensando a semana, comecei a ouvir vozes que vinham da sala... Ou as vizinhas que iam lá todos os dias tomar um café com a patroa.

O si Damião percebeu que tinha chegado gente; falou para sinhá Rita que tinha vizitas. A dona então se passou para a sala com o senhor Damião; eles começaram a conversar e o tempo foi passando. Todos se divertiram e eu eu ali como uma pessoa que nem se estava lá. Trabalhava, ficava praticamente imersível.

A noite chegou e as vizinhas foram embora, vi o si Damião sempre. Ali que chegou um pedreiro e a chispeira começou a aumentar, aquele pedreiro só veio para entregar uma carta do pai do Damião.

Enquanto seu Damião lia a carta, eu ouvia tudo! Ali naquela carta dizia: - Que era para Damião voltar pa-





na casa...

2) Sinhá Rita pegou a carta e disse que ela escrevia a resposta! Aqui eu vou falar com muita intimidade sobre o sr. João Carneiro. Fiquei pensando em coisas que acabei me destruindo, e nem sei o tempo passar.

Todos os escravos já tinham terminado seu Quilombo, eu era a única que ainda não tinha terminado a tarefa.

O medo começou a tomar conta de mim, fiquei desesperada, pois já sabia que algo iria acontecer comigo.

Cheguei a hora da Sinhá Rita recolher nossos Quilombos, a dona percebeu que todos tinham concluído a tarefa menos eu! Fiquei furiosa, e veio para cima de mim, logo sem pensar duas vezes quis me castigar...

Fiz o maior esforço para sair de suas mãos, até que consegui, corri! Mas não adiantou ela veio atrás me pegou pelos ombros, pediu a vara para seu Damiano.

2) Damiano ficou furioso e estava com muita dor de mion, mas estava em "diálogo" com a Sinhá Rita, por ela tê-lo ajudado. Vejo que Damiano caminhava a direção da vara e começava a suplicar para ele não pegar a vara.

Sinhá Rita com a vara em fogo e os olhos arregalhados; Damiano se sentiu compungido!





5

Ali que peguei a vara e dei-lhe a
sema Rita; fiquei marcada e doída por
alguns dias... Não aguentava mais viver dentro }
daquela casa! Foi então que tomei coragem e
diz-me a ela:

- Põe-te para o fôrme e move-te para
meu, do que conviver com uma mulher
igual como tu! Peguei as minhas coisas }
e fui embora; dei um rumo na minha
vida... Baseei-me em emprego; moro em um
mau casinha simples; mas o que importa é
a paz que sinto agora.

Blank lined area for writing.



A14117

A Vovó e a Escrava

É lá estava eu, uma neguinha magricela, com uma cicatriz na testa e uma quimadura na mão esquerda, se não me falta a memória, foi mais ou menos 1849, eu tinha por volta de uns 11 anos, e minhas amigas e parentes também escravas. Quando de repente um moço entrou na sala um moço espartido, não sei bem que ele foi passar na rua que se fez bater a porta tão rapidamente e depois ficou espartido pela retida, mas sei que minha dona Simão Rita ficou muito espantada. Não demorou e o menino cujo nome era Domício começou a se explicar, ele dizia ter fugido de um seminário, e pediu ajuda a ela para que ele pudesse sair daquele seminário, pois ele queria não estudar para padre, e se voltasse para lá se mataria. Certo momento da conversa, minha pergunta a Domício porque ele não voltava a seu padrinho para que lhe ajudasse, e o menino respondeu:

— Meu padrinho? esse ainda pior que papai, não atende a mim e a ninguém!

Não demorou e minha Rita interrompeu o menino dizendo que o tal padrinho a atendia, e mandou ir com o meu, também escravo, ir chama-lo. Certa vez, certa noite, e Domício começou a contar piadas a pedido de Simão Rita, eu que estava com os outros em pé



prestando atenção, achei uma delas engravada, foi quando parei meu trabalho e coloquei-me a vir. Simbá virou, mulher virada e mã, vendo então que tinha eu parado meu trabalho, terrou em suas mãos uma vara de fiqui-
ro em suas mãos, e amigou-me dizendo:

— hucúcia, olha a vara.

Fiquei com medo, abaixei minha cabeça, e pensei que o moço Damião não tinha optado daquela situação, e que ele havia me olhado com os olhos da compaixão, decidi comigo mesma naquele momento que, se o mínimo não conseguisse sair do seminário eu o ajudaria a fugir, pois ele aparentava ser uma ótima pessoa, que pensava no próximo como em si mesmo. Logo em seguida chegou o padrinho de Damião, que por acaso era o senhor João Carneiro, amante de Simbá desde que fui comprada por seu falecido marido. Sem trair na língua Simbá ordenou a senhor João Carneiro que resolvesse esse problema para ela, porque ela não deixaria o mínimo voltar de forma alguma para o seminário, já amateira e era hora de Simbá ir a recolher os trabalhos, e o meu... Por ter parado para vir não consegui terminar meu trabalho a tempo, eu que já era acostumada a apANHAR fui pega pela orelha, comecei a chorar e implorar para que me voltasse, mas não funcionava, e foi quando vi que a vara estava atrás de Damião, em cima da calceira da marquessa, e quando eu começava a ficar aliviada, por pensar que um moço que fazia uma escrita vir não a entregaria para ser castigada, tras de rep-

MAXIMA



Rayla



me senti uma varanda na perna, sim, ele entregou-me a ser castigada.



MAXIMA

A15/17

9 caso da vovó

Um dia estava fazendo Runda na sala de minha Senhora quando, de repente entrou de uma vez, no um rapaz chamado Domício. Eu e as outras meninas ficamos assustadas, mas não poderíamos parar nossos afazeres. A minha Sinhá ficou espantada quando viu Domício dentro de sua casa com roupas do seminário.

Ela lhe disse que era loucura ele fugir do seminário. O que seu pai, e padrinho são barneiro ia fazer. Mas Domício só queria sair de lá. Era uma coisa que ele foi obrigado a ir. Um lugar que lhe dava desgosto de ficar. Domício pediu ajuda a Sinhá Rita para que convencesse o padrinho para que ele não voltasse. Enquanto isso pediu a uma das outras escravas trazerem algo para Domício comer. Sinhá Rita começou a falar que era melhor ele voltar para o seminário antes que seu pai não surtasse. Seu padrinho são barneiro não viu gestão da atitude do rapaz.

Então, quando Domício estava tomando chá disse a Sinhá Rita que são barneiro não ouvia ninguém. Sinhá Rita, mais do que depressa lhe disse:

- Não ouve ninguém? Isso que quiser!
- Então tente falar com meu padrinho pelo amor de Deus.

Sinhá Rita me mandou arrumar um quarto para seu Domício. Imediatamente fui para o quarto de hóspedes arrumar tudo por lá.

Domício com as vestes do seminário foi até a casa para vê se o muro era de uma altura que desse para fugir. Quando voltou para dentro da casa, Sinhá Rita lhe deu um conselho que ela diz ser do seu falecido marido. Mas não era todos naquela casa.

- 2 Sabiam que Sinhá Rita estava tendo um caso com João Loureiro. Não me meto nesse assunto pois um dia estava na sala e os dois estavam muito próximos, como eu estava observando eles, Sinhá Rita ficou
- 3 envergonhada comigo lá e pegou a vara de couro e bateu uma vez na minha costas, ordenando que saísse dali mais rápido possível se não vou apertá-la mais.
- 5 No outro dia Domício estava sentado na cozinha da sala, quando Sinhá Rita gritou seu nome.
- Lucrecia, sua bastarda, espere aqui!
- Sim, minha senhora.
- Você vai ser só, sua inútil!
- Mas senhora... o que eu fiz?
Estava sendo puxada pelas orelhas até a cozinha. Domício apareceu na cozinha perguntando o que eu tinha feito para receber o castigo.
- 5 - Essa daqui não lavou a louça do café da manhã, vai receber o castigo que merece.
Mas do que depressa comecei a escapar daquela senhora louca e fui pros fundos da casa.
Sinhá Rita ficou me xingando. Me escondi num quartinho, e lá fiquei chorando, pensando em o acumular um jeito de fugir dessa casa.
- 3 Foi chegando à noite, Domício chegou na ala de exaeres perguntando de mim. Dizendo que queria conversar comigo. Sai do meu cantinho e com medo, pelo o que ele iria fazer comigo. Domício me disse que não era para se preocupar com Sinhá Rita pois ele iria protegê-la das maldades da Sinhá. Dormi feliz, porém com receio que

aquilo tudo que ele disse fosse mentira.
 No outro dia, estava fazendo renda na sala como
 todo dia, quando Sinhá Rita, chegou me disse
 que eu estava fazendo tudo errado. Mandou Domício
 pegar a vara de castigo, que parecia ser um rinto com
 manivela e tudo. Ele foi de rigo pegar a vara.
 Quando percebi que ele tinha mentido para mim,
 dizendo que iria me ajudar. Então ele entregou
 a vara na mão da Sinhá Rita, pedi-lhe a ela que não
 me castigasse por um erro tão banal.

Pedi-lhe a Sinhá Rita que me deixasse trabalhar sem
 medo de todo hora apanhar.

Como isso Sinhá Rita se acalmou e não me bateu
 graças a Domício.

Dois dias depois Sinhá Rita falou com João Carneiro
 e ele começou a deixar Domício sair do seminário.
 E todo dia Domício vinha na casa de Sinhá Rita e
 como ela estava me tratando. Além que um dia
 Domício me deu um papel dizendo que este papel
 era a carta de liberdade e que Sinhá Rita concordou em
 me dá-la liberado.

Os anos passaram, e o que era só um amigo
 querendo me ajudar, virou um amor e se tornou
 meu futuro marido. Hoje temos uma família grande
 e feliz.

